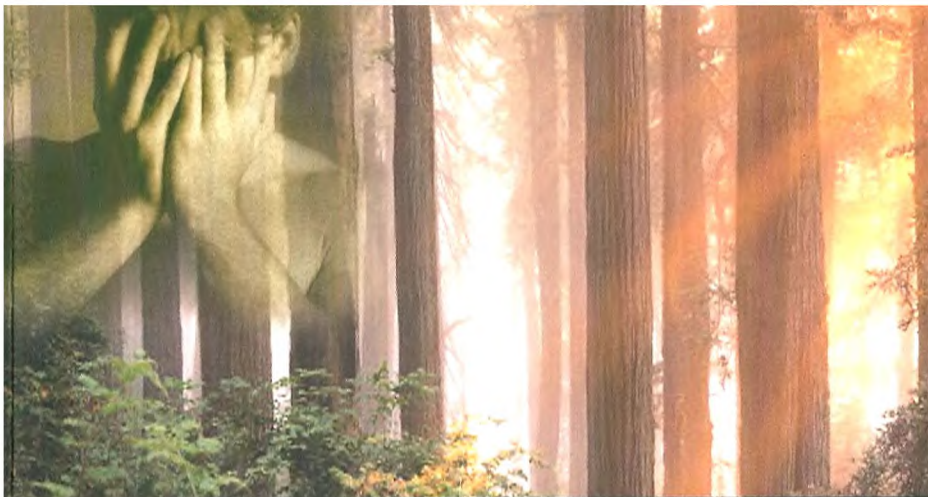




O SILÊNCIO DE ADÃO

LARRY CRABB

Don Hudson e Al Andrews



Um dos traços mais notáveis da personalidade masculina é a omissão. Sempre que as coisas ficam confusas ou apavorantes os homens se contraem, se calam, se afastam... Esse comportamento fica muito claro no casamento, mas não apenas nele; também se manifesta nos demais ambientes do universo masculino. Por que a omissão é uma marca tão forte entre os homens? Por que a maioria deles não assume com naturalidade a liderança que Deus lhes deu? dr. Larry Crabb, psicólogo e conselheiro cristão, uniu-se a outros dois terapeutas, Don Hudson e Al Andrews, para investigar as razões pelas quais os homens quase sempre se escondem. Eles partiram do relato bíblico da queda do homem, relatada em Gênesis e chegaram a conclusões inusitadas e desafiadoras. O resultado é este: um *best seller* e uma obra singular. Um retrato incômodo, porém, revelador da natureza do comportamento masculino.

O SILÊNCIO DE ADAO

LARRY CRABB

Don Hudson e Al Andrews

Tradução
Wanda de Assumpção

Mazinho Rodrigues


VIDA NOVA

Copyright © 1995 Lawrence J. Crabb, Jr., P. H. D., P. A., dba,
Institute of Biblical Counseling

Título do original: *God Calls Men To Move Beyond... The*

Silence of Adam Becoming Men of Courage in a Word of Chaos

Traduzido da edição publicada pela Zondervan (Grand Rapids,
Michigan, USA).

7.^a edição: 2003 (ISBN 85-88254-90-5)

8.^a edição: 2006

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

ISBN 85-275-0366-2

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Judith Ramos

Billy Viveiros

REVISÃO

Billy Viveiros

Solange Mazzoni Viveiros

Editoração

Idéia Dois Design

CAPA

Ailton Siqueira Lopes

Magno Paganelli

Para Nossos Filhos,

Kep e Ken

Michael

Hunter

Que possamos ser bons pais para vocês

s u m á r i o

Adão permaneceu em silêncio quando devia ter falado	9
Introdução	13
A História Começa	
Larry Crabb	17
Don Hudson	21
Al Andrews	25

Primeira Parte

Algo Sério Está Errado: O Sonho se Perdeu

1. Uma visão para os homens	31
2. Homens viris e homens pouco viris	43
3. Teologia da receita	57
4. Adentrando a escuridão	69
5. De caos em caos	79
6. Um chamado a ser lembrado	91
7. Ele estava lá e se calou	103
Conclusão da primeira parte	119

Segunda Parte

Algo Vital Está Faltando

Os Problemas da Comunidade Masculina

8. Homens que combatem a escuridão	125
9. A Maneira como os homens pouco viris se relacionam	137
10. Homens que exigem que os outros correspondam as suas expectativas	147
11. Homens que só precisam de si mesmos	159
Conclusão da segunda parte	171

Terceira Parte

Algo Poderoso Está Disponível

Uma Geração de Mentores

12. Pais: homens que acreditam em nós	175
13. Irmãos: homens que compartilham segredos	191
14. O Sonho restaurado: uma geração de mentores	205

A História Continua

Al Andrews	213
Don Hudson	221
Larry Crabb	231

Notas	237
-------------	-----

Adão permaneceu em silêncio quando devia ter falado

Onde estava Adão quando a serpente tentou Eva? A Bíblia diz que após Eva ter sido enganada por Satanás, tomou do fruto proibido “...e comeu, e deu também ao marido, que estava com ela (ênfase acrescentada) e ele comeu”¹ (Gn 3.6).

Será que Adão estava ali o tempo todo? Em pé, bem ao lado da esposa, enquanto a serpente a enganava com sua astúcia? Estava ali, ouvindo cada palavra? Se estava – e há boa razão para que pensemos assim – uma importante pergunta precisa ser feita: por que ele não disse nada?

Antes de Deus criar Eva, Ele já ordenara a Adão que nunca comesse de certa árvore. Era, pois, de se esperar, que Adão transmitisse tal proibição à esposa quando esta entrou em cena. E presumimos que ele o fez.

Mas quando a serpente iniciou uma conversa com Eva, com o intuito de confundir-lhe as idéias a respeito da bondade de Deus, Adão não disse nada. E ele estava ali ouvindo cada palavra! Ele ouviu Eva citar incorretamente a ordem de Deus; ordem que um dia, cuidadosamente, lhe retransmitira. Estava observando quando Eva começou a olhar para a árvore proibida. Viu quando ela deu um passo na direção da árvore e estendeu a mão para apanhar seu fruto. E não fez coisa alguma nem falou palavra alguma para detê-la. Adão permaneceu em silêncio! Por quê?

Lembre-se de que Eva foi enganada pela serpente, mas Adão não (1Tm 2.14). Ele sabia o que estava acontecendo. Talvez devesse ter-lhe dito: “Ei, espere um minuto! Querida, essa ser-

pente está aprontando encrenca. Estou vendo claramente sua lábia diabólica. Ela a está enganando para fazê-la pensar que você tem mais a ganhar se desobedecer a Deus do que se permanecer fiel a Ele. Isso é uma mentira! Deixe-me contar-lhe exatamente o que Deus me disse antes de ter feito você. E olhe à nossa volta. Isto é o Paraíso. Deus o fez e deu todinho para nós. Não temos nenhuma razão para duvidar da Sua bondade.” E, então, afastando-se de Eva deveria ter dito: “Serpente, esta conversa acabou. Suma daqui!”

Mas, Adão não disse nada. Ele ficou ali, viu e ouviu tudo e não disse uma palavra sequer. Ele falhou com sua mulher. Falhou em representar Deus, em sua primeira luta espiritual. Falhou como homem!

O silêncio de Adão é o começo da falha de cada homem, da rebeldia de Caim à impaciência de Moisés, da fraqueza de Pedro até a minha falha em não amar, ontem, devidamente a minha esposa. É também um retrato – inquietante, mas, revelador – da natureza do nosso fracasso. Desde Adão, todo homem tem tido uma inclinação natural para permanecer em silêncio quando deveria falar. O homem se sente mais confortável em situações nas quais sabe exatamente o que fazer. Quando as coisas ficam confusas ou apavorantes, suas entranhas se contraem e ele se afasta. Quando a vida o frustra, com sua enlouquecedora imprevisibilidade, ele sente a raiva crescer dentro de si. E então, cheio de terror e fúria, ele se esquece da verdade de Deus e trata de se defender. Desse ponto em diante, tudo dá errado. Voltado apenas para si mesmo, ele se vira para fazer sua vida funcionar. O resultado é o que vemos todos os dias: paixões sexuais descontroladas, maridos e pais sem envolvimento, homens zangados que amam estar no controle de tudo. E tudo isso começou quando Adão se recusou a falar.

Os homens têm um chamado singular para se lembrarem do que Deus disse e falarem de acordo; a adentrarem a perigosa incerteza com confiança e sabedoria que vêm do ouvir a Deus. Em vez disso, como Adão, nos esquecemos de Deus e permanecemos em silêncio.

Enquanto isso Satanás continua obtendo um número excessivo de vitórias: em nossa sociedade, em nossas igrejas, nas vidas de nossas esposas, filhos e amigos. Está na hora dos homens recobram a voz, de ouvirem a Deus – e de falarem.

(

Introdução

Este livro foi escrito por três homens que estão crescendo, mas lutando – homens que confessam abertamente que as lutas parecem se aprofundar à medida que a vida continua. Nossas vidas simplesmente não estão certinhas da forma que a cultura cristã parece achar que deveriam estar. Espera-se que os homens cristãos, especialmente os da liderança, se sintam constantemente encorajados, sejam apaixonados por sua visão e tenham muito poucos problemas. Homens amadurecidos não deveriam lutar com pensamentos doidos, impulsos pecaminosos ou sentimentos de desespero. Entretanto, achamos que eles lutam.

Nosso conceito de masculinidade espiritual está mais relacionado a alguém continuar “funcionando”, a despeito das dificuldades, do que por sua vitória sobre elas. cremos que o Espírito de Deus está menos interessado em nos dizer como fazer nossas vidas funcionarem e mais interessado em despertar – em meio às incessantes dificuldades – a nossa paixão por Cristo. Ao invés de solucionar nossos problemas, Ele, com maior frequência os usa para nos desequilibrar, para nos tornar menos seguros sobre como a vida se desenvolve, para nos levar a fazer as perguntas difíceis que temos pavor de fazer, para trazer à tona as dúvidas obstinadas e as exigências feias que nos mantêm longe de Cristo.

Não cremos que a Bíblia apresenta um plano para fazer a vida funcionar, como muitos pensam que deveria. Achamos que ela oferece uma razão para continuarmos em frente mesmo

quando a vida não vai tão bem. Se pudéssemos encontrar fórmulas que realmente funcionassem – fórmulas para vencer a ira, produzir filhos piedosos ou para nos sentirmos mais achegados às nossas esposas – nós as seguiríamos. Mas não cremos que elas existam. Em nosso modo de pensar, os verdadeiros homens admitem o medo da confusão mas não fogem dela na direção de uma confiança fácil ou um “plano de tantos passos”.

Atrai-nos mais o mistério da vida do que sua previsibilidade. Não porque gostemos especialmente de nos sentir confusos e sem controle. É difícil sentir essas coisas. Às vezes, detestamos isso. Mas não achamos que temos escolha; não, se enfrentarmos a vida com toda a honestidade.

Algumas partes da vida, é claro, são ordenadas e controláveis. Carros não funcionam sem combustível, dentes limpos com fio dental desenvolvem menos problemas, famílias não se saem tão bem sem maridos e pais envolvidos. As coisas que podem ser feitas devem ser feitas. Naquilo que a vida pode ser controlada, deve ser bem controlada.

Mas, as partes mais importantes da vida, aquelas partes que compõem tudo o que o Cristianismo deve ser, nos parecem mais misteriosas do que controláveis, mais caóticas do que ordenadas. O que você faz quando descobre que sua filha foi abusada sexualmente por uma babá? Como você lida com o ciúme inclemente que tem do amigo que ganha mais do que você? O que pode fazer com uma vida de fantasias imorais que simplesmente não vai embora? Como você se aproxima de Deus quando tudo dentro de si parece morto? Como o Espírito de Deus nos leva ao lar do Pai, onde a festa está ocorrendo?

Simplesmente não há nenhuma fórmula para seguir ao tratarmos com as coisas mais importantes para nós. E achamos que Deus planejou para que fosse assim; não para frustrar ou desanimar, mas para evocar de nosso interior algo que Ele já colocou em nós, algo que é liberado somente quando nos entregamos a Ele no meio do mistério. A masculinidade espiritual envolve a coragem de continuarmos nos movendo – em meio a uma confusão avassaladora – rumo aos relacionamentos. Pou-

ca relação tem com entender exatamente como funciona e depois fazê-lo.

Escrevemos este livro como três homens vivendo histórias inacabadas. Debatem-nos com perguntas que ninguém responde. Fracassamos diante de coisas que, a esta altura, achamos que já tínhamos superado. Lutamos contra feios desejos dentro de nós, inclusive o impulso de desistir quando a vida nos deixa combalidos. Lutamos para viver em comunidade uns com os outros.

Mas, ainda, temos esperança. Talvez nossas vidas estejam se movendo rumo a um tipo de maturidade que nos deixará boquiabertos e a Satanás mudo. Entremos a esperança de que, embora estejamos confusos, às vezes, desanimados e ocasionalmente, desesperados, ainda estamos nos movendo na direção de nossas esposas, nossos filhos, nossos amigos e nosso Deus.

Nem sempre nos movemos com desenvoltura e, às vezes, paramos. Mas nunca como um ajuste permanente. Esta é a nossa mensagem central: masculinidade significa mover-se – nem sempre com sucesso, ou mesmo em vitórias, mas, mover-se, com o tipo de movimento que somente uma fascinação por Cristo, apaixonada, consumidora, dirigida pelo Espírito pode produzir. E essa é a verdadeira vitória.

Permitam que nos apresentemos a vocês: somos três homens, cada qual com uma história para contar – histórias de tristeza, alegria, fracasso, sucesso, tédio, paixão, vingança e amor. Venha conosco enquanto consideramos o que significa ser homem e viver conforme Deus tencionou que os homens vivessem.

A história começa

LARRY CRABB



O garoto na primeira fileira com o sorriso maroto, aquele na ponta esquerda, sou eu, aos quatro anos de idade. É uma sensação estranha olhar para mim, cinqüenta anos mais tarde e conjecturar o que está por trás daquele sorriso exibicionista. Minha mente se afasta desse retrato e vagueia em diversos rumos.

Lembro-me de quando tinha cerca de trinta anos de idade. Eu acabara de dirigir um estudo bíblico na sala-de-estar de Phil e Evelyn. Durante a confraternização que se seguiu, agarrei um pedaço do bolo de Evelyn e dei umas voltas. Posso me ver brincando, provocando, entretendo – prendendo cada uma das pessoas que eu havia acabado de ensinar com o que minha memória diz ser um sorriso barulhento, não muito diferente do que aparece no retrato. Após todos terem saído, exceto eu e minha esposa, Evelyn me procurou com um olhar conhecido, um olhar preocupado: “Acho que sei porque, às vezes, você age como palhaço” – ela disse. Imediatamente senti-me apinhado, até um pouco irritado, mas consegui aparentar despreocupação. “Ah é? Por quê?”. “Porque isso alivia a pressão de ser o homem que você é.”

Outra lembrança. Talvez eu tivesse uns doze anos. Eu estava de férias com meus pais e irmão, passando a noite num hotelzinho rústico nas montanhas, ao norte do Estado de Nova Iorque, logo depois de uma cidadezinha modorrenta chamada Schroon Lake. Minha cama era a parte de cima do beliche. Uma janela se abria para o lago, banhado pelo luar e emoldurado por mil pinheiros.

Lembro-me de estar deitado no beliche, olhando pela janela, totalmente arrebatado pela majestade daquela cena. Um senso irresistível de que eu era parte de algo grandioso, algo belo, insinuou-se em meu consciente. Em toda a minha vida, essa foi, talvez, a coisa mais próxima a um chamado de Deus que já ouvi. Eu sabia que me encaixava, sabia que era parte de uma história maior e me senti despertado. Eu tinha algo para dar que faria uma diferença. Eu me emocionei muito. Senti-me elevado a uma dimensão que eu jamais vira antes. Mas, também senti-me amedrontado, aterrorizado com um temor que queria me paralisar.

Outro episódio me vem, agora, à lembrança. Cresci em Plymouth Meeting, um minúsculo bairro no subúrbio de Filadélfia e meu quarto ficava no fim de um longo corredor. Certa noite, eu estava deitado na cama, lendo a minha Bíblia. Talvez tivesse uns treze anos. Ouvi os passos de meu pai vindo na direção do meu quarto. Escondi depressa a Bíblia debaixo dos lençóis e agarrei um gibi. Papai teria ficado encantado ao me ver lendo a Bíblia. Mas, por que lhe neguei essa alegria? Por que preferi ser visto com um gibi?

Se você perguntar à minha mãe como eu era, quando garoto, ela decerto replicará imediatamente – como já o fez muitas vezes – e com um olhar de afetuosa exasperação: “Ele era maroto!”

Desde a minha infância, até terminar o colegial e a faculdade, trabalhei duro para ser bobo. Ninguém que me conheceu nesses anos jamais adivinhou que eu me sentia chamado por Deus e que eu lia a Bíblia. O fato de eu escrever livros sérios, em vez de histórias em quadrinhos, tem surpreendido a maioria dos meus amigos da infância e adolescência.

Será que venho tentando por anos, do jardim da infância em diante, esconder minha essência atrás de bobagens? Será que eu brincava com nossos amigos de estudo bíblico para impedir que eles me levassem muito a sério? A noção de que eu tinha algo a dizer a este mundo me aterrorizava? Seria eu, um malandro, tentando fugir de um chamado – sentido desde muito cedo – de ser homem, buscando negar os sonhos que estavam se formando dentro de mim?

Talvez eu ainda seja um malandro; ainda continue sorrindo enquanto me assento na fileira da frente da minha comunidade. Eu me pergunto se a perspectiva de mover-me para dentro do meu mundo, como a pessoa que sei que sou, ainda me apavora; talvez isso me enfureça e faça com que eu me sinta isolado, desligado, solitário. Estes pensamentos me passam pela cabeça enquanto fito o sorridente garoto de quatro anos que fui – e talvez ainda seja!

Enquanto continuo olhando a foto, toda uma seqüência de pensamentos me ocorre. Não tenho nenhuma lembrança disso, mas não posso imaginar que a professora da escola dominical ficasse especialmente contente com meu sorriso malandro. Se eu fechar os olhos e visualizar o que presumo fosse seu olhar de desaprovação, posso sentir um estranho prazer, um sentimento definido de satisfação. Jamais senti que fazia parte do meu grupo de coleguinhas. Nunca me curvei com facilidade debaixo de padrões. Talvez eu goste que seja assim. Um pouco de rebeldia é gostoso.

Talvez haja um tipo bom de rebeldia, um brio, uma coragem de viver autenticamente, mesmo que o preço seja o de não se encaixar. Talvez seja a coragem de sonhar. Seja o que for, gosto disso.

Um pouco de reflexão honesta me faz pensar que sou um iconoclasta, um não-conformista, um radical de cabelos curtos e jaqueta esporte azul-marinho. Um seminário me contratou como professor por sete anos – e depois me pediu que saísse. Minha presença não se ajustava bem com parte de sua clientela. Em retrospecto, posso ver uma centena de coisas que eu disse e fiz que compreensivelmente os preocupariam. Muitas dessas coisas foram imaturas; algumas, pecaminosas; outras, eu faria de novo.

Sinto que liberar a pessoa que sou é um negócio perigoso. Talvez eu seja um malandro rebelde de sorriso maroto no rosto, com maior frequência do que percebo. Mas, nem a rebeldia nem a malandragem me definem. Há outra coisa que é mais central no meu ser. Sou um reflexo masculino do caráter de Deus.

Eu fui projetado para mover-me dentro – e através – do meu mundo com riso e esperança. Sou chamado a me preocupar menos com conformidade do que com integridade, menos em me integrar e mais com as visões de um sonhador. A leveza do riso da esperança e a coragem de permanecer sozinho, enquanto sonhos, são buscados; são as marcas de um homem.

Fazer palhaçada é o riso barateado. Os palhaços fazem caretas. Os homens riem. A rebeldia é a integridade corrompida. Os rebeldes destroem. Os homens dão vida. Não quero ser nem palhaço nem rebelde, mas não quero evitar esses dois erros com tanto rigor que perca as boas qualidades que eles disfarçam. Não quero ser um conformista previsível, preso a algo que requer menos de mim do que sou chamado a dar. Não quero uma vida de fantasias que eu possa usufruir sem sair do sofá. Quero sonhos que façam com que eu me mova diante de desvantagens impossíveis.

Quero ter esperança, quando a vida for intolerável e quebrar o que a torna intolerável. Talvez o sorriso exibicionista do malandro rebelde amadureça um dia para tornar-se o riso de um romântico e a coragem de um sonhador.

AL ANDREWS



A fotografia em preto-e-branco, emoldurada, de um jogador mirim de beisebol, repousa sobre uma cômoda no nosso quarto, entre outras recordações da família. A conhecida pose em uniforme listrado, boné na cabeça e taco sobre o ombro será, imagino eu, vista por meus netos algum dia num futuro distante.

Pergunto-me como eles me olharão. Será que olharão a foto com o mesmo olhar desinteressado que muitas vezes tenho ao folhear os antigos álbuns da família? Será que rirão do uniforme “fora-de-moda” e das orelhas que se projetam de um boné grande demais? Talvez eles riam, mas espero que façam algo diferente. Quero que saibam algo mais. Meu desejo é que eles compreendam que esta foto nada mais é do que um único quadro num filme de longa-metragem e não pode ser entendida fora do contexto do filme todo. Quero que eles conjecturem sobre aquele menino. Como era ele? Quais eram as suas qualidades, suas fraquezas, seus sonhos?

Como passarei tal senso de história adiante, não tenho certeza absoluta. Mas tenho certeza de que antes de passar algo adiante, tenho de sabê-lo eu mesmo. De certo modo, preciso interessar-me vivamente por aquela fotografia antes de pedir que outra pessoa reflita sobre ela. Quero compreender as cenas do meu passado no contexto mais amplo e depois ver como

Lembro-me distintamente do vazio persistente de nossa casa, de quantas saudades eu sentia de meu pai e quanto anelava por sua presença conosco. Eu sonhava que um dia ele voltaria. Eu também temia pelo bem-estar de minha mãe. Nas duas primeiras semanas de aula, na primeira série, eu saí furtivamente da classe, sem ninguém ver e corria para casa por preocupação com minha mãe. Enquanto o restante dos meus amigos estava na escola, labutando com seus “ABC’s”, eu estava me preocupando sobre como iríamos sobreviver. O garoto de seis anos tornou-se um homenzinho. Eu estava preso entre a necessidade de ser um homem para minha mãe e a solidão de ser um garotinho sem pai.

Eu não era um homem, nem me sentia como tal, mas isso não importava. O que importava era que, quando menino, meu mundo ruiu aos meus pés e fui confrontado com um caos apavorante. Minhas circunstâncias me forçaram a inventar alguma forma para enfrentar meu terror, confusão e tristeza. Mas, como eu podia enfrentar isso tudo se não havia nada por trás de mim? Como podia ser um homem, quando na realidade eu era um garotinho? Convenci-me de que ser homem era impossível; algo como tentar tirar água fresca de um poço vazio. Assim, o impostor, começou sua jornada.

Foi assim que vivi, quando criança, e foi dessa forma que escolhi chegar à idade adulta. A maioria dos homens enfrenta casamento, filhos, vocação e finanças com grande facilidade; eu enfrentei essas coisas com um medo paralisador. Por exemplo, o casamento foi uma decisão torturante, com a qual flertei por anos.

Eu saía com alguém por alguns meses ou mesmo anos e – à medida que a perspectiva de casamento parecia estar cada vez mais perto – subitamente, milagrosamente, eu evocava dúvidas “vindas de Deus”. E eram dúvidas convincentes. Incluíam questões de como ela conseguiria viver num trailer, dependendo unicamente do salário de um pastor, ou conjecturas (após alguns meses de namoro), sobre o que acontecera com a “magia” que existia antes entre nós.

Meu padrão de namoro era tão previsível que chegava a ser apavorante. Quanto mais perto alguém chegava do meu cora-

ção, mais furiosamente as dúvidas brotavam e, mais depressa, eu corria. Eu estava correndo à toda; do quê, eu não sabia – mas estava correndo. Sempre me desculpava explicando com desembaraço, às pessoas, que isso era apenas a minha personalidade. “Olhem, sou um cara livre e sossegado”. Mas eu não conseguia escapar à desconfiança de que estava correndo das próprias coisas que mais desejava. Embora estivesse apavorado, eu sabia que desejava desesperadamente amar e ser amado. Desejava apaixonadamente partilhar minha vida com alguém especial, alguém que caminhasse a jornada comigo. Eu amava crianças, mas nunca acreditei que podia ser pai.

Para compensar meu temor e meus sentimentos de incompetência, segui o padrão que aprendi em criança: descobri uma forma de me sentir como homem. Até atingir os vinte e oito anos de idade, já realizara muitos dos meus sonhos vocacionais. Era competente e bem-sucedido em meu ministério. Atirei-me ao trabalho com uma fúria terrível. Eu vivia para competir e vencer, e desafiava abertamente as pessoas a me dizerem que eu não conseguiria realizar qualquer trabalho. Todas as vezes provava que elas estavam erradas. Mesmo retrato, só um pouco mais velho – belo terno, sorriso bonzinho, postura de sucesso.

Mas, havia algo terrivelmente errado. Eu era bem-sucedido, porém, vazio. Quanto mais eu me destacava no trabalho e na minha formação, mais eu sentia que me distinguia em coisas sem importância. Arrastava-me através do labirinto que a sociedade coloca diante de seus homens e chegava a um beco sem saída. Muito pior – eu era um beco sem saída! Secretamente, eu vivia com este lema: “No meu mundo não tenho o que é necessário para ser um homem.” Toda a minha energia era gasta para convencer a todos de que eu tinha valor por ser competente. Meu poço estava vazio e eu tentava enchê-lo com coisas que provinham de fora de mim, coisas que não eram realmente importantes. Viver e amar custa um milhão de dólares, e apenas uns poucos centavos tilintavam em meu bolso.

Se eu fosse parar aqui, contudo, minha história seria apenas mais uma tragédia. Neste livro, damos muita importância a

histórias. Uma das principais razões para isso é a nossa convicção de que somos uma geração de homens sem histórias. Somos uma geração de homens que não sabemos quem somos, por que estamos aqui, ou aonde estamos indo. Todos nós estamos nesta jornada chamada masculinidade, mas, poucos de nós, se formos honestos, sentimo-nos à vontade na senda que trilhamos. Por não ter tido o privilégio de crescer com meu pai, eu não acreditava que tivesse qualquer história a me respaldar, qualquer história para levar adiante. Eu sentia que não havia ninguém por mim, por isso eu tinha de me defender sozinho.

A ausência de história na minha vida forçou-me a voltar à história admirável de meu Pai, o único que sempre esteve presente. E descobri que tenho, sim, uma história para contar. De minha perda brotou uma história rica e variada. Agora posso ver com um pouco mais de clareza que minha história diz respeito ao toque redentor, incapacitador, de um Pai; é uma história que deu coragem a um homem apavorado, confiança a um homem inseguro, e esperança a um homem desanimado.

Se nos sentássemos para tomar um café e você me visse hoje, veria um retrato realmente estranho. De tempos em tempos, você veria um garoto que o engana com um terno e um sorriso. Você também observaria um garoto que teme e titubeia. Mas, na maior parte do tempo, você veria um homem – não um garoto – que mudou dramaticamente. Você conversaria com um homem que ama a esposa e está totalmente encantado com o filho. Veria um homem que tem algumas amizades chegadas e que já não aliena seu pai, a quem ama.

Eu costumava pensar que ser homem era pular da cama, toda manhã, com uma história perfeita – nenhum medo, nenhuma tragédia, nenhuma insegurança, nenhuma dúvida sobre si mesmo. Mas agora creio que, ser homem, neste mundo é ser alguém que tem coragem de vencer seu medo, fé para responder às suas dúvidas e amor para levá-lo além da perda. A esperança, para mim, reside no meu potencial de tocar as pessoas redentoramente, nas gerações vindouras, em vez de apenas passar esbarrando por elas, como um fantasma torturado.

"Deus fez o homem porque ama histórias".
Elie Wiesel, Os Portais da Floresta

DON HUDSON



Tenho me sentido um impostor a vida toda. Por isso uso um terno bonito, assumo uma postura de pessoa bem-sucedida, coloco um sorriso no rosto, dou a impressão de estar com tudo. Sou o retrato do sucesso. Mas não deixe que a foto deste livro engane você. Há outro retrato que nunca mostro a ninguém. Se você me enxergasse como eu me enxergo, veria uma pessoa diferente. Veria um homem que se sente inseguro e incompetente, um homem que perde horas de sono à noite porque está preocupado em ser bem-sucedido. Você veria um homem que acredita nada ter e por isso precisa fingir que tem algo – qualquer coisa – a oferecer. Veria um homem que se pergunta se existe alguma coisa debaixo desse belo terno.

O menino de terno: um excelente retrato de minha vida como homem. Exteriormente, finjo que estou com tudo enquanto, por dentro, estou desmoronando. Eu tinha seis anos de idade quando essa fotografia foi tirada; não muito depois da separação dos meus pais. Quando entrei para a primeira série, eu queria tanto me identificar com meu pai que troquei meu primeiro nome para o de meu pai. Incrível, um garotinho de seis anos trocando de nome! Mas foi o que fiz. Daquele dia em diante eu não seria mais Michael Hudson, mas, Donald Hudson.

elas se encaixam num quadro maior – o filme que estava passando muito antes de eu nascer e que continuará para sempre.

É por isso que quero fazer parte deste livro. Porque quero pensar sobre minha própria história de uma forma que faça diferença para aqueles com os quais tenho um relacionamento – minha esposa, minha família, meus amigos e meus colegas. Quero pensar sobre minha história não de uma forma absorta, mas de uma forma que conduza à mudança.

A fotografia sobre a cômoda é um reflexo do que estou querendo dizer. É uma foto minha, com oito anos de idade, vestido e pronto para o jogo. Isso é o que você pode ver. O que não pode ver é um garoto que não se saía bem em esportes de equipe. E o que você também não pode ver – o que, por anos, nem mesmo eu pude ver – são os profundos compromissos no coração daquele jogador mirim com um modo de vida particular. Mas, permita-me explicar.

Jamais me esquecerei de minha primeira vez como rebatedor. Após várias “peneiras” e meses de antecipação, eu me encontrava onde sonhara estar algum dia. Eu iria rebater. O arremessador aquele dia era um dos maiores meninos de oito anos da turma: naquela época, uma figura intimidadora. No primeiro arremesso, vibrei o taco com força e... nada! Primeiro perdido. O segundo arremesso, questionavelmente não sobre a base, mas considerado bom pelo juiz – perdido! O terceiro arremesso, saiu muito à esquerda – bola fora. O quarto arremesso, movi com força o taco e nada – três perdidos! Na verdade, não recordo o meu fracasso como uma experiência terrivelmente incomum ou difícil; ser eliminado era algo bem comum entre os jogadores do meu time.

Entretanto, à medida que as semanas passaram e eu continuava sendo eliminado, lembro-me, sim, de uma sensação esquisita que começou a tomar conta de mim. Muitos dos outros caras do time estavam começando a acertar. E com as rebatidas vinham “vivas” e berros e corridas jubilosas em volta das bases. Enquanto eles estavam se deliciando com o jogo, eu ainda não havia feito conexão de uma bola com o taco. Aos poucos minha empolgação e entusiasmo com o jogo de-

ram lugar a embaraço e esforço penoso. Comecei a ficar com a impressão de que a temporada talvez fosse bem longa, ao menos para mim.

E foi então que notei algo. Alguns jogadores conseguiam chegar à base sem terem dado uma única rebatida. Eram os rebatedores que mais recebiam bolas-fora dos arremessadores, do que os erros que eles mesmos cometiam e, nesse caso, lhes era permitido caminhar até a primeira base. De vez em quando eles conseguiam até a felicidade de ser aplaudidos ao caminharem pelas bases a caminho da base do batedor, resultado de terem um bom rebatedor vindo depois deles na escalação.

Ser eliminado foi se tornando cada vez mais humilhante, então, tomei uma decisão; embora não me lembre de que tenha sido uma decisão consciente. Dado ao fato de que os arremessadores mirins não eram conhecidos pela precisão de sua pontaria, percebi que havia muita chance de que bom número das bolas arremessadas em minha direção não passassem por cima da base. Se eu não girasse o taco teria, ao menos, uma chance de chegar à base e poderia pôr um paradeiro naquela sensação horrorosa que me sobrevinha após ser eliminado. Pelo restante da temporada, jamais girei o taco novamente. Arremesso após arremesso, o taco repousou sobre meu ombro. E embora eu fosse eliminado mais vezes do que esperava, de vez em quando, eu chegava à base. Ocasionalmente, eu chegava à base do batedor.

A história é uma metáfora tristemente apropriada para a maneira como escolhi viver boa parte de minha vida. Por muitos anos, mesmo depois de adulto, eu tinha um firme compromisso de não girar o taco, porque era doloroso demais. Quando o homem gira o taco e não acerta a bola, conhece o fracasso e a humilhação.

A incompetência é exposta e a vergonha é um subproduto desta. Mesmo que ele gire e acerte, sente a pressão das expectativas. Afinal, se você acertou uma vez, deveria ser capaz de acertar de novo. É mais fácil deixar o taco sobre o ombro e esperar a caminhada ocasional, dependente do fracasso do arremessador e do sucesso do próximo rebatedor. A emoção

de arquear o corpo para trás, voltar com tudo e rebater uma bola por cima da cerca é, para muitos homens, impensável.

Esse era o retrato da minha vida: um homem imóvel, com medo de se mover, recusando-se a se mover, querendo se mover, segurando-se devido a um compromisso anterior com a segurança, fosse na vocação, nos relacionamentos, ou nas responsabilidades da vida diária. Quaisquer sucessos obtidos, observáveis, eram atribuídos a outros e, interiormente, vistos com desconfiança.

Enquanto escrevo estas palavras, tenho uma sensação tanto de tristeza quanto de alegria. Tristeza, pelos danos que minha falta de movimento infligiu aos outros. Tristeza, também, por ficar tanto tempo separado dos propósitos de Deus, para mim, como homem. Remorso, por anos passados em impotência escolhida e aparentemente necessária.

Se este fosse o fim da história, eu não teria motivo algum para escrever. Mas há uma caneta em minha mão e ela está se movendo. Vim a conhecer a sensação de girar e acertar e, no processo, o que eu temia de fato ocorreu. O fracasso tem sido mais do que evidente e a pressão, advinda de me sair bem, apenas aumentou. Mas a paixão, morta pela minha falta de movimento, reviveu e, com ela, veio o desejo de mais.

primeira parte

ALGO SÉRIO ESTÁ ERRADO

O sonho se perdeu

Os homens se sentem facilmente ameaçados. E sempre que um homem é ameaçado, quando sente um desconforto, em seu íntimo; algo que não compreende, ele naturalmente retira-se para uma arena de conforto ou domina alguém ou algo a fim de se sentir poderoso. Os homens se recusam a sentir o horror paralisador e humilhante da incerteza, um horror que poderia impeli-los a confiar, um horror que poderia liberar neles o poder de se doarem profundamente nos relacionamentos. Como resultado, a maioria dos homens não se sente chegada a ninguém, especialmente, não a Deus, e ninguém se sente chegado a eles. Algo bom nos homens está bloqueado e precisa ser posto em movimento. Quando o bom movimento pára, o mau movimento (bater em retirada ou dominar) certamente se desenvolve.

UMA VISÃO PARA OS HOMENS

Ele estava casado há menos de dois anos e as coisas estavam terríveis. Ele se sentia perdido, confuso, zangado. Tudo o que sabia, com certeza, era que desejava conversar com o pai. Mais do que qualquer coisa, ele queria que seu pai compreendesse; que estivesse ali com ele; que olhasse bondosamente para ele, com envolvimento e respeito, sem pregar sermão nem se afastar.

O pai sempre fora o seu herói, o modelo de tudo que era bom. Bem casado por trinta e quatro anos com sua mãe fiel, uma mulher que nunca reclamava, que sempre ficou em casa. Ele podia lembrar-se de ouvi-la expressar interesse em trabalhar num hospital infantil próximo – ela realmente gostava de crianças –, mas o pai sempre a demovia de tal intento com um sorriso e um lembrete delicadamente reprovador de que ele proveria para a família.

Na igreja, também, seu pai era um exemplo maravilhoso. Como presbítero, ele servia os elementos na celebração mensal da Santa Ceia; lutara por manter o culto de oração e estudo bíblico do meio da semana quando o novo pastor auxiliar sugeriu substituí-lo por grupos familiares; nunca bebia (todos sabiam disso); dava o dízimo fielmente; fazia devocionais em família quase todas as noites; mantinha três filhos sempre sob controle. “Sua família é um testemunho tão bom” era uma frase

que ele freqüentemente ouvira dirigida ao pai, que sempre sorria e dava glórias a Deus.

Por que a distância de vinte minutos de carro à casa do pai lhe pareceu tão longa? Por que o terrível aperto no peito?

“Papai...” – começou ele – “...preciso conversar com você. Está tudo horrível no meu casamento. Não sei o que fazer!”

O sorriso. Aquele mesmo sorriso que manteve sua mãe dentro de casa por trinta e quatro anos. O mesmo que os outros achavam humilde. Ele percebeu, então, pela primeira vez, quanto o detestava.

Então, o pai falou: indicou-lhe dois títulos de livros, seguido de conselhos para que lesse Efésios 5 e da sugestão de que entregasse tudo ao Senhor.

“Mas, pai!...” – quase explodiu ele. – “Já li esses livros, estudei Efésios 5 e orei da melhor maneira que conheço. Quero algo mais de você!”

O pai permaneceu imóvel. O sorriso se foi, substituído por um olhar que poderia matar, um olhar que o filho já vira antes, mas nunca dirigido a ele. Silêncio... Um momento apavorante de tensão, depois o pai levantou-se e, sem dizer palavra, deixou a sala.

“Essa foi a primeira vez...” – admitiu ele mais tarde – “...que percebi que meu pai era um fraco”.



Pergunto-me como seria ver um homem que fosse totalmente entregue ao Senhor..

Na parede ao lado da escrivaninha, em meu escritório, estão dependuradas as palavras de D. L. Moody, escritas, emolduradas e posicionadas de forma que eu as possa ver todos os dias:

“O mundo ainda está por ver o que Deus pode fazer com e para e através e em e pelo homem que lhe seja total e completamente consagrado. Tentarei ao máximo ser esse homem.”

Amo ler biografias, as histórias de homens como Oswald Chambers, C.S.Lewis, John Knox, Jonathan Edwards, Agostinho,

Paulo e Jeremias. Ao ler sobre suas vidas, tenho a impressão de que nossas idéias modernas sobre maturidade masculina estão bem distantes do que os homens piedosos das gerações que nos antecederam compreendiam e praticavam.

Nós falamos muito, hoje, sobre coisas como vulnerabilidade e coragem de sentir a nossa dor. Eles pareciam mais interessados em adorar e testemunhar. Nós falamos de comunicação e de viver à altura do nosso potencial. Eles caíam de joelhos em quebrantamento e se levantavam para servir.

Pergunto-me se as virtudes que tentamos desenvolver eram naturais para aqueles homens de tantos anos atrás, cujas batalhas mais difíceis eram travadas contra qualquer coisa que os impedisse de conhecer a Cristo.

Nós nos reunimos em pequenos grupos para compartilhar nossos sentimentos e discutirmos princípios para nos relacionarmos mais intimamente ou para edificar a auto-estima. Eles empreendiam longas caminhadas com homens mais velhos que falavam com facilidade de Deus e que irrompiam em oração sem aviso-prévio.

Uma ocasião, durante sua “noite escura da alma” (que durou diversos anos), Oswald Chambers saía para caçar coelhos com John Cameron, um velho amigo da Escócia, acompanhado de dois cães. O propósito da caminhada era caçar, mas quando eles chegaram a uma ribanceira coberta de relva, Cameron sugeriu que se detivessem por algum tempo e orassem.

“Nós nos ajoelhamos e ele nos dirigiu em oração”, escreveu Chambers sobre a ocasião. “Então eu comecei a orar, mas o filhote collie, que havia ficado perfeitamente quieto durante a oração do ancião, imaginou que eu nada mais tinha para fazer além de brincar com ele, e começou a correr por ali, pulando sobre mim, lambendo meu rosto, e ganindo de alegria. Cameron ergueu-se, severamente tomou o cãozinho pelo pescoço e falou: ‘Quieto, quieto!’ ‘Eu sentarei sobre o cão enquanto você ora.’ E foi o que ele fez.”²

Os homens religiosos de hoje têm encontrado, com demasiada frequência, um Deus conveniente, um Deus de utilidade imediata promovido por líderes que estão mais vibrantes pelas

multidões de fãs do que pela oportunidade de quieta comunhão com Deus. O pecado mais duradouro na história de Israel foi cometido pelo rei Jeroboão (veja 1Reis 12, especialmente os versículos 26-33), que facilitou o culto das pessoas reduzindo Deus a uma divindade local, visível; e ele o fez simplesmente para promover suas próprias ambições. E funcionou. Ele conseguiu um grande número de adeptos e reinou em Israel por vinte e dois anos.

Grandes multidões podem produzir grandes coisas. Mas elas me atemorizam. A obra mais profunda, mais duradoura de Deus é feita com mais freqüência em isolamento, num diálogo pessoa-a-pessoa, ou na discussão de um grupo pequeno. Às vezes, Sua melhor obra começa nas grandes multidões, mas o que acontece ali pode ser facilmente tomado por algo acabado, quando não é mais do que algo começado.

Grandes multidões ajudam os homens modernos a se sentirem homens. Quer estejamos torcendo pelo nosso time de futebol ou dando vivas ao nome de Jesus, enfrentamos nosso vazio enchendo-o com qualquer alvoroço que pudermos encontrar. Enormes ajuntamentos nos inflam com o que aparenta ser masculinidade autêntica.

Os homens das gerações anteriores se defrontavam em batalhas intensamente pessoais que duravam anos; batalhas que esmoreciam somente quando eles se entregavam mais plenamente a Cristo, não apenas quando sentiam uma nova paixão varrê-los num grande ajuntamento ou quando descobriam algo novo sobre si mesmos na terapia. O gozo de encontrar a Cristo era liberado através do quebrantamento sobre o pecado, que levava a uma entrega reverente a Deus. Conhecer a Cristo intimamente se desenvolvia mediante uma obra profunda do Espírito de Deus que, por vezes, ocorria em grandes multidões mas, com maior freqüência, durante longas temporadas de aflitiva oração em solidão.

Pode-se argumentar que os homens, hoje, tendem a ser mais sensíveis no que diz respeito a relacionamentos do que os nossos severos antepassados. Talvez estejamos mais conscientes de que devemos “ligarmo-nos” em nossas esposas, filhos e

amigos. Talvez estejamos aprendendo que os homens de verdade são tanto ternos quanto fortes, de maneiras que os homens mais velhos nunca entenderam claramente. O movimento moderno de aconselhamento pode reivindicar uma boa parte do crédito por esse bom efeito.

Mas, sejam quais forem os ganhos que tenhamos feito na sociedade moderna, eles têm sido grandemente destituídos de seu valor porque, a maioria de nós, perdeu a profundidade da conexão com Cristo que somente vem através do sofrimento inexplicado, do quebrantamento pungente e do arrependimento profundo.

Este livro é um chamado para voltarmos aos caminhos antigos; não para desistirmos das boas lições que o pensamento do Cristianismo moderno nos ensinou, mas para voltarmos a um enfoque muito mais forte sobre como nos encontrar à medida que nos perdemos em Cristo. Quero nos ver colocando de lado os esforços para solucionar nossos problemas, curar as nossas dores e recobrar a nossa auto-estima! Quero limpar o palco para que Cristo seja destacado pela luz dos refletores; quero fixar a nossa atenção tão completamente em Sua beleza e poder que qualquer outro pensamento seja perfumado com a Sua fragrância.

Adorar Cristo, orar a Ele, procurá-Lo avidamente por toda a Escritura, humilhar-nos diante d'Ele, em quebrantamento pelo nosso orgulho e nossa devoção morna, esperar n'Ele para que nos encha com o Seu Espírito, servi-Lo com um propósito sincero e uma paixão que consome todas as outras – estes são os caminhos antigos aos quais precisamos retornar.

Ao ler este livro, não perca de vista esta verdade simples: A única maneira de ser viril é, antes, ser piedoso. Em nossos dias, os homens estão procurando sua masculinidade mais do que estão procurando a Deus. Há homens demais cometendo o erro de estudar a masculinidade e de tentar praticar o que aprendem, sem prestar atenção suficiente em seu relacionamento com Deus. Será que realmente amamos a Cristo, ou a nossa paixão é mais programada e oscilante do que genuína e constante? Estamos crescendo numa santidade que atrai os outros (princi-

palmente nossas famílias) a Cristo, ou exibimos um fervor – e praticamos um ritualismo – que somente impressiona os outros pelo nosso zelo?

Ron fazia parte de um grupo de homens, de sua igreja, que se reunia semanalmente bem de manhãzinha. Eles falavam sobre suas batalhas contra a lascívia, sobre as tensões em casa, preocupações no trabalho. Eles oravam e cantavam juntos, se abraçavam e, às vezes, choravam juntos prestando contas, mutuamente, sobre o que estava acontecendo em suas vidas. Ron sempre deixava essas reuniões animado e pronto, como homem, para conquistar seu mundo. Ele não podia ter ficado mais surpreso quando sua esposa um dia lhe pediu que deixasse de freqüentar o grupo. Ela não estava gostando do efeito que o grupo tinha sobre ele. Ela sentia que ele saía de lá mais entusiasmado do que terno, mais resolvido a fazer a coisa certa do que a se envolver com sua família e amigos.

Nossos melhores esforços para nos tornar varonis jamais produzirão a autêntica masculinidade enquanto não crescer, em nossos corações, um sentido permanente de adoração. E se pensamos que encontrar Cristo é algo que podemos fazer num seminário de fim-de-semana, então nossa adoração será superficial. Encontrar Cristo é um longo combate de aniquilamento do orgulho que passa pelo desespero e chega ao gozo incontável da plenitude do Espírito, passando novamente por um desespero mais sombrio a um gozo mais radiante ainda. Os homens que evitam esse combate experimentarão apenas um arrependimento superficial. Seu verdadeiro compromisso será para com coisas que não importam de fato. Eles jamais desenvolverão uma paixão capaz de tocar o centro de qualquer outra pessoa com amor vitalizador.

Ron acabou deixando o grupo. Ele começou a se encontrar para o café da manhã com um senhor mais velho, da igreja, que havia notado por anos mas, de fato, nunca chegara a conhecer. Ron o ouvira orar algumas vezes na igreja. Suas orações eram diferentes; pareciam conversas íntimas com um amigo muito amado. Por quase quatro meses, Ron encontrou-se com aquele homem, por vezes, todos os dias de uma mesma semana. Ron

pediu que ele lhe falasse sobre sua vida, seu casamento, seu relacionamento com Deus. Aquele senhor sempre levava a sua Bíblia e muitas vezes a abria com o entusiasmo de um avô tirando as fotos do primeiro neto. Quando aquele senhor não pôde mais participar desses encontros a esposa de Ron ficou desapontada.

Homens que aprendem a estar mais fascinados com Cristo do que consigo mesmos se tornarão os homens autênticos dos nossos dias. Os homens desta geração precisam aprender a considerar o preço de seguirem a Cristo (o custo é fácil de calcular: tudo o que temos). Nós precisamos sentir o vazio de nossas almas até que nenhum custo pareça alto demais se nos levar a um contato com Ele. Precisamos resistir à influência da cultura "cristã" que valoriza a autodescoberta e a auto-satisfação acima de nossa total entrega a Deus. Em suma, precisamos estar mais preocupados em conhecer a Cristo do que em nos encontrar.

Se tudo isto de fato acontecer, então, daqui a trinta anos, mais crianças talvez descubram, na geração mais velha, um maior número de exemplos de homens piedosos, varonis. Talvez elas sejam levadas a buscar a Deus de todo o seu coração e alma, movidas pela poderosa coerência e amor não ameaçador que vêm em nós.

Eu tenho um sonho. Somente o tempo dirá se ele é realmente de Deus. Eu acho que sim. Meu sonho é realmente bem simples. Ao olhar trinta anos no futuro, vejo alguns grupos espalhados aqui e ali, através do cenário cristão, nos quais caráter piedoso e sabedoria espiritual serão mais prestigiados do que diplomas e habilidades, e mais valorizados do que realização e competência.

Vejo uma comunidade de pessoas que lutam, atormentadas por todos os males advindos de terem de viver num mundo que nunca fomos projetados para suportar; batalhando contra inclinações e impulsos que nunca foi intencionado que sentíssemos. Vejo pessoas cujos casamentos são terríveis, cujos filhos despedaçaram sua esperança de uma família feliz, cujas emoções estão descontroladas, que passam noites horivelmente

longas aterrorizadas por lembranças de abuso indizível na infância, que se sentem tão magoadas pela rejeição que têm a impressão de que seus corações estão sendo arrancados fora do peito, que se odeiam por causa dos impulsos sexualmente pervertidos que devastam seu íntimo, que chegam perto de desistir de toda esperança sob o peso de infinita solidão.

Em meu sonho, vejo essas pessoas fazendo algo que muito poucos estão fazendo hoje na vida real. Eu as vejo passando além do consultório que ostenta uma placa anunciando um profissional cujo treinamento garante competência técnica mas não um caráter piedoso. Vejo-as devolvendo livros à prateleira da livraria cristã: os livros cujas sobrecapas prometem falsamente para agora o que somente o Céu proverá mais tarde. Vejo-as apanhando um folheto que promove o seminário do qual todo mundo está falando, olhando-o e depois colocando-o de volta no lugar.

Vejo essas pessoas entrarem tropeçando na sala de estar de uma viúva solitária, encaminhando-se para uma lanchonete a fim de passar algumas horas com o viúvo cansado, batendo à porta do escritório onde alguém que está revestido de humildade e ansioso pelo Céu, espera; alguém que é desinibidamente fiel ao apontar de maneira calorosa para Cristo.

Ante vejo uma geração na qual mentores não sejam tão escassos; na qual, pastores e presbíteros, gozem novamente de alta consideração porque pastoreiam e presbíteram; na qual, líderes cristãos não sofrem mais a exigência de administrar ministérios do modo que executivos constroem corporações, antes, são reverenciados como homens de influência piedosa. Se eu olhar com força o meu sonho, posso ver um exército de homens e mulheres sábios distribuídos entre o povo de Deus, armados apenas com discernimento delicado e sabedoria penetrante – qualidades de caráter que foram forjadas nas chamas do sofrimento. São esses os que pagaram um preço que poucos estão dispostos a pagar. E o pagaram continuamente por anos, sem alívio. Esses homens são PAIS, essas mulheres são MÃES, pessoas piedosas cuja quieta presença é sentida e valorizada.

Um jovem casal me escreveu em desespero: “Estamos casados há seis anos e simplesmente não está dando certo. Você conhece um bom terapeuta cristão na nossa área?”

Por que esse casal escreveria para mim, um psicólogo profissional, treinado e licenciado, em vez de pedir a um presbítero de sua igreja que se reunisse com os dois? Será que eles foram atraídos por meu título? Por meu caráter? Por que a maioria das pessoas que têm problemas pensam imediatamente em procurar “ajuda profissional”? Por que não procuram entre os sábios homens e mulheres cristãos? A maioria de nós não consultaria um presbítero sobre ataques de pânico ou lutas sexuais, da mesma forma que não pediria ao pastor que obturasse o canal de um dente. Por quê?

Nossa cultura comprou a mentira de que os problemas pessoais não têm uma natureza diferente da dos problemas físicos. Nos dois tipos de problema, achamos que há alguma coisa errada que só pode ser consertada por um perito cuja compreensão exceda a sabedoria oferecida pela Bíblia. Perdemos de vista inteiramente o fato de que qualquer problema não-físico é, no seu cerne, um problema moral³ que tem suas raízes no relacionamento da pessoa com Deus.

Produzimos, portanto, uma geração de terapeutas, um exército de conselheiros treinados para combaterem problemas que eles mal compreendem porque passaram mais tempo nas salas de aula, tornando-se competentes, do que na presença de Deus tornando-se presbíteros. Perdemos interesse em desenvolver mentores, homens e mulheres sábios que sabem como chegar ao verdadeiro cerne das coisas e que têm o poder de trazer recursos sobrenaturais para agir sobre o que está errado.

Se meu sonho se concretizar, toda a nossa cultura mudará. Como um terremoto que muda dramaticamente a paisagem, assim meu sonho, se concretizado, alterará profundamente nossas mais queridas instituições. Ele despedaçará nossas premissas mais profundamente enraizadas de como devemos viver nossas vidas.

Tudo que não é material mudará. Coisas que têm base em fatos científicos e em procedimentos testados empiricamente

naturalmente não serão afetadas. As técnicas cirúrgicas e projetos de engenharia para construir arranha-céus não serão mudados pela revolução com que sonho, como também não mudará o uso legítimo de medicamentos para ataques de pânico, disfunções obsessivo-compulsivas e alguns casos de depressão.

Mas, a maneira como “fazemos” igreja, como influenciemos vidas, como provemos liderança social e moral, como vivemos juntos em famílias e em comunidades – isso será radicalmente alterado.

As celebridades se tornarão obscuras. Algumas frases de um presbítero significarão mais do que todos os segredos de vida eficaz compartilhados por um comunicador aplaudido num seminário de fim-de-semana. Grandes eventos “cristãos” serão limitados a evangelismo ou a oração significativa, adoração apaixonada, ou instrução bíblica. As pessoas cobiçarão mais uma noite na casa de um conselheiro do que a oportunidade de comparecer a uma reunião para motivar pessoas. Elas saberão que, a primeira, tem mais poder para mudar suas vidas do que a segunda. Banquetes de premiação na comunidade cristã serão menos parecidos com eventos de Hollywood. As pessoas serão honradas de uma forma que significativamente as deprecie em vez de elevá-las como mais significativas por causa de suas realizações. Ninguém competirá com Cristo pelas mais altas honrarias.

Em meu sonho, eu vejo: uma geração de conselheiros, presbíteros sábios que são mais valorizados do que especialistas treinados para nos ajudar a responder aos desafios da vida; homens e mulheres piedosos cujo poder e sabedoria atingem mais profundamente as nossas almas do que o conhecimento e a habilidade de um perito. Se é para meu sonho se realizar, será preciso um milagre de Deus, não o pseudo-milagre do tipo espalhafatoso que detona um movimento mas do tipo sólido, profundo que pode dar início a uma reforma. Já tivemos movimentos o suficiente, acontecimentos suficientes daqueles que criam enormes séquitos e chegam às manchetes. Mas não temos tido nenhuma reforma por bom número de anos. Talvez tenha chegado a hora.

Meu sonho se resume numa frase tão simples quanto profunda: Se os homens se tornarem homens, o mundo se transformará. É verdade também que se as mulheres se tornarem mulheres, o mundo se transformará. Um livro poderia e deveria ser escrito – sobre um sonho paralelo, um sonho sobre mulheres mais velhas que se tornam mães e sobre mulheres mais jovens que aprendem a ser irmãs. Um livro desses sobre mães e irmãs espirituais seria um companheiro apropriado para este livro sobre pais e irmãos espirituais.

Em meu sonho, os homens mais velhos serão pais e os mais jovens serão irmãos. Quando os homens em todo o mundo recobram sua voz, liberarem seu poder e recapturarem o gozo ao seguirem o chamado de Deus para se tornarem homens autênticos, a própria natureza da comunidade cristã mudará. Esse é o meu sonho.

Mas, estou preocupado. Estou preocupado com as próprias coisas que deveriam me tranquilizar. Estou preocupado com a quantidade de atenção que todo este tópico de masculinidade está recebendo. Estou preocupado com o fato de que qualquer bem que esteja se desenvolvendo seja desfeito num futuro revide, quando o movimento masculino for exposto como uma edificação sobre areia.

Estou preocupado com o fato de não estarmos enfrentando os terríveis problemas dentro de nós que desfiguram a nossa masculinidade; problemas que somente uma cirurgia dolorosa e prolongada pode curar. Estou preocupado com o fato de termos fixado os olhos baixo demais, de estarmos correndo atrás de algo muito fácil de alcançar, de que um amor mais profundo por Cristo não esteja no centro das coisas.

Talvez estejamos nos contentando com uma falsificação da verdadeira masculinidade. Às vezes me parece que esta idéia de se “tornar um homem de verdade” foi reduzida a uma moda cultural, a um mero movimento acompanhado dos elementos de sempre: o entusiasmo de grandes multidões, a esperança de novas fórmulas, a inspiração de palestrantes desafiadores, a determinação de compromissos bradados, e as idéias dos “gurus de plantão”.

O que não precisamos é de uma explosão temporária de determinação e paixão. O que de fato precisamos é de reforma, aquela obra de Deus marcada por repetidos ciclos de quebrantamento, arrependimento, perseverança e gozo. Precisamos que Deus nos dê poder para adentrarmos o mistério dos relacionamentos num nível de conexão vitalizadora que o entusiasmo e os lemas jamais podem produzir. Precisamos abandonar-nos a Cristo de uma forma que libere tudo o que o Espírito colocou dentro de nós.

Precisamos determinar, detalhadamente, o custo de tornarmos homens até que o apelo de qualquer coisa inferior desapareça e apenas o chamado de Deus permaneça.

Se for para nos tornarmos uma geração de conselheiros e termos uma cultura cheia de homens de caráter e visão, homens que possam conduzir a próxima geração à verdadeira santidade, então precisamos cuidadosamente considerar como os homens se parecerão quando Cristo, neles, for formado.

Em dias em que a capacidade de Satanás nos vender uma falsificação do que é verdadeiro está no auge, em que é bem provável que confundamos um caminho confortavelmente estreito com o que é mais estreito ainda, precisamos começar com uma idéia clara da aparência que tem o milagre da masculinidade.

HOMENS VIRIS E HOMENS POUCO VIRIS

Dessa vez Ele estava em sérios apuros. Na verdade Ele já havia ofendido pessoas importantes antes, o suficiente para Se meter em encrencas, mas nada tinha sido tão complicado quanto agora.

Seus amigos queriam ajudar – eram todos jovens, fortes, determinados, na primavera da vida, ansiosos por irem em busca daquilo em que acreditavam. Eles se reuniram para debater o que poderiam fazer. Nenhuma de suas idéias adiantou grande coisa. As coisas tinham ido longe demais... E eles sabiam disso.

A conversa, aos poucos, passou de idéias para reclamações. Eles estavam zangados. Simplesmente não era justo. Política! Era só o que era. Política suja e podre!

Logo depois da reunião, um deles – homenzarrão de pele cor de azeitona ressecada por conta dos muitos dias passados no mar – tentou comprar briga com um bajulador do outro lado, achando que seria mesmo gostoso bater em alguém. Até os nomes feios davam certo alívio. Mas por que Ele não fazia algo? Era d'Ele, afinal, a batalha, uma batalha pela Sua vida.

O pessoal estava apavorado. Todas as suas esperanças estavam ruindo. O que fariam? O que lhes aconteceria se Ele lhes fosse tirado? Era só nisso que conseguiam pensar.

De repente, Ele os convocou para uma reunião. Ótimo! Agora estamos chegando a algum lugar. Ele tem um plano. Está pronto a mover-Se, a assumir o comando como um homem. Mas tudo o que Ele disse foi: “As coisas vão ficar muito difíceis. E isso está começando a mexer comigo. Quero que vocês fiquem por perto”. Eles já O tinham visto perturbado antes. Mas não assim.

Queriam continuar envolvidos com Ele. Mesmo! Mas era difícil ficar por ali, impotentes, apenas observando. E não tinham dormido há vários dias.

Por que Ele não se defendera quando O interrogaram? Ele tinha amigos influentes. Por que não apelou para eles? Ele não estava fazendo nada para Se ajudar. Parecia resignado – não, disposto – a suportar terrível dificuldade como se fosse Seu destino.

Ele permaneceu muito quieto, muito calmo, após aquela única vez em que desmoronou. Como conseguia manter a cabeça fria e não vociferar por justiça – ou vingança? Depois de tudo aquilo, até o finalzinho, Ele se preocupava mais com Seus amigos – e Seus inimigos – do que consigo mesmo, ainda fosse Ele quem enfrentava o pior pesadelo.

Alguém que O vinha observando por algum tempo colocou em palavras o que muitos estavam pensando: “Ninguém jamais falou como este homem!”.



Este livro é um pequeno esforço em animar os homens a pensarem seriamente sobre o que é necessário para se tornarem homens piedosos, homens para quem algumas pessoas, nas suas comunidades, olharão como presbíteros, homens que serão conhecidos mais por sua influência piedosa do que por seu talento e realizações.

Nossa cultura está agora dividida em dois grupos de pessoas: alguns peritos importantes – teólogos treinados, pastores populares, empresários influentes, profissionais habilidosos, líderes inspiradores de seminários, especialistas em auto-ajuda e gente de

classe média que vive confortavelmente com seus bons empregos e lindos filhos, gente boa que leciona na classe de “jovens casais”, na igreja – e todos os outros, as pessoas comuns que cuidam de sua vidinha cotidiana desfrutando quaisquer prazeres que possam obter e suportando as dificuldades da melhor maneira que podem. Essas são as pessoas sem as macias almofadas do dinheiro, conforto e prestígio para protegê-las das questões difíceis e da verdadeira dor – pessoas que se perguntam se aquilo que experimentam é realmente tudo o que existe na vida.

Imagine como seria, se nossas comunidades cristãs fossem compostas, não de peritos e gente comum, mas de presbíteros e discípulos: presbíteros – homens e mulheres –, que conhecem bem a Deus (e que insistiriam, é claro, que mal O conhecem, mas que viveriam para conhecê-Lo melhor); e discípulos, vastos ajuntamentos de pessoas, cujos corações foram despertados pela possibilidade de realmente conhecerem a Cristo, uma possibilidade que eles vêem demonstrada nas vidas dos verdadeiramente maduros. Se é para vir uma reforma, ela virá através de presbíteros, não de peritos.

Se é para homens comuns se transformarem em pais, para os peritos serem transformados em presbíteros, precisamos ter alguma idéia sobre a aparência da masculinidade piedosa. Precisamos ter um retrato da verdadeira masculinidade que nos leve, primeiro, ao quebrantamento – ao tornar óbvias as nossas falhas masculinas –, e então, nos incendeie com uma paixão implacável por cumprirmos o tremendo potencial de nos tornarmos verdadeiros homens.

Portanto, começo este capítulo com uma pergunta básica: Com que se parece um homem piedoso? (Você pode substituir a expressão “homem viril” por “homem piedoso”. As duas são a mesma coisa).

Será que ele é espadaúdo, confiante em si mesmo, durão, bem-sucedido? É poderoso, dedicado aos seus propósitos, capaz de manter sob controle as emoções que poderiam interferir com a realização de seus objetivos? Ele continua se movendo contra todos os obstáculos, jamais se permitindo ceder ao impulso de entrar em pânico ou chorar? Será que seu gozo mais

profundo vem do que ele realizou, mais do que daquilo que as pessoas sentem quando estão com ele?

Esse é o ponto de vista tradicional: os verdadeiros homens são durões, durões o suficiente para liderar e tomar decisões e estar sempre em movimento. Mas durante os últimos dez ou vinte anos, esse ponto de vista levou uma surra.

Dos púlpitos, em conferências e através de livros, os homens modernos têm sido encorajados (às vezes ordenados) a mostrarem seu lado sensível, a se tornarem confortáveis com a vulnerabilidade e com as demonstrações emocionais, a pararem de pensar em si mesmos como superiores às mulheres, a liberarem aquela parte de sua humanidade que anela mais por associar-se do que por realizar.

Homens que vivem pelo desígnio de Deus, é o que esse pensamento sugere, são mais gentis, mais bondosos, mais atenciosos do que achávamos que os homens deveriam ser. Agressão e poder, essas qualidades “varonis” tradicionais que levam os homens a saírem para lutar contra o mundo enquanto as senhoras ficam em casa, são agora desprezadas como erros culturais, perversões da verdadeira masculinidade.

Em nossa compreensão moderna, qualquer coisa que seja legítima sobre o “espírito pioneiro” pertence tanto às mulheres quanto aos homens. E qualquer coisa que seja atraente na vida doméstica deveria atrair tanto aos homens quanto às mulheres de volta ao lar e ao aconchego que este provê. Não devemos mais, dizem-nos, ver homens caçando enquanto as mulheres tricotam. Esses estereótipos estão mais relacionados a uma longa história de pensamento patriarcal do que às Escrituras. É assim que muitos pensam hoje.

Mas, os homens têm muita dificuldade em largar seus arcos e flechas e apanhar linhas e agulhas. O movimento moderno dos homens, agora a todo vapor, brotou parcialmente como reação à idéia de que os homens devem se tornar mais sensíveis relacionalmente – mais “afeminados”, conforme alguns têm expressado a idéia. Robert Bly deu início a isso com seu livro, *Iron John* (João de Ferro), no qual escreveu sobre um “ardor” dentro de todos os homens que está esperando para mover-se

poderosamente na vida. Em *Fire in the Belly* (Fogo nas Entranhas), Sam Keen acrescentou seu vibrante chamado a que sopremos o fogo em nossas entranhas, a que abracemos e libere-mos nossas mais profundas paixões.

Nenhum desses homens, nem a maioria dos líderes subseqüentes ao movimento masculino, deseja retornar ao estilo John Wayne de masculinidade (no qual os homens eram mais durões do que ternos), mas expressaram uma preocupação legítima de que algo primitivo e básico sobre a natureza da masculinidade corre perigo de ficar perdida na luta da cultura para defini-la.

E eu concordo. Algo se perdeu. Mas o quê exatamente? A idéia de um “ardor” primitivo encontrou ressonância dentro dos homens. O chamado para viver paixões mais básicas do que sucesso e sexo foi ouvido por milhares. Quando os homens se erguem, juntos, em enormes reuniões dos *Promise Keepers*⁴ e resolvem honrar suas responsabilidades, algo profundo que existe no coração dos homens é liberado. E por isso devemos todos ser gratos.

Ardor, paixão, determinação – são essas as qualidades no âmago da masculinidade que foram perdidas e estão agora sendo redescobertas?

Por razões apresentadas no restante deste livro, creio que já estamos mais perto do âmago absoluto da masculinidade, mas ainda não o atingimos, pelo que temos visto até agora nos movimentos masculinos.

Algo foi perdido. Há algo errado com os homens. Algo bom que Deus colocou dentro de cada homem – algo que adquire vida somente através da regeneração – não foi liberado na maioria dos homens. Por essa razão tão poucos homens são presbíteros.

Como forma de introduzir a minha compreensão da masculinidade, permita-me encorajá-lo a pensar em masculinidade como uma energia – um impulso natural dentro do coração de todo homem, um poder e um ímpeto de mover-se na vida de um modo particular.

Homens nos quais a energia masculina é suprimida, ou distorcida, são homens pouco viris, não piedosos, não importa o

que a cultura os considere. Os homens serão varonis somente quando viverem no poder da energia masculina liberada. Mas, o que exatamente estou querendo dizer com isso?

Para desenvolver uma idéia mais clara de com que se parece a “masculinidade liberada”, talvez, antes, fosse útil dar uma breve olhada num homem não-autêntico, alguém, cuja energia viril permanece adormecida ou que é expressa de forma corrompida.

HOMENS NÃO-AUTÊNTICOS

Se você estiver num relacionamento com um homem pouco viril, provavelmente o perceberá:

- Controlador (*impessoalmente poderoso*)
- Destrutivo (*ou perigoso*)
- Egoísta (*comprometido, acima de tudo, a sentir-se de certa maneira sobre si mesmo*)

O homem pouco viril controla as conversas; ele manipula a família e os amigos; arranja sua vida de modo a evitar qualquer coisa que não esteja certo de poder enfrentar. Ele não confia em ninguém; não profundamente. Ele trabalha duro para colocar-se sob uma luz favorável, numa posição da qual ele sai por cima ou pelo menos sem ser desafiado. Não é um bom ouvinte. Ele raramente faz perguntas significativas, preferindo oferecer opiniões ou permanecer calado. Ninguém se sente buscado por ele, exceto, quando sua amizade pode ser uma vantagem. Quando ele chega a demonstrar interesse por você, dá a impressão de um vendedor de carros pedindo para ver uma foto da sua família.

Ele é destrutivo. Suas palavras e ações prejudicam as pessoas, embora os colegas possam sentir-se encorajados e desafiados por algum tempo (às vezes um longo tempo). Os membros de sua família sentem os danos mais cedo e mais profundamente mas, geralmente, estão apavorados demais para admitir isso, mesmo para si próprios. Frequentemente, o verniz de bondade e afabilidade é tão espesso que o dano só é sentido com um

poder cumulativo que destrói lentamente, como pequenos indícios de veneno na água que bebemos. Ele pode ferir as pessoas diretamente com sarcasmo e maldade pura, ocasionalmente com violência. Com maior frequência, o dano é causado pela indiferença e retração, os tipos de armas que fazem você se sentir culpado ou estranho ao ser atacado. A esposa do homem pouco viril raramente sente que é apreciada. Ela pode nunca lhe dizer isto, mas freqüentemente se sente usada, depreciada ou odiada. Os filhos e amigos desse homem guardam distância. Estão zangados demais ou amedrontados demais para chegar perto.

Seu egoísmo nem sempre é aparente, mas se revela claramente nas horas difíceis. A despeito da bondade e de uma generosidade por vezes extravagante, um compromisso final com seu próprio bem-estar emerge claramente no frigar dos ovos.

Os homens pouco viris são controladores, destrutivos e egoístas. Mas essas características descrevem apenas o que é visível para os outros, o que as pessoas sentem em sua presença. Arranhe abaixo da superfície (que às vezes é espessa) e você descobrirá que existe, sustentando essas ervas daninhas, um sistema de raízes que tem uma obstinada vida própria. Em profundezas que geralmente permanecem inexploradas, os homens emasculados se sentem impotentes diante de sua determinação de controlar; uma odiosa fúria energiza sua destrutividade e eles estão apavorados a ponto de verem o egoísmo como sua única esperança de sobrevivência. Olhe dentro do homem pouco viril e você encontrará um homem impotente, zangado e apavorado tentando fazer sua vida funcionar através do controle, da intimidação e do egoísmo. As três primeiras características – controlador, intimidador, egoísta – são típicas do estilo em que o homem emasculado se relaciona, típicas de como ele se mostra. As três segundas – impotente, zangado, apavorado – representam as batalhas sendo travadas na profundidade de sua alma, abaixo do seu estilo de relacionamento. Vamos examinar com mais atenção esse segundo conjunto de características, que representa o que está ocorrendo dentro do homem emasculado.

IMPOTENTES

Brent tinha um histórico de se afastar das mulheres bem no ponto em que o próximo passo seria o compromisso. Ele explicou esse padrão da seguinte forma: “Eu simplesmente não estou certo se tenho em mim o que é necessário para fazer um relacionamento funcionar. O que acontecerá se ela exigir que eu faça algo que não posso fazer, ou seja, alguém que não sou?”.

Os homens que se sentem impotentes gostam que as coisas sejam previsíveis. Eles não gostam de surpresas. O inesperado é uma aventura emocionante apenas quando ocorre em áreas nas quais o homem pouco viril se sente especialmente competente. A adrenalina flui num cirurgião experiente quando algo sai errado na mesa de operação. Talvez, mais tarde, ele admita que ficou com medo, mas faz o que precisa ser feito no momento, e o faz bem.

Empresários com um histórico de sucessos, às vezes, demonstram nervos de aço e bom julgamento em crises que levam homens “inferiores” a cair, tremendo, de joelhos. Encanadores experientes com talento para farejar o que está errado e saber exatamente o que consertar ficam entediados com canos entupidos e vazamentos rotineiros. Problemas maiores lhes dão a oportunidade de exhibir o que sabem. Intelectuais erguem-se à altura do desafio de um debate. Eles acolhem um argumento contrário como um touro acolhe a capa vermelha. É um chamado ao ataque.

Cirurgião, executivo, encanador ou intelectual... dá tudo na mesma. A incerteza oferece um desafio emocionante aos homens somente quando ocorre em áreas nas quais eles se sentem seguros de sua capacidade.

Mas, debaixo da confiança do mais bem dotado dos homens, há um medo que não diminui. Os homens pouco viris são atormentados pela possibilidade de acontecer algo que não consigam resolver, algo que exija que eles entrem em território desconhecido, onde sua adequação não foi provada, onde seus talentos comprovados podem ser inúteis. Todo homem honesto sente esse

medo. O homem pouco viril não sente nada mais intensamente do que esse medo, mas nega o quanto isto é forte para dele.

Homens que em tudo o mais são fortes, podem se sentir apavorados por terem de falar a uma classe da escola dominical, conversar com suas filhas sobre sexo, escolher o restaurante certo para uma celebração de aniversário de casamento, ou de expressar seus sentimentos mais profundos aos amigos. Não é nenhuma surpresa que os homens pouco viris se sentem mais impotentes na única área que ninguém pode controlar efetivamente – a dos relacionamentos pessoais. Aproximarem-se de suas esposas, sentirem-se sábios o suficiente para serem respeitados pelos filhos edificarem uma intimidade saudável com os amigos – estas são áreas que têm o poder de fazer com que os homens se sintam impotentes.

Para esconder sua impotência, os homens impotentes encontram algo que possam controlar, algo que possam operar bem, e evitam aquilo que temem. Eles então consideram qualquer coisa que possam controlar como importante e ocupam a maior parte da sua energia operando-a. Isto pode ser algo tão corriqueiro quanto manter limpo o carro, tão errado quanto seduzir outra mulher, tão irritante quanto trivializar toda conversa séria com uma piada, algo tão bem recebido quanto escrever uma crítica de Cultura que figure na lista dos livros mais vendidos, ou tão consumidor quando um negócio em crescimento ou um ministério em expansão. Os homens impotentes passam a vida controlando algum resultado e iludindo-se em pensar que isso importa.

ZANGADOS

Homens zangados irritam-se facilmente. Exasperam-se quando alguém lhes pede que operem fora de sua esfera de competência, que usem recursos que eles não estão certos de ter. Quando a esposa pede envolvimento, o homem zangado tende a pensar naquilo que já lhe deu: geralmente uma lista de coisas materiais (“Olhe só a casa em que moramos!”), pecados não cometidos (“Sempre fui fiel a você”), ou comparações favorá-

veis com outros homens (“Pelo menos não fico grudado na TV, assistindo aos esportes todas as noites como seu irmão. Saímos para jantar com amigos, estou na igreja todos os domingos, e até levo a Susaninha à aula de piano. O que mais você quer?”)

Os homens pouco viris são fáceis de provocar. Não é preciso nada grande para detonar a explosão de zanga que nunca está muito longe da superfície. A vida em si exige continuamente que os homens façam mais do que se acham capazes de fazer. As responsabilidades nunca diminuem. Usar fio dental hoje não quer dizer que você possa deixar de usá-lo amanhã. E mesmo usar o fio dental, fielmente, não garante nota dez no dentista.

Quando você escapa do consultório do dentista sem ouvir o zunido do motor, a alegria não dura muito. Aparece uma pinta nas suas costas, e a cor é esquisita. Ou seu filho adolescente traz um péssimo boletim para casa. Você fica sem saber se ele é preguiçoso, está envolvido com drogas ou se o problema é a falta de capacidade de se concentrar. Talvez ele precise daqueles remédios bons que tornam os garotos menos aptos a se distraírem; talvez uma escola cristã particular. Daí o seu ar-condicionado pára de funcionar exatamente quando o Verão chega. Sua esposa lhe diz que não tem se sentido cortejada há um bom tempo. E você quer matar, bater, berrar.

Há épocas na vida em que tudo dá errado. E há temporadas, geralmente mais curtas, quando a maior parte das coisas dá certo. Todos estão se dando bem, a Receita Federal lhe deve uma restituição do imposto de renda, e sua filha está namorando o presidente do grupo de jovens. Mas, mesmo durante os bons tempos, você está consciente de uma vaga apreensão que parece ameaçadora, como uma única nuvem escura pairando sobre seu piquenique.

– Ora, me dê um tempo! – bradamos, a ninguém em particular, ou a Deus, se admitirmos que nossa fúria é dirigida contra Ele. E a vida (ou Deus) parece responder:

– Prepare-se! O outro sapato vai cair. Quando?

Quero surpreendê-lo.

Isso é suficiente para deixar qualquer um louco. E a zanga, do tipo que a maioria de nós sente justifica, confiavelmente,

ações que, para uma mente não zangada, seriam de pronto reconhecidas como erradas. As ações que parecem certas, quando estamos zangados, causam danos aos outros e fazem com que nos sintamos melhor. Gostamos dos dois efeitos.

Mas a satisfação é superficial e breve. Acaba dando lugar ao vazio. E nos sentimos menos capazes de enfrentar a exigência ininterrupta da vida para que continuemos nos movendo.

Chega um ponto em que não podemos pensar em nada além de vingança. O impulso ruidoso por destruir não se torna um padrão fixo na maioria dos homens, mas atinge grau de fervura e feroz intensidade em momentos inesperados. Os homens pouco viris se sentem estranhamente bem quando percebem, dentro de si, um poder capaz de destruir. E se sentem melhor ainda quando o liberam.

Essa liberação da energia masculina corrompida pode tomar a forma de sarcasmo; de piadas “só para iniciados” que, propositalmente, excluem os outros; do uso de um intelecto brilhante para intimidar; ou de simples negligência. Ela pode ser experimentada mais violentamente através de fantasias ou de abuso físico.

Quando o homem não está experimentando o gozo que somente a liberação de energia masculina pode criar, ele é atraído para o prazer do poder. Os homens destrutivos não são viris: estão loucos com a energia da masculinidade distorcida; estão loucos com as pessoas e a vida, estão loucos com Deus. Estão cheios de julgamento vingativo contra todos, menos com eles próprios.

Quando vou atrás de alguém que está descendo lentamente um lance de escada tenho, por vezes, o impulso de “ajudá-lo a descer mais depressa”. A idéia de empurrar alguém e vê-lo rolar escada abaixo pode ser tentadora.

ATERORIZADOS

E se a vida revelar que sou um fracasso, alguém que não consegue lidar com suas necessidades básicas? E se eu for incapaz de lidar de maneira eficaz com questões que, devo admitir, são realmente importantes? E se eu arruinar tudo –

minha família, minhas amizades, meu emprego – e ficar sozinho, um perdedor despido para todos verem? E se eu enfrentar o fato de que todo o meu dinheiro, meus bens materiais e os bons tempos não preencheram aquele terrível vazio que existe na profundidade do meu íntimo?

Os homens pouco viris vivem com um terror mudo que, assim como a pressão alta, mata lenta e silenciosamente. O terror não vai embora. Geralmente permanece escondido sob a capa do sucesso, sociabilidade e rotina. Às vezes ele entra em erupção. E quando o faz, tais homens pouco viris ficam em pânico ou deprimidos; por vezes, sentem o impulso de se suicidar, de matar outra pessoa ou de desfrutar os prazeres singulares da imoralidade.

Quer o terror permaneça mudo, quer irrompa no consciente, ele exige alívio. Qualquer coisa que seja capaz de trazer alívio parece razoável, inteiramente legítima. Mas, embora a idéia de bater no seu cachorro ou berrar com sua esposa tenha certo atrativo, arranjar um jeito de obter prazer instantâneo, confiável, parece melhor. Isto atenua o terror com um gozo consumidor que não envolve nenhum risco.

As opções são muitas. O prazer pornográfico está tão próximo quanto o jornaleiro da esquina. Se, comprar Playboy, estiver além da linha que você ainda não atravessa, prazeres semelhantes estão à sua disposição dentro de sua imaginação e de sua memória. Uma visita ao restaurante onde a garçonete de corpo bem feito, aquela que sempre sorri para você, trabalha, ajudará. O alvo é alívio: pronto, confiável e facilmente obtido. Desfrutar de Deus é um trabalho mais difícil. Os homens aterrorizados querem alívio agora!

Permitam-me resumir. Quando a energia masculina não é liberada, quando é suprimida ou distorcida, os homens: 1. Sentem-se impotentes – por isso compensam, dedicando-se a controlar alguma coisa. Tornam-se homens agressivos. 2. Experimentam fúria e se convencem de que a vingança lhes é devida. Tornam-se homens abusivos. 3. Vivem com um terror para o qual não há solução ou escape, apenas alívio. Eles atenuam o terror com prazer físico e tornam-se homens viciados.

HOMENS VIRIS

O homem autêntico é muito diferente. Quando a energia que Deus colocou dentro do homem é liberada:

1. O homem sabe que é forte, não impotente. Homens fortes tomam a iniciativa, mesmo quando não estão certos do que fazer. Sua vocação de refletir Deus, em sua forma de se relacionar, os motiva mais do que seu desejo por poder ou seu medo de impotência. O homem viril não é um homem agressivo; é um homem ativo, envolvido em oferecer relacionamentos de boa qualidade aos outros; mais dedicado a desenvolver a força que outros possam desfrutar, do que em obter, para si próprio, uma sensação de poder e controle.
2. Esse homem experimenta um estilo de vida menos zangado; não se sente tão ameaçados. Alguns chamam isso: paz. Para ele, a frase: “mais do que vencedor” significa algo, mesmo durante os momentos difíceis da vida. A dor do homem viril não o impede de sentir os apuros dos outros, mesmo quando as dificuldades deles forem menos agudas do que as dele próprio. Ele tem a coragem de enfrentar sua experiência honestamente. Portanto, sente a tristeza de viver num mundo decaído e a solidão de viver numa comunidade imperfeita. Mas sua tristeza e solidão geram somente uma ira santa, do tipo que desperta compaixão pelas pessoas enquanto permanece ofendida pelo pecado. O homem liberado não é abusivo, é um homem manso; não fraco, um homem, cujo poder, é controlado para bons propósitos.
3. Esse homem encontra uma resposta para o seu terror na liberdade. Não importa o que aconteça na vida, os homens viris sempre encontram espaço para se mover. Há sempre algo para ser, mesmo quando não houver nada para fazer.

Quando suas famílias se desfazem ou seus negócios desmoronam, os homens viris – assim como os pouco viris – são

tentados a explodir em vingança ou refugiar-se no alívio. Mas não fazem nem uma coisa nem outra. Eles são atraídos pela oportunidade de demonstrar algo bom, de refletir o sempre esperançoso movimento de Deus. Eles se movem através das tribulações com uma presença que os outros, mais do que eles próprios, podem notar.

Os homens viris são seduzidos pelo gozo da liberdade, pela oportunidade desimpedida de seguir o chamado da masculinidade. O homem viril não é viciado; ele trata o corpo com severidade, para evitar o perigo de submeter-se a um poder alheio. Ele luta pesado contra seu desejo implacável de prazer. Ele se move de acordo com um plano. É um homem decidido que sabe o que faz e o que pode contribuir para o propósito pelo qual está vivendo.

Todos os dias, nós nos movemos na direção da masculinidade piedosa ou nos afastamos dela. Uma das grandes tragédias de nossos dias é que tantos homens estão trilhando um caminho que, pensam, os levarão ao usufruir da legítima masculinidade. Pode demorar muitos anos até que os que estão se movendo na direção errada percebam que o caminho que estiveram seguindo libera energia masculina mais corrupta do que genuína, e que esse caminho ainda os deixa mais impotentes, amargos e aterrorizados.

“Há caminho que parece certo ao homem, mas no final conduz à morte” (Pv 14.14). Antes de discutir a essência da verdadeira masculinidade, quero pensar sobre a profunda paixão, nos homens, que os mantém trilhando o caminho que os afasta da masculinidade piedosa.

TEOLOGIA DA RECEITA

Ambos estavam nervosos – e furiosos. Era sua primeira sessão com o Dr. Gilberto, o conselheiro conjugal que seu pastor havia recomendado.

Quase chegando ao fim do seu primeiro ano de casados, ela tinha começado a falar em procurar ajuda. Ele nunca gostara da idéia. Achava que eles conseguiriam resolver as coisas sozinhos. Se ela não tivesse ameaçado deixá-lo, ele não estaria sentado no consultório do Dr. Gilberto agora, duas semanas antes de completarem dois anos de casados. Ele estava com vinte e nove anos. Ela era um ano mais moça. Ela parecia nervosa. Ele estava quase certo de não dar essa impressão:

– Olhe, irei a uma sessão – havia dito à esposa – para ver se esse sujeito sabe do que está falando. Após ter oferecido café, que os dois declinaram, o Dr. Gilberto iniciou a conversa de uma forma bem direta: – Digam-me o que os traz aqui. “Nada de rodeios”, pensou o rapaz. Ele gostou. “Bondoso, mas direto”. Ela não precisava de uma porta mais larga para entrar com fúria, e começou com palavras que o marido já ouvira antes: – Dr. Gilberto, o nosso casamento está realmente em dificuldade.

Por quase quinze minutos, ela castigou o marido com história após história. Um namoro e noivado cheio de altos e baixos; depois, um casamento só de baixos. Brigas quase constan-

tes. Nenhuma intimidade verdadeira. Nenhuma... Apenas sexo:— Não agüento muito mais. Não me casei para isto. E, em seguida ela pôs fim ao ataque com sua queixa mais conhecida: — Sempre que tento dizer a ele como me sinto, ou ele me prega um sermão sobre como estou errada ou simplesmente não diz nada.

Então, o marido resolveu falar. E desta vez não foi necessário nenhum convite do Dr. Gilberto: — Olha, eu já disse a ela mais de mil vezes que estou disposto a fazer o que for necessário para o nosso casamento dar certo. Eu a amo. Cheguei até a ir com ela a um seminário que ela achou que poderia ajudar. E realmente tentei fazer tudo o que aquele sujeito falou: uma porção de coisas sobre como nos comunicarmos melhor, sobre dizer a ela que a amo de maneiras que ela consiga ouvir, sobre seguir uns passos que, ele garantiu, traria um brilho de volta ao nosso relacionamento.

Ele parou para estudar o rosto do conselheiro. O Dr. Gilberto não parecia convencido nem cético. O rapaz continuou: — Nosso pastor disse à minha esposa que o senhor era muito bom, por isso concordei em fazer uma tentativa. Ela tem razão quanto a uma coisa. Nós realmente não nos damos bem. Achei que se eu tivesse uma dor de dente, iria procurar um dentista; portanto, se meu casamento precisa ser consertado, acho que faz sentido procurar um conselheiro.

Nesse instante ela quase pulou da cadeira: — O senhor está vendo como ele é? — trovejou. — Quero um homem que se relacione comigo, de modo que possamos compartilhar a vida um do outro. Ele quer “consertar algo que está quebrado”. Ele faz com que nosso casamento pareça um carro quebrado. Depois, mais suavemente, com lágrimas, ela continuou: — Não sou uma coisa quebrada. Sou uma pessoa, uma mulher, que só quer ser amada. Simplesmente não sei se jamais seremos felizes juntos... As lágrimas rolaram livremente pelo seu rosto.

Ele detestava quando ela chorava. Isso sempre fazia algo se contrair dentro dele. Ele se sentia impotente. Também zangado e medroso, mas, mais impotente do que qualquer outra coisa. Ela continuou chorando. Ele permaneceu sentado, imóvel.

O Dr. Gilberto quebrou o silêncio: – Diga-me o que está passando por sua cabeça neste instante. A pergunta foi dirigida ao marido. Ele pôde apenas dar de ombros e dizer: – Simplesmente não sei o que fazer.



Quando eu era menino, muitas vezes ficava deitado de costas sobre a grama morna do Verão, pouco antes de ir para a cama e fitava o céu estrelado. Lembro-me de me sentir pequeno – e de gostar daquela sensação; acho que era porque eu sabia que havia algo grande no qual eu me encaixava, algo muito maior do que eu. Eu não sabia o que aquele “algo” era, mas sabia que estava relacionado com uma grande história que Deus estava contando. Eu queria conhecer aquela história, e queria fazer parte dela.

Descobri, desde então, que contemplar o céu é uma experiência muito diferente de estudar numa biblioteca, escrever uma dissertação de doutorado, ou ser aconselhado num consultório profissional. Fitar as estrelas permite-me ponderar o quadro maior. As outras atividades tendem a absorver-me em detalhes menores. Minhas responsabilidades como adulto têm sido impulsionadas em grande parte pela necessidade de entender as coisas – de entender, por exemplo, porque alguns homens sentem impulsos homossexuais, enquanto outros lutam com a depressão – e saber como vencer problemas. É isso que o psicólogo deve fazer: descobrir o que está errado e consertar.

E é isso que se espera que professores de Bíblia e pastores e outros líderes cristãos de hoje também façam: que se tornem peritos em tratar os “verdadeiros” problemas da vida. Se forem bem-sucedidos, serão conhecidos como pessoas competentes. Se não forem, serão expostos como fracos ou descartados, como não sendo terrivelmente úteis. De qualquer forma, líderes e assistentes cristãos parecem mais interessados nas minúcias da vida do que no quadro maior, aquele que eu vi pintado no céu, onde a glória de Deus é declarada e a obra das suas mãos é proclamada (Sl 19.1).

Como resultado, as afirmações teológicas que estão saindo da cultura moderna parecem mais receitas para a vida do que verdades declaradas sobre Deus. A teologia transcendental, que flui do quadro maior, foi substituída pela teologia da receita, um modo de pensar que se mantém focalizado nos detalhes da vida. O centro da teologia transcendental é Deus, Seu caráter e propósitos. O centro da teologia da receita é o homem, suas necessidades, e bem-estar.

Esse tipo de pensamento afeta a maneira como abordamos nossa vida cotidiana. Tome o nosso exemplo no início deste capítulo, a história de um marido governado por duas premissas que envolvem minúcias: (1) alguém sabe o que ele deveria fazer para resolver essa crise conjugal específica, e (2) se ele encontrar esse alguém e seguir seu conselho, o casamento melhorará. O líder do seminário não era o perito indicado. Talvez o conselheiro tenha a fórmula que fará seu casamento funcionar.

A maioria de nós, naturalmente, pensa dessa forma. Queremos crer que alguém sabe exatamente o que devemos fazer para consertar nossos problemas e, dependendo do tamanho dos nossos problemas, estamos dispostos a fazer qualquer coisa que esse alguém sugerir. Tornamo-nos uma cultura de peritos e seguidores, todos determinados a entender as minúcias da vida.

Ouçam alguns exemplos do modo de pensar segundo uma fórmula:

– “Você quer saber como recuperar-se dos danos que sofreu na infância? Eis aqui os ingredientes que Deus fornece. Combine-os de acordo com o plano d’Ele e obterá uma deliciosa refeição de valorização pessoal.”

– “Talvez você precise tomar uma decisão quanto ao seu emprego, ou enfrentar melhor a tensão do emprego que tem agora. Eis alguns princípios bíblicos para guiá-lo. Aplique-os em sua vida e logo você sentirá confiança para seguir em frente e o gozo de saber que está no centro da vontade de Deus.”

– “Você está zangado? Não consegue intimidade com seu cônjuge ou solucionar as tensões com um amigo? Eis aqui a prescrição de Deus para livrar-se da ira, solucionar a tensão e construir intimidade. E lembre-se, o remédio d’Ele sempre funciona.”

Esta abordagem minuciosa da vida afeta como o homem – piedoso ou ímpio – vê a si mesmo. É quando o homem sente-se forçado pelas circunstâncias a erguer as mãos e admitir: “Não tenho a mínima idéia do que fazer”, que ele se sente menos como homem e então não faz nada. Maridos e namorados indecisos, covardes agradáveis, vítimas choramingas: esses são homens visivelmente fracos. Eles passam a vida imóveis. Como uma bandeira desenfundada no mastro num dia calmo, esses homens não se movem exceto para fazer coisas tão “másculas” quanto berrar com mulheres e homens mais fracos, beber demais, ou, masturbar-se, enquanto pensam em suas fantasias favoritas. Numa cultura que espera que os homens saibam o que fazer, é difícil enfrentar um problema que não tenha uma fórmula para sua solução.

Os homens freqüentemente contam que se sentem mais como homens quando podem dizer: “Posso não saber o que fazer a respeito disto, mas sei o que fazer a respeito daquilo. Sei que posso fazê-lo, estou fazendo, e está funcionando.” Esses homens podem ser empresários bem-sucedidos, mas, pais distantes. Por viverem dentro dos limites de sua competência, eles, em geral, não têm consciência de qualquer luta com seu senso de masculinidade. Eles enfrentam apenas aqueles problemas que estão bem certos de conseguir resolver.

Os homens que se sentem como homens não são necessariamente viris. Homens que se sentem como homens, devido a sua competência, raramente notam que aquelas áreas que eles chamam disto (coisas que não têm certeza como enfrentar), envolvem seus relacionamentos mais significativos e, as áreas que chamam daquilo (coisas que eles enfrentam bem), estão mais ligadas a tarefas não-relacionais que executam confortavelmente. Homens que, para seu senso de bem-estar, dependem de enfrentar tarefas que podem realizar não são geralmente eficientes em seus relacionamentos íntimos.

Freqüentemente eles se negam a permitir que suas esposas expressem o quanto se sentem solitárias, magoadas e mal-compreendidas. Sejam quais forem as preocupações que cheguem a ouvir, eles as consertarão ou as ignorarão. Esses homens

levam os filhos a partidas de futebol mas nunca os levam para longas caminhadas. E não revelam suas lutas a ninguém, especialmente não a seus filhos homens. Homens competentes não são bons ouvintes nem compartilham abertamente.

Eles podem ter bons momentos com as filhas – muito riso, provocações joviais e promessas zangadas de proteção (“se algum rapaz magoar você, arrebento com ele!”), mas têm poucas conversas com elas; eles não sabem muito sobre conversas íntimas de mão dupla.

Por não terem nenhuma oportunidade de relaxar numa bondade profunda, o suficiente para absorverem sua malignidade, nenhuma chance de descansar num amor forte e duradouro, esposas e filhas do homem competente têm dificuldade em tirar folga. Elas têm de manter as coisas funcionando. Homens competentes geram mulheres fortes.

Sugiro que o homem está no máximo de sua varonilidade quando admite: “Não sei o que fazer nesta situação, mas sei que é importante eu me envolver e fazer algo. Tentarei visualizar, portanto, o que Deus talvez queira ver acontecer na vida desta pessoa ou nesta circunstância, e seguirei na direção dessa visão com qualquer sabedoria e poder que Deus me fornecer”. O homem viril se move, mesmo quando não há receitas.

Minha briga com a teologia da fórmula não é com os princípios bíblicos que ela enuncia ou com sua exigência de que os sigamos. É mais com sua tendência de transformar os princípios bíblicos numa fórmula para o sucesso.

Deus não escreveu um livro de fórmulas para a vida, com receitas para qualquer prato que você queira preparar. Ele responde às nossas situações individuais convidando-nos a participar de uma história maior do que as nossas vidas. A teologia de fórmula estuda as minúcias da vida a fim de nos ajudar a contar melhor a nossa história. Deus nos convida a unir-nos a Ele para contar a Sua história.



Pergunto-me se a paixão central que governa nossa cultura, hoje, é a paixão para fazer a vida funcionar. Achamos que ela deveria funcionar — se não a vida, em geral, então, certamente, nossas vidas em qualquer momento. Deveríamos nos sentir bem a nosso próprio respeito, desfrutar amizades, ganhar um salário decente, encontrar um médico que possa nos curar, e receber respeito dos nossos pares. Os peritos existem para ajudar a fazer a vida funcionar. Deus também. Quando os peritos resolvem convocar Deus para ajudar, tornam-se “teólogos da receita”.

Somos muito míopes. Por quê? Por que somos atraídos pela vida no quadro pequeno e não inspirados pela oportunidade de sermos elevados ao quadro maior onde Deus está desenhando? Por que é tão difícil até mesmo desafiar a premissa de que “A vida deve funcionar”, quanto mais, desistir de nosso direito de que alguém nos diga como administrá-la bem? Por que a teologia da receita é tão popular?

Será que é porquê, como todas as gerações antes de nós, conseguimos empurrar pelo menos um ponto vital da verdade bíblica para o fundo e, desenvolvemos assim, um conceito distorcido do Cristianismo e da vida cristã? Nos dias de Martinho Lutero, a Igreja havia perdido de vista a doutrina da graça. O resultado foi uma teologia da receita de indulgência e de boas obras.

Eu me pergunto se perdemos, em nossos dias, o entusiasmo e o drama do nosso chamado: o de revelar o Deus invisível pela maneira como vivemos, especialmente pelo modo como nos relacionamos uns com os outros. A única verdade mais importante a respeito das pessoas é a verdade mais facilmente ignorada: refletimos a imagem de Deus. Como portadores da imagem, somos chamados a contar Sua história com nossas vidas; não, a contar nossas histórias com os recursos d’Ele.

Ao negligenciarmos essa verdade, o chamado de sermos semelhantes a Deus reduz-se a um sussurro e o convite para fazermos nossas vidas funcionarem melhor está sendo dado com um grito. Inclina-mo-nos a ser viciados em recuperação (“Como posso me sentir melhor?”) ou severos realistas (“Como posso

me destacar?”). A verdade sobre revelar Deus aos outros através de nossas vidas tem sido reduzida a uma retórica religiosa à qual damos um assentimento pró-forma. Entrementes, vamos realizando o “verdadeiro” trabalho de ajeitar nossas vidas e nos colocarmos numa posição confortável. Preferimos ajuda prática a um chamado mais elevado de vivermos segundo um desígnio.

A dificuldade, naturalmente, é esta: jamais resolveremos bem os nossos problemas, nem cumprimos nossas responsabilidades com motivação espiritual enquanto não honrarmos o chamado de refletirmos a imagem de Deus, e decidirmos conhecê-Lo bem. Comece com a teologia da receita e você jamais se elevará acima de si mesmo. Comece com a teologia transcendente e você acabará se tornando a pessoa que foi projetado para ser.

Permitam-me explicar. Hoje, os dois maiores tópicos dentro da teologia da receita são: solucionar problemas (o chamado para a cura) e cumprir responsabilidades (o chamado à obediência). Preocupamo-nos em nos sentir bem ou sentimo-nos pressionados a fazer o que é certo. Nenhuma dessas coisas nos eleva à história maior de Deus ou nos convida a participar dela.

Aqueles que pensam que nada importa mais do que aliviar a dor de uma identidade bastante danificada, ou aprender a ser valorizado e aceito num relacionamento amoroso, serão atraídos para as minúcias de uma teologia da receita para se recuperarem. Eles procurarão um perito que possa guiá-los a uma experiência mais plena, mais livre, mais feliz, num mundo difícil. Pode ser que o compromisso para com o dever seja fortemente encorajado, mas, quando as coisas ficarem realmente pretas, “encontrar a felicidade” terá prioridade sobre “cumprir promessas”.

Alguém a quem eu aconselhava certa vez me disse: – Sinto-me tão melhor, como homem, a meu próprio respeito, quando estou com outra mulher! Sei que é errado, mas simplesmente não posso imaginar que Deus deseje que eu fique com minha esposa se mutuamente nos fazemos tão infelizes.

Os peritos no outro extremo, aqueles que se especializam em exortar com firmeza, pensam menos em gozar Deus como “Aba” e mais em obedecê-Lo como se fosse um sargento. Sua

ênfase encontra expressão numa teologia muito diferente, ainda uma receita, mas com enfoque sistemático nas minúcias da responsabilidade. O efeito é a presunção — mais justiça própria do que alegria e mais pressão do que liberdade.

Um amigo certa vez foi a um conselheiro que logo na primeira sessão lhe deu uma lista de versículos bíblicos, impressos em computador e o instruiu a decorar cada um deles. Quando as pessoas tentam administrar suas vidas trabalhando com afincos apenas para produzirem melhor: ou fracassam e passam a viver na defensiva, ou se saem bem e se tornam orgulhosas.

Esses dois erros nos deixam numa esfera da vida que achamos poder administrar. Gostamos de pensar que há passos que podemos seguir para a cura ou que nossos deveres para com Deus podem ser delineados à nossa frente, como um caminho bem iluminado que podemos trilhar. Então as coisas parecem claras. Sabemos o que fazer. Nunca temos de deixar a esfera da governabilidade. Portanto, nunca aprendemos a dependência e a confiança que crescem somente na escuridão.

Mas, pense no que aconteceria se encontrássemos coragem para nos mover além das tarefas administráveis da vida e entrássemos na esfera do mistério, onde não há respostas práticas e a coragem de adentrar o caos é mais importante do que a disciplina para seguir regras ou passos. Suponha que um pai zangado, concentrado apenas em encontrar cura para o seu mau-gênio, pudesse se sentir enlevado com a oportunidade de levar seu filho ao coração de Deus. Talvez ele não soubesse exatamente o que fazer, mas, a energia fluindo dele na direção do filho seria diferente.

Se pudéssemos afastar as receitas do centro do palco, talvez os bons princípios que elas ensinam pudessem novamente ser vistos como maneiras de conhecer e refletir a Deus, em vez de técnicas para promover cura interior ou como requisitos para uma obediência mecânica. Talvez, então, o caráter e propósitos de Deus recuperassem o lugar a que têm direito em nosso modo de pensar e levassem ao desenvolvimento de uma teologia transcendente.

O ponto de partida para compreendermos a masculinidade e sermos transformados em homens espirituais, viris, não é uma fórmula para desenvolvermos a masculinidade, nem uma lista de ingredientes para misturar. Precisamos começar com o chamado singular de Deus para os homens. Como os homens foram projetados para ser semelhantes a Deus em aspectos que as mulheres não o foram? Qual é o nosso chamado transcendente especial?

Encorajar os homens a liberarem aquelas capacidades profundamente masculinas — que primeiro existiram em Deus e depois foram instiladas nos homens — e ajudá-los a refletirem essas características requer a sabedoria de alguém que tem uma sensibilidade para quem Deus É e o que Ele está fazendo. Isso requer um teólogo transcendente. A perícia de um teólogo da receita simplesmente não serve.

A teologia da receita se encaixa melhor no que chamo de “Esfera da Administração”. A teologia transcendente é necessária se quisermos nos mover na “Esfera do Mistério”. Tudo na vida pode ser dividido em uma dessas duas esferas.

Os homens, naturalmente, insistem em operar dentro da Esfera da Administração. Os homens que estão no caminho da masculinidade autêntica arranjam coragem para adentrar a Esfera do Mistério.

Permita-me definir meus termos:

A Esfera da Administração existe sempre que as coisas são mais ou menos previsíveis, onde há uma ordem que pode ser suficientemente bem compreendida para podermos usá-la a fim de fazermos nossas vidas funcionarem da maneira que desejamos.

A Esfera do Mistério existe sempre que estamos tratando com coisas que, em última instância, são imprevisíveis, onde qualquer ordem que exista não pode ser compreendida suficientemente bem para nos dar o controle que desejamos.

Na Esfera da Administração, podemos nos mover com a confiança de que temos pelo menos algum poder de controlar as coisas, de estabelecer objetivos e buscá-los de acordo com um plano viável. Na Esfera do Mistério, podemos nos mover apenas com a confiança em Alguém que confiamos mas que jamais podemos controlar. Sejam quais forem os objetivos que pertençam a esta esfera, eles se tornam questões para oração, enquanto nossa energia é dedicada a agradar a Deus, e não para fazer alguma coisa acontecer.

A tendência da nossa cultura é definir os relacionamentos, inclusive o nosso relacionamento com Deus, como uma tarefa e, então, descobrir o que fazer para que eles funcionem. Gostamos de pensar que crescer em Cristo e desenvolver relacionamentos fortes pertencem à esfera da administração. Assim, os colocamos ali e tentamos descobrir o que fazer. Os homens preferem fazer algo que possam administrar. E a teologia da receita ilumina o caminho.

Precisamos retornar a uma teologia transcendente que nos capacite a adentrar a escuridão, onde Deus faz a Sua obra mais profunda. Precisamos aprender o que significa entregarmo-nos a Deus e a nos relacionarmos poderosamente com os outros. Isso exigirá que entremos na esfera escura do mistério.

ADENTRANDO A ESCURIDÃO

As lágrimas que se avolumavam, desta vez, eram diferentes; mais desesperadas. Não como as lágrimas petulantes que, às vezes, brotavam quando ele não se sentia apropriadamente levado a sério. E de forma alguma, como as lágrimas amuadas, que o faziam sentir-se como uma criança exigente que não estava conseguindo o que queria. Estas lágrimas eram diferentes. Pareciam mais limpas, além da mágoa e do amuo; não do tipo que deixava torrentes de auto-desprezo ao passar.

Ele saiu depressa para ficar só, querendo que ela o seguisse mas não se sentindo fraco por desejar isto, sabendo que nem ela nem qualquer outra pessoa poderia lhe dar conforto suficiente para estancar-lhe as lágrimas. Por um momento terrível — enquanto se postava diante do parapeito olhando o lago — ele conseguiu enxergar dentro do buraco negro, aquele que sempre soubera estar ali mas que jamais vira antes, ao menos, não com tanta clareza.

A beleza serena da plácida água azul, refletindo os picos pontiagudos e cobertos de neve das Montanhas Rochosas canadenses, oferecia um contraste dramático à agonia que lhe contorcia a alma, onde não havia nada além da escuridão: nenhuma resposta, nenhuma beleza, nenhum poder, nenhum significado, nenhum amor. Ele estava perturbado até as profundezas

de seu ser – e tudo foi detonado por um momento de mal-entendido com a esposa. Aquele momento parecia agora uma porta inocente que, uma vez aberta, o havia sugado para a escuridão das trevas.

O terror foi subindo lentamente, como um pedaço de alimento que não assentou bem, até explodir para fora de sua boca com uma força não escolhida: “Não sei o que fazer!”. O grito não era dirigido a ninguém – a menos que, a Deus, se por acaso estivesse ouvindo.

Ele não ouviu nenhuma resposta, nenhum sussurro tranquilizador; não houve nenhuma presença reconfortante. A solidão lhe pareceu mais severa ainda. Seria essa uma amostra do inferno? Dor sem fim, ninguém para ajudar, isolamento absoluto.

Mas ele não estava no inferno. O lago à sua frente era de incomparável beleza. Sua esposa estava por perto, com delicada preocupação fluindo livremente de seu coração oprimido. E ele sabia que estava na presença de Deus: o Deus oculto, silencioso que, com toda certeza, estava ali.

“Que estranho...”, pensou ele. “...Quão desesperada a humilhação pode parecer. Estar em total dependência porque se está completamente perdido”. Esse pensamento pareceu-lhe vivo e surgiu do nada.

Mas, ainda assim, nenhum conforto. A escuridão era tão espessa que dava para senti-la. Ele não conseguia se mover. Voltar-se para a esposa e lhe pedir desculpas? Mas sua culpa maior (conquanto não conseguisse ainda colocá-la em palavras) era contra Deus. Abraçá-la? Mas, apenas uma pessoa amada pode amar realmente outra pessoa. Repassar o conflito? Inútil. Apenas outra oportunidade de exibir seu egoísmo.

“Não sei o que fazer!”. O grito veio de novo. Nada fazia sentido. Sua culpa e frieza e egoísmo faziam com que se sentisse encurralado, paralisado.

“Não dá para alguém, por favor, me dizer o que devo fazer?” Então, a pergunta pareceu-lhe morta, perdeu todo o interesse. Ele sabia que não haveria respostas, que exigir respostas seria inútil. Daí, um outro caminho começou a se abrir diante dele. Algo mais inquietante do que a sua ignorância requeria atenção.

E, súbito, ele ouviu algo: eram palavras que vinham de sua própria mente! Palavras novas, não planejadas, espontâneas, mas inteiramente bem-vindas. A escuridão o cegara – ainda não conseguia enxergar – e o que agora ouvia no escuro, jamais ouvira na luz.

“Eu realmente estou na escuridão”, ele se ouviu dizendo. “Não sei o que fazer. Estou completamente confuso, totalmente perplexo e profundamente amedrontado. Sinto-me isolado de Deus. Este lugar em que estou me reduz a apenas duas escolhas: esperar que a melancolia passe e daí, simplesmente, continuar com as coisas da melhor maneira que eu puder, ou entregar-me a Deus.

“Não adianta simplesmente continuar. A escuridão sempre volta e, cada vez, mais profunda, para confrontar-me de novo com a escolha estúpida que fiz e empurrar-me em desespero a uma nova escolha. A escuridão – esse anjo terrível e benévolo – está deixando tudo claro. Não há nada a fazer além de confiar!

“Oh, Deus, de todo o coração a Ti eu me entrego. Por favor, queime a carne e enche-me com o Teu Espírito. És mais do que digno da minha total confiança. Obrigado pela escuridão que me imobilizou o suficiente para ouvir a Tua voz.”

Ele tomou as mãos da esposa e lentamente caminhou de volta ao quarto. Ainda não havia intimidade entre eles. Nenhum deles sentia o que ambos esperavam sentir. A alegria da lua-de-mel não se concretizou.

Mas ele sentiu que algo muito melhor os aguardava. E com essa convicção percebeu que desejava se mover na direção de Deus, na direção da esposa, na direção da vida, de uma forma que nunca se movera antes. Sua esposa sentiu o despertar da esperança.



Os homens são chamados a adentrar a escuridão, a continuarem seguindo adiante com propósito e força, mesmo quando não conseguirem ver claramente o caminho à sua frente. Três,

observações do registro da Criação em Gênesis nos ajudarão a ver que Deus já fez o que chama os homens para fazer.

Observação nº 1

A primeira coisa revelada sobre Deus, na Bíblia, é que Ele É o CRIADOR e que criou Falando PARA DENTRO DA ESCURIDÃO. Esta observação é discutida nos Capítulos 4 e 5.

Observação nº 2

A primeira coisa revelada sobre o homem, na Bíblia, é sugerida pela palavra hebraica, em Gênesis 1.27, que é traduzida para o português como MACHO. O Capítulo 6 reflete sobre a importância dessa palavra.

Observação nº 3

A primeira coisa que Deus mandou Adão fazer foi DAR NOME AOS ANIMAIS. Adão foi chamado a “fazer com que a ordem passasse a existir através da palavra falada” onde antes nenhuma ordem havia, exatamente como Deus fizera na Criação. Quando Adão falou, houve ordem. Quando ele se calou, o caos retornou. As implicações de Adão falar e se calar são analisadas no Capítulo 7.



Vimos o que acontece quando os homens seguem a nossa cultura até o ponto da não-virilidade. A busca de soluções usando a teologia da receita nos deu uma abordagem da vida que só vê as minúcias, uma abordagem que descobre o oposto da verdadeira masculinidade e nos afasta do mistério e da fé. Agora acompanhe um pouco mais o nosso pensamento. O homem, como Deus, tinha o propósito de falar para dentro da escuridão e se tornar um contador de histórias. Após a morte de Jesus, dois homens caminhavam na direção do vilarejo de Emaús, compartilhando sua decepção com os eventos dos últimos dias. Eles não compreendiam, mas pensavam sobre aquilo enquanto caminhavam. A Bíblia diz: “No caminho, conversa-

vam a respeito de tudo o que havia acontecido” (Lc 24.14). Talvez eles quisessem compreender.

Jesus, a quem eles não reconheceram, mas consideraram um estranho, juntou-se a eles em sua caminhada e lhes perguntou sobre o que falavam. Os dois estranharam sua pergunta e acharam que ele deveria ser de outra cidade. Ora, o que mais havia para discutir? Os eventos em torno da morte de Jesus e tudo o que acontecera naquela última semana eram tão confusos que não podiam pensar em mais nada. Toda a esperança se fora. Nada mais fazia sentido. Era tudo um mistério — um mistério confuso, inoportuno, escuro.

Jesus os ouviu falar por alguns minutos. E então — ainda em pé e com uma autoridade que os deteve — fitou-os severamente e *“Ele lhes disse: ‘Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?’ ”* (Lc 24.25-26).

E Ele voltou a caminhar e, enquanto O seguiam, eles ouviram um estudo bíblico dirigido pelo autor. Começando *“... por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras”* (Lc 24.27). Mais tarde eles relataram que seus corações ardiam-lhes no peito ao ouvirem-No revelar o Cristo.

Quando abrimos nossas Bíblias bem no comecinho (como Jesus talvez tivesse feito com Seus dois companheiros de caminhada), a primeira coisa que aprendemos é que Deus É o Criador de tudo. A segunda coisa que aprendemos é que Ele fez toda a Sua criação inicial no escuro.

Ouçã as duas primeiras sentenças da Bíblia: *“No princípio Deus criou os céus e a terra”*; primeira sentença. *“Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”*; segunda sentença.

O restante de Gênesis 1 nos informa que Deus falou dentro daquela escuridão sem forma e vazia. Ele entrou naquela esfera de mistério primordial com poder imaginativo que, da confusão, suscitou beleza e vida.

Dez vezes Deus falou: nas quatro primeiras, Ele deu forma a um mundo sem forma; Ele estabeleceu ordem (Gn 1.3, 6, 9, 11).

Nas quatro vezes seguintes, Deus encheu o vazio com a beleza da vida (Gn 1.14, 20, 24, 26). Nas duas últimas vezes, Deus revelou Seu coração às pessoas que criou, abençoando-as com trabalho significativo a fim de honrar Sua dignidade (Gn 1.28) e com generosa provisão para suas necessidades físicas (Gn 1.29-30). Ele já havia lhes dado a Si mesmo e um ao outro; elas já não tinham nenhuma outra necessidade pessoal.

Agora, faça uma pequena pausa. Há algo nesse relato que fale de Cristo? Paulo nos disse ter sido Cristo quem fez todas as coisas (Cl 1.16). Foi Cristo quem falou para dentro da escuridão a fim de suscitar ordem e beleza do caos.✓

O que o Criador teria dito aos Seus dois amigos na estrada de Emaús quando falou sobre as dez vezes, tanto tempo antes, em que adentrou o mistério da água coberta pela escuridão a fim de criar vida? O que teria Ele revelado de Si mesmo que teve o poder de transformar aqueles dois homens em presbíteros?

No princípio, antes que Cristo falasse, não havia nada além de água; água selvagem, fria, sem vida, coberta por um manto impenetrável de escuridão. É importante nos lembrarmos de que Deus falou a essa escuridão a fim de criar vida. Pedro sugere que existe uma conexão entre esquecer como Deus criou o mundo e tornar-se um povo ímpio.

Ouça o que Ele diz: *“...nos últimos dias, surgirão escarnecedores zombando e seguindo suas próprias paixões...”*. *“Mas eles deliberadamente se esquecem de que há muito tempo, pela palavra de Deus, existem céus e terra, esta formada da água e pela água”* (2Pe 3.3,5).

Aparentemente, se esquecermos que Deus criou falando para dentro da escuridão, estaremos em perigo de nos tornarmos ímpios.

Como? Por quê? O que isso significa? À primeira vista, as duas coisas não parecem relacionadas. Mas a conexão entre lembrarmos que Deus falou para dentro da escuridão e nos tornarmos ímpios começa a se tornar clara quando compreendemos o que era a escuridão para dentro da qual Deus falou. Nos próximos capítulos, sugeriremos que os homens são chamados a adentrar com sabedoria as regiões mais escuras de

seus mundos; eles devem falar palavras poderosas para dentro da confusão da vida com a mesma energia que fluiu de Cristo quando Ele falou para dentro da escuridão (Cl 1.16,29).

O SIGNIFICADO DA ESCURIDÃO

A Bíblia fala sobre diversos tipos de escuridão. Há a escuridão do segredo (ou da maldade), uma escuridão amada pelas pessoas cujos atos são maus (Jo 3.19). Os cristãos foram chamados dessa escuridão para a luz da plena revelação e do pleno perdão (1Pe 2.9). A mortalha ensombrecida da escuridão desse tipo, como as ruas da Londres de Dickens, mantém os atos malignos escondidos. Ela não tem lugar algum na natureza de Deus. N'Ele não há escuridão; nenhuma região mantida em segredo para evitar a revelação de uma falha (1Jo 1.5).

Judas se refere a um conceito correlato quando nos diz que os anjos rebeldes são *"guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia"* (Jd 1.6). Esta é a escuridão do Juízo, aquela coisa terrível que acontece quando Deus, que é luz, Se retira completamente.

Mas há um terceiro tipo de escuridão mencionado nas Escrituras. É a escuridão que cobria as águas, para dentro da qual Deus falou quando criou a vida. Essa escuridão está mais relacionada à desordem e ao caos aleatório do que à maldade oculta ou ao castigo da maldade.

É a escuridão sobre a qual o Espírito de Deus pairava na primeira cena das Escrituras, sugerindo a expectativa de que algo estava por acontecer. Essa é a escuridão da Confusão, do acaso que está prestes a dar lugar à luz da ordem e da beleza, um caos inútil totalmente destituído de forma e de qualquer fagulha de luz, mas, ainda assim, um caos que pode ser transformado em algo maravilhoso.

As trevas da confusão são tão espessas que fazem cessar todo movimento natural. Quando Deus cobriu o Egito de trevas (a mesma palavra que aparece em Gênesis 1.2 é usada em Êxodo 10.21-22), foram trevas que podiam ser apalpadas. Ninguém se moveu por três dias.

Quando o guia turístico apaga as luzes numa caverna não precisa dizer às pessoas que fiquem imóveis. Na escuridão que elimina totalmente a visão, ninguém se move.

Quando Deus deu a lei no monte Sinai, a montanha ficou cercada por *“trevas, e nuvens e escuridão”*⁵ (Dt 4.11, de novo a mesma palavra). O povo, diz a passagem, ouviu *“as palavras, mas [eles] não viram forma alguma; apenas se ouvia a voz”* (Dt 4.12).

Nas trevas da confusão, você não pode ver mas pode ouvir; pelo menos, pode ouvir a voz de Deus. O movimento natural, do tipo que depende da visão, cessa completamente na escuridão. Mas, o movimento sobrenatural, tanto o movimento de Deus quanto o movimento do homem que anda pela fé, em vez de pela vista, é possível mesmo na mais negra escuridão.

Quando a cortina se ergue e o drama bíblico começa, imediatamente vemos Cristo no centro do palco. A história tem início com Deus confrontando a esfera original de mistério: as trevas que cobriam as águas sem forma, vazias. Não havia desígnio, nem ordem, nem beleza, nem vida – apenas escuridão.

O Espírito paira sobre as trevas. Então Deus fala. Com poder maior do que o das trevas, Ele adentra o mistério e dá vida mediante a Sua palavra.

Agora, atente para algo cheio de significado neste nosso estudo da masculinidade. A primeira coisa que Deus disse para o homem fazer foi dar nome aos animais, às criaturas que Ele poderia ter nomeado, mas não o fez: *“...os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome.”* (Gn 2.19) Deus colocou a responsabilidade de dar nome aos animais sobre o homem, não sobre a mulher. Eva ainda nem havia sido criada.

Como Deus, o homem foi chamado para falar dentro da escuridão, para adentrar a confusão de um reino de animais completamente sem nome e nomear cada um deles. Na cultura antiga do Oriente Próximo, dar nome a algo, ou alguém, implicava na autoridade de definir-lhe o caráter, dar forma à sua natureza, preencher um vazio com algo que saía daquele que atribuía o nome.

Será que Deus desejou que os homens se comportassem como Ele, adentrando, corajosamente, qualquer esfera de mistério que encontrem e falando com imaginação e poder vitalizante para dentro da confusão que enfrentam?

Desde que caímos da graça, a vida de todo homem é cheia de confusão. Considere apenas alguns exemplos: O que deve o homem fazer quando a esposa o humilha na frente dos amigos? Ele deve:

- Repreendê-la?
- Ignorá-la?
- Dizer algo bom?
- Levantar a questão mais tarde, dizendo-lhe como ela o fez se sentir?
- Jamais tocar no assunto?

O que um homem deve fazer, quando detesta seu emprego? Ele deve:

- Parar de se queixar e ser grato por receber um salário?
- Procurar outro emprego?
- Aceitar o emprego como presente de Deus?
- Descobrir o que Ele mais detesta e ver se alguma coisa pode ser mudada?

O que um homem deve fazer, quando está em conflito com um amigo chegado? Ele deve:

- Falar com o amigo sobre isso, no espírito de Mt 18.15-17?
- Ignorá-lo com o amor que cobre uma multidão de pecados?
- Chamar a atenção do amigo para as suas faltas num esforço de promover crescimento?

A masculinidade começa a crescer quando um homem faz perguntas para as quais sabe não haver respostas. Nenhum homem pode escapar da esfera do mistério. Se ele vive em relacionamento e tem um mínimo desejo de que este funcione, enfrentará confusão insolúvel. Se é para o homem ser plenamente homem, ele precisa aprender o que significa mover-se

na escuridão. E isso exigirá que ele admita: “Não sei o que fazer”, com um desespero tão real que nenhuma fórmula poderá ajudá-lo.

As receitas são úteis numa cozinha bem iluminada. A teologia da receita, aquela coletânea de princípios bíblicos práticos que nos dizem o que fazer em qualquer situação, trata a confusão como algo a ser solucionado, em vez de adentrado. Ela reduz os mistérios da vida a coisas que podemos administrar.

Os teólogos da receita nos dizem como fazer a vida funcionar simplificando as coisas e aliviando a confusão. Os teólogos transcendentais sabem que há uma escuridão da confusão que só pode ser adentrada quando conhecemos a Cristo, quando habitamos n’Ele, quando confiamos n’Ele para suprir poder sobrenatural, a fim de pairarmos sobre seja qual for a escuridão que enfrentarmos e, então, quando adentramos a escuridão com palavras que trazem vida.

Uma vez que haja um compromisso de adentrar a escuridão e o mistério, o homem deve prosseguir determinado a contar uma boa história e a não ficar em silêncio. Meus co-autores, Don Hudson e Al Andrews, falam dessas questões a seguir. No capítulo 5, Don escreve sobre a única história que nós, homens, precisamos contar, enquanto continuamos em nossa jornada: a história de Deus.

Essa história nos relembra que podemos vencer, que podemos prosseguir. No Capítulo 6, Al nos chama a relemburar nossas próprias histórias; sobre como Deus operou em nossas vidas — histórias que trazem esperança, ainda mais, quando são compartilhadas em comunidade. E no Capítulo 7, Don nos mostra que agir como Deus, quando estamos na escuridão, honrar o nosso chamado de fazer com que Ele seja conhecido, é quebrar o silêncio e falar. E assim nos tornamos homens.

DE CAOS EM CAOS

O toque do telefone fendeu a noite em duas. Foi preciso um segundo toque para despertá-lo de um sono profundo. O terceiro chamado fê-lo tomar conhecimento do ambiente que o cercava. Ele olhou o relógio. Eram duas da manhã. Quem estaria chamando àquela hora da noite? Ele estendeu a mão para o telefone no que parecia câmara lenta. No exato momento em que sua mão agarrava o aparelho, ele hesitou. Ou é um trote ou alguma coisa séria está errada. Espero que seja um trote — pensou. Quarto toque. Ele arrancou o telefone do gancho com um safanão e o colocou no ouvido.

Alguém chorava mansinho no outro lado da linha. Após alguns segundos intoleráveis, hesitantemente, ela falou: — Filho, aqui é a mamãe... Seu pai teve uma emergência.

As palavras da mãe amorteceram-no até a descrença. Ele tentou se convencer. Meu pai só tem sessenta e quatro anos. É moço demais para algo que lhe ameace a vida. — Mas, o que está errado? O que aconteceu?! — perguntou o jovem.

— Ele teve um infarto enquanto se aprontava para dormir — explicou a mãe. — Liguei para o resgate e, enquanto esperava, eu lhe fiz respiração artificial. Estamos no Pronto-Socorro agora e ele está com os médicos. — Então seu tom de voz mudou. Ele conhecia bem demais esse tom. E o

detestava, porque ela falaria com ele como se ainda fosse um garotinho.

— Mas, filho, não se preocupe. Estamos bem e tudo vai dar certo — entoou ela com voz inexpressiva. Ele ignorou a última frase da mãe e disse que estaria no próximo avião. Ela argumentou sem muita convicção, explicando que seria uma viagem desperdiçada. Ele desligou o telefone.

Imagens do pai e dele próprio vagueavam por sua mente: os dois lutando no chão... pescando nas águas das Montanhas Smoky... vendo o pai chorar uma única vez na vida, no enterro do pai dele... a noite em que dormiram juntos, na cabana de caça, quando ainda era bem pequeno... Ele se deteve nessa imagem em particular. Devia ter uns seis anos de idade. Um animal selvagem urrou no lado de fora da janela. Em menos de um segundo ele saltou para a cama do pai, se enfiou sob as cobertas e ficou agarrado nele. O mundo era seguro ao lado do pai. O que faria sem ele?

Basta disto! — repreendeu-se ele — Tenho muita coisa para fazer. E Papai pode se recuperar...

Seu irmão mais velho o esperava no aeroporto. Ele soube assim que olhou para o rosto do irmão. Suas palavras foram desnecessárias:— Papai está morto! Ele morreu há duas horas... Infarto fulminante. Em seguida, deu meia volta e se dirigiu-se ao local das bagagens. Então, voltando a cabeça falou por sobre o ombro: — Temos muito o que fazer.

Mais uma vez, a sensação de câmara lenta entrou em sua vida. Ele seguiu obedientemente o irmão mais velho enquanto tentava engolir a horrível verdade.

De pé, sobre a esteira rolante, ele começou a sentir suas primeiras emoções. Olhou as pessoas que passavam por ele. Elas não sabem. Se tivessem alguma idéia de que meu pai está morto, parariam. Elas dariam a volta e iriam para casa. Se elas soubessem que meu pai está morto, compreenderiam que suas vidas já não têm sentido. O mundo deveria parar de rodar em torno do seu eixo. A vida deveria terminar. Por que Deus o levaria agora? Meu filhinho de dois anos o ama tanto. O que vou dizer a ele? Ele não vai compreender. Gostaria de poder

conversar com meu pai. Gostaria de poder pegar o telefone e perguntar-lhe o que fazer com isto. Ele saberia. Mas se foi...

Ele foi ficando cada vez mais zangado à medida que os pensamentos lhe inundavam a mente. Quando ele e o irmão finalmente chegaram ao carro, ele estava furioso. Não triste, apenas furioso.

A semana do sepultamento do pai foi um pesadelo intolerável para o jovem. Pessoas bem intencionadas invadiram a casa. Alguns membros da família se comportaram mal. Ninguém podia dizer as palavras certas. Por ser um homem intensamente privado, a presença de cada pessoa parecia uma intromissão em sua dor.

Seu filho perguntava incessantemente: "Onde está o vovô?". Nenhuma pergunta trazia mais desespero do que essa. Parecia que a cada trinta minutos ele estava tentando encontrar palavras para explicar que o vovô estava no Céu. – Ele vai voltar logo? – perguntava o filho com olhos inquiridores. – Não, filho. Ele não vai voltar mais.

Ele não conseguia fitar a esposa nos olhos. Ocasionalmente, dava-lhe um abraço obrigatório. Não permitia que ela o confortasse. Ele ignorou a mãe tão bondosamente quanto possível.

No dia seguinte ao sepultamento, ele desapareceu. Não fisicamente. Estava ali, mas era apenas a casca de um homem. De manhã, ele cuidou dos pequenos detalhes com a casa funerária, estudou a apólice de seguro do pai e pagou as contas vencidas. Naquela tarde, sentado na varanda dos fundos da casa dos pais, ele ficou obcecado com algumas coisas que o faziam se sentir vivo, como a raiva.

Ele estava com raiva. Essa emoção ele conhecia bem. Sempre se sentia enraivecido, embora muito poucas pessoas soubessem disso. Mas isso era mais do que raiva. Ele se sentia violento. Sua esposa veio até a varanda e perguntou se ele gostaria de dar uma volta com ela. Ele a olhou com desagrado: – Com este calor? – Bem, podemos esperar até que refresque um pouco – respondeu ela. Ele ignorou as palavras da esposa e voltou-se para o outro lado. Ela se sentiu sozinha quando ele apanhou uma revista e pôs-se a folheá-la negligentemente.

Ele se sentia particularmente violento quando alguém se movia em sua direção com bondade. Queria ferir qualquer pessoa que se aproximasse dele. A vida lhe havia desferido um golpe trágico. Alguém devia pagar por aquela injustiça. Sua raiva manifestava-se numa frieza silenciosa que afastava a todos de si.

Mas ele não podia suportar uma fúria tão intensa por muito tempo. Eventualmente, sua raiva nada mais fazia do que lembrar-lhe que era indefeso – que ele era impotente diante dessa tragédia. Ele queria algo que o ajudasse a desaparecer ou aliviar sua dor. Algo que o ajudasse a esquecer.

Assim, ele se voltava para fantasias. Sonhava com outras mulheres. Abandonava-se a pensamentos lascivos. Aproximar-se da esposa numa hora dessas era impensável. Ele passou a tarde ocioso, mergulhado em suas desenfreadas fantasias.

Ele ficou sentado até o ocaso e, no frescor da noite, lembrou-se de que tinha de preparar o sermão do domingo seguinte.



Sexo e violência — tópicos que mexem com todo homem. As indústrias dos filmes e dos livros geram bilhões de dólares apenas com esses dois tópicos. Os homens conhecem o poder da raiva. Os homens compreendem a fascinação do sexo.

Quando confrontado com o pior caos de sua vida, o homem desta história encontrou conforto na raiva e na fantasia sexual. Ele estava furioso porque o pai lhe havia sido tirado tão cedo. A maioria dos pais de seus amigos eram mais velhos do que o dele, e entretanto ainda estavam vivos. Por que seu pai estava morto?

Nessa época da vida, as lembranças do pai não conseguiam aliviar-lhe a dor. De fato, elas o atormentavam. Eram o lembrete constante de um homem bom que se fora. Para escapar à dor da morte do pai, ele se perdeu em fantasias sexuais. Já não sentia o conforto de ter um pai com quem se aconselhar. Estava com raiva de estar sozinho. Caos – aquela escuridão confusa que entra na vida de todo mundo – intrometeu-se no mundo desse homem, e ele se voltou para algo que ajudava, algo que parecia natural.

Como os homens tipicamente reagem ao caos em suas vidas? Lembre-se da história da tentação. No princípio, no Jardim do Éden, Adão não sabia que o caos existia. A história da Criação em Gênesis começou com o caos mas terminou com a Criação: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era bom”. Ele transformou o deserto num paraíso e o entregou a Adão e Eva para que fosse seu lar. Antes da desobediência de Adão, o homem alcançou êxito em todo empreendimento. Não havia espinhos nem abrolhos. Seu trabalho, em vez de ser uma frustração, lhe dava suprema satisfação. E, mais importante, ele desfrutava relacionamentos perfeitos com sua esposa e com Deus.

Então, o caos entrou de novo na História. Na cultura do tempo em que Gênesis foi escrito, a serpente era símbolo de caos, de uma escuridão incontrollável. A serpente tornou confusa a palavra de Deus ao questionar Eva sobre a sabedoria de Deus. Ela obscureceu a clareza da verdade de Deus. As trevas, mais uma vez, pairaram sobre a Terra. Um capítulo posterior deste livro explica como Adão escolheu o silêncio, quando se defrontou pela primeira vez com o caos. A reação de Adão ao caos transformou o Paraíso num deserto. Seu silêncio introduziu, para os seus descendentes, um caos totalmente novo: violência e perversão sexual. O restante do Gênesis dá os detalhes dessas histórias de sexo e violência: o homicídio de Abel, o incesto de Ló com as filhas e o estupro de Diná, apenas para mencionar alguns.

A luta e o fracasso de Adão têm sido repetidos por todos os homens. Nossas vidas estão cheias de caos. Caos é a tragédia em um milhão de disfarces. Poderia ser o temor de um futuro incerto. É uma decisão que precisa ser tomada, quando todas as possibilidades parecem certas. Caos poderia ser a perda do emprego, uma redução no salário, a perda do companheiro, um adolescente rebelde, um prognóstico médico ruim. Se formos honestos, admitiremos que o caos nos persegue diariamente. Caos é aquela escuridão que paira sobre nós todas as vezes que conversamos com nossas esposas, trabalhamos no nosso emprego, pagamos nossas contas e tentamos enxergar sentido em nossas vidas.

Adão nos ensinou “o que não fazer”. Há alguma coisa que nos ensine a reação certa ao caos de nossas vidas? Antes que se responda o que significa ser homem é preciso, primeiro, decidir qual é o ponto de referência. Aonde os homens vão para definir a si próprios? Eles olham para outros homens, seus pais, suas igrejas? Olham para filmes, TV, Psicologia?

A maior parte dos homens é definida mais pela cultura que os cerca do que pela verdade da Palavra de Deus. Precisamos retornar à Sua história revelada se quisermos ser os homens que Deus imaginou que fôssemos. Deus nos falou através de Sua Palavra e nos deu um desígnio maravilhoso a ser seguido. Para compreender esse desígnio, veremos que é importante e útil comparar a Bíblia com as histórias pagãs da Criação.

Olhemos rapidamente como as culturas antigas, tipicamente, definiam os homens. O que as nações que cercavam Israel diziam sobre os homens? Com que seus deuses se pareciam? Com que deviam seus homens e mulheres se parecer? Como deveriam se relacionar, uns com os outros?

Embora haja numerosos relatos da Criação oriundos de todas as partes do mundo, vamos dar uma olhada em apenas dois: um da Babilônia antiga e um da Grécia antiga. Da mesma forma que olhamos para o Gênesis, a fim de compreender a nós mesmos, os babilônios e os gregos olhavam para seus mitos a fim de compreenderem a si mesmos. Ao ler estes mitos, não deixe de pensar na história da Criação em Gênesis. A diferença entre os mitos pagãos e a história do Gênesis é surpreendente.

A HISTÓRIA BABILÔNICA DA CRIAÇÃO

(Os Babilônios a chamavam *Enuma Elish*)

Quando os céus e a Terra não tinham nome algum, quando não havia pastagens e não havia charcos, Apsu (“Água Doce”) e Tiamat (“Água Salgada”) eram deus e deusa. Eles eram marido e esposa, e tiveram dois filhos: Lahma e Lahamu. E estes, tiveram Anshar e Kishar. Houve muitos filhos e netos.

Logo, todos os filhos, os deuses, se reuniram e fizeram muito barulho. Eles estavam se tornando mais e mais poderosos e barulhentos. Isso atrapalhava a paz e o silêncio de seus pais, Apsu e Tiamat. Apsu resolveu que assassinaria seus filhos e netos para que o silêncio reinasse outra vez. Tiamat ficou horrorizada. Ela estava desgostosa com os seus descendentes mas queria agir bondosamente para com eles.

Apsu não se permitiu ser dissuadido. Ele continuou a tramar a queda de sua prole. Mas Ea, um de seus filhos, ouviu a respeito do sinistro plano. Assim, ele lançou um encantamento sobre seu pai, Apsu, e o assassinou.

Então Ea e a esposa, Damkina, tiveram um filho e o chamaram Marduk. Ele tinha quatro olhos e quatro orelhas. Era um deus esplêndido e seu pais se regozijavam com o poder e a beleza do filho. Ele foi o maior de todos os deuses.

Outro deus, chamado Anu, fez os quatro ventos, que perturbaram as águas de Tiamat. Por estar perturbada pelos ventos, ela, por sua vez, moveu o dia e a noite, inquietando os outros deuses. Eles se queixaram de Tiamat, sua mãe, e a culparam pela morte de Apsu.

Furiosa, ela criou dragões e toda espécie de feras terríveis. Ela criou demônios, e eles trouxeram grande caos aos céus. Ea chamou seu filho, Marduk, para enfrentar Tiamat. Marduk, o grande rei, saiu para batalhar contra Tiamat. Ele fez com que grandes ventos tumultuassem as águas de Tiamat. Ela lançou encantamentos mágicos. Ela cuspiu veneno. Ela abriu a boca para devorar Marduk.

Mas Marduk arrojou um vento mau pela garganta dela e depois atirou-lhe uma flecha; a flecha atingiu o coração da deusa e ela morreu. Ele lançou o corpo dela para baixo e postou-se sobre ele, jactando-se da sua vitória. Ele abriu o crânio dela com seu bastão. Ele cortou as artérias dela e deixou que os ventos carregassem seu sangue a locais distantes. Por último, ele tomou o corpo dela e o dividiu em duas partes: uma parte se tornou o céu, e a outra parte se tornou a terra.

Marduk terminou a criação. Do sangue de um deus, ele criou os homens para fazer o serviço dos deuses, para servir às

necessidades dos deuses. Os deuses se regozijaram na majestade de Marduk e louvaram-no grandemente.

UMA HISTÓRIA GREGA DA CRIAÇÃO

(Os Gregos tiram o nome de sua história da criação do deus Kronos)

No princípio nada havia. Esse nada era chamado Caos, o Vazio. Logo a Terra passou a existir a fim de que os deuses pudessem ter algo em que pisar. A seguir, veio Tártaro, o mundo subterrâneo. Depois, Eros, amor. Ele era muito belo e o mais forte dos deuses.

Caos trouxe à existência Noite e Erebos. Noite e Erebos trouxeram à existência Dia e Espaço. A Terra deu à luz Céu e Mar. Os deuses descansavam no Céu mas habitavam o Monte Olimpo. Céu e Terra deram à luz os Titãs. O mais jovem destes foi Cronos. Ele foi um filho selvagem e odiava seu pai, Céu.

Terra e Céu tiveram três outros filhos. Cada um deles era um monstro terrível, poderoso que tinha cinquenta cabeças. Isso foi demais para Céu, o pai. Ele sempre odiou seus filhos, e assim os aprisionou nas regiões escuras da terra. A mãe deles, Terra, conspirou contra o marido. Ela ofereceu ajuda aos filhos para escaparem da prisão. Todos eles tinham pavor do pai, exceto Cronos. Sua mãe lhe deu uma foice que havia feito anteriormente.

Céu veio à Terra e ternamente espalhou-se sobre Terra. Cronos esperava escondido. Ele golpeou o pai com a foice e o matou. Antes de morrer, Céu amaldiçoou os filhos. Ele declarou que todos eles pagariam pela crime cometido contra ele.

Cronos tinha seus próprios filhos. Certo dia ocorreu-lhe que seus filhos poderiam fazer-lhe a mesma coisa que ele fizera com o pai. Se ele podia matar seu pai, então eles também podiam matá-lo. Quando a esposa, Rhea, deu à luz seus filhos, ele os comeu inteiros. E Rhea orou à Terra que escondesse seu filho, Zeus. Terra concedeu-lhe o que pedira escondendo Zeus no bosque.

Rhea tomou uma grande pedra e embrulhou-a. Ela fez com que Cronos pensasse que a pedra embrulhada era seu filho.

Cronos agarrou o embrulho e engoliu-o. Ele achou que havia destruído o filho. Assim, Zeus se tornou o maior dos deuses. Logo, Zeus, destruiria seu pai, Cronos.

“INFLAMADOS PELA IRA E ENLOUQUECIDOS PELA LASCÍVIA”

Ambos os mitos têm fios comuns. As histórias começam com caos. No mito babilônico, o céu e a terra não tinham nome, e não havia terra cultivável. A história grega é mais óbvia: no princípio não havia nada, e isso era chamado de Caos.

Nas duas histórias, o deus masculino se sente desconfortável com a deusa feminina. Ela personifica o caos. Ela é o mistério que precisa ser violentamente assassinado e desmembrado. Na história babilônica, o corpo dividido de Tiamat torna-se o ventre que dá à luz terra e céu. Na história grega, a deusa feminina, Terra, seduz sexualmente o marido a fim de destruí-lo.

Os deuses guerreiam contra seus próprios filhos. Os deuses e deusas dos mitos pagãos assassinam pais, irmãos, esposas e filhos. Eles criam a raça humana para trabalhar para eles como escravos. Eles vêem a humanidade como má e sem nenhuma dignidade. As histórias terminam em caos: morte, destruição, desvios sexuais. As pessoas não são nutridas; são destruídas. Os mitos pagãos movem-se do caos para o caos.

Os mitos pagãos podem apenas afirmar o que já é verdade a respeito dos homens. Os homens são violentos e são sexualmente perversos. Os pagãos moldaram seus deuses à imagem do homem. O homem como ele era se tornou o seu ponto de referência. Eles podiam apenas falar do que era natural para os homens. Raramente, se é que algum dia o fizeram, falaram do que o homem poderia vir a ser, da dignidade e da beleza da masculinidade.

Nos mitos pagãos, os homens trouxeram escuridão à Terra. Visto os deuses masculinos serem egoístas, medrosos e insaciáveis, eles trouxeram caos às suas famílias. Os mitos pagãos mostravam um deus masculino que vivia para si mesmo, um deus que era o único propósito de sua própria existência.

Ouçã o que Cícero disse sobre as histórias grega e romana da criação:

“Os poetas representaram os deuses inflamados pela ira e enlouquecidos pela lascívia, e expuseram ao nosso olhar suas guerras e batalhas, suas lutas e ferimentos, seus ódios, inimizades e disputas...suas queixas e lamentações, a licenciosidade plena e irrefreada de suas paixões, seus adultérios e aprisionamentos, suas uniões com os seres humanos, e o nascimento de prole mortal de um progenitor imortal”.

No antigo Oriente Próximo, os homens temiam o caos acima de qualquer outra coisa. Os homens da antigüidade viviam em perpétuo terror de serem atirados ao caos a qualquer momento. Eles viviam com medo da fome. Viviam com medo da infertilidade. Viviam com medo de inimigos saqueadores. Então, o que fizeram com seu caos? Fizeram deuses à sua imagem – deuses de violência e perversão sexual. E adoravam seus deuses com violência e perversão sexual para apaziguá-los, para persuadi-los a banir o caos de seu mundo. É assim que muitos homens têm reagido ao caos.

Mas como podem os homens reagir ao caos em suas vidas? Qual é o padrão bíblico?

DO CAOS À CRIAÇÃO

Na história do Gênesis, o homem é feito à imagem de Deus. O Cristianismo começa com Deus, não com o homem. Somos feitos à Sua imagem. Ele é o nosso ponto de referência. E quem é este Deus? Será que Se parece, de algum modo, com os deuses dos mitos pagãos? Deus usa a violência e a perversão sexual para confrontar o Seu caos? De forma alguma.

A história da Criação, em Gênesis, jamais afirma a violência e o apetite sexual exigente do homem. Ao contrário, a história dá um rico retrato do que era o homem em seu estado perfeito e o que o homem poderia ser se vivesse à imagem de Deus. É o

macho e a fêmea, homem e mulher, vivendo em harmonia e respeito mútuo. O macho não sente pavor da fêmea. A fêmea não tenta destruir o macho. Eles nutrem um ao outro e, juntos, cultivam o jardim em que vivem.

Adão e Eva deviam “cultivar e guardar” o jardim; isto é, eles foram chamados a proteger e nutrir. Força, o oposto de violência, está no homem para guardar os relacionamentos, não para destruí-los. Intimidade, o oposto de lascívia, está no homem para nutrir as pessoas, não para usá-las em seus desejos egoístas.

As primeiras palavras registradas de Adão foram relacionais e poéticas: *“Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne!”*. Por todo o Gênesis e o Antigo Testamento, o homem é o mediador. Ele é a conexão entre o passado e o futuro. Ele compreende que não vive para si mesmo. Não destrói seus filhos. Não se esquece dos seus filhos. Ele sabe que a violência destrói as crianças. Compreende que a perversão sexual corrompe as crianças. Ele se lembra das histórias antigas, das histórias de seus pais e avós. E vive para transferir a história de Deus à próxima geração, a seus filhos e netos. *“Quando seus filhos lhe perguntarem no futuro: ‘Estas palavras e mandamentos e ordenanças que Deus lhe ordenou – o que significam?’ Então vocês dirão aos seus filhos...”*⁶ (Dt 6.20-21).

Existe uma semelhança importante entre Gênesis e os mitos pagãos. Ela está registrada em Gênesis 3: “A Queda do Homem”. A desobediência de Adão fez exatamente o que os mitos pagãos toleravam. Deus Se moveu do caos à Criação em Gênesis 1 e 2. Em Gênesis 3, Adão se moveu do caos para o caos num mundo de beleza. A desobediência de Adão pôs em movimento um mundo escuro – um mundo de sexo e violência. O restante de Gênesis retrata o resultado do pecado do primeiro homem: ódio, homicídio, racismo, estupro, incesto e adultério.

Quando o homem adentra o mistério da vida com fúria e lascívia, ele vive como os pagãos vivem. Acha que não há esperança em Deus. Deus está ausente. Deus está calado. O homem não sabe o que fazer com a confusão de sua vida, portanto ele busca a fúria e a lascívia.

A fúria faz com que o homem se sinta poderoso. A violência faz com que tomemos as coisas em nossas próprias mãos e procuremos corrigir um Deus injusto. A lascívia ajuda o homem a esquecer. A fantasia é uma forma egoísta de viver para o presente. Ela nega a dor do passado e a esperança do futuro. Com a ira, os homens estão presentes mas são perigosos. Com a lascívia, os homens estão ausentes, mas se sentem-se vivos.

O livro de Gênesis conta uma história da Criação muito diferente. Sim, a história termina mal. Mas começa com muita beleza. Essa é a nossa esperança. A beleza existe. O significado e a ordem existem. Reagir ao mistério da vida com violência e perversão sexual arroja o mundo de volta às trevas. Gênesis nunca aprova isso. Gênesis nos convida a retornarmos ao nosso desígnio, a nos tornarmos homens de força e intimidade, a honrarmos o nosso chamado de nos tornarmos como Deus. O livro do Apocalipse nos diz que um dia nós conseguiremos. Tudo entre esses dois livros nos diz como. Essa é a história de Deus. Ela precisa ser lembrada.

UM CHAMADO A SER LEMBRADO

Antes de entrar no prédio sem janelas, ele olhou dos dois lados, como se estivesse prestes a atravessar um cruzamento perigoso. Seu coração disparava tanto de medo quanto de excitação. Ele temia ser apanhado – ou não ser. Ele sentia a excitação de estar despertado e correndo riscos. Embora essa parte da cidade fosse uma que seus paroquianos raramente visitavam, ele se inquietava com a possibilidade de que alguém que conhecesse o visse passar ali naquele instante. Mas, não vendo nenhum rosto conhecido, ele passou cautelosamente por uma porta marcada “Só Adultos”.

Durante a hora seguinte, ele folheou avidamente revistas e assistiu vídeos; de quando em quando, erguendo os olhos, para se certificar de seu anonimato. Durante aquele tempo, ele se esqueceu de tudo que considerava importante: as ricas horas de oração que ele desfrutara com bons amigos na noite anterior; a esposa, grávida, do segundo filho do casal; a filhinha de dois anos e olhos brilhantes; a igreja, cada vez maior, que pastoreava; o Deus a quem ele conhecia desde sua conversão no colegial. Ele tirou todos da cabeça, porque sua presença teria estragado a indulgência momentânea.

Depois de algum tempo, ele partiu tão cautelosamente quanto havia entrado sentindo-se, ao mesmo tempo, entediado e exci-

tado – e profundamente insatisfeito. Durante a longa volta à casa, o medo e excitação iniciais de sua “aventura” foram substituídos por conhecida sensação de derrota.

Do outro lado da cidade, outro homem se dirigia ao mesmo local. Esse também era um caminho freqüentemente visitado por ele. Mas, desta vez, durante sua jornada torturante, ele notou uma antiga catedral de pedra situada ao longo da sua rota. Subitamente, ele fez uma escolha. Entrou com o carro no estacionamento da igreja. Parou, desceu, e caminhou na direção das enormes portas de carvalho. Como o outro homem, ele estava temeroso e excitado, mas não precisou olhar dos dois lados antes de entrar. O medo desse homem era de que sua escolha súbita – uma escolha melhor e diferente – tivesse vida breve. Mas, talvez, houvesse algo nobre dentro dele; algo que inspirou sua escolha, algo que pressionava para ser liberado.

Ele prosseguiu através das portas. Uma vez dentro, caminhou silenciosamente até o altar. Ali acendeu uma vela, ajoelhou-se diante dela e orou. Ele estava humilhado e quebrantado pelas escolhas tolas que fizera no passado e, grato, porque aquele dia alguma coisa estava diferente. Ele pensou na esposa, nos filhos, nos colegas de ministério, e se lembrou de Deus e O adorou ali.

Após algum tempo, ele deixou a igreja, entrou no carro e foi para casa. Estava exausto da luta. Mas, pela primeira vez em muitos anos, se sentia esperançoso.

A LUTA É REAL

Você acabou de ler duas breves histórias de dois homens. Suas lutas são semelhantes; suas escolhas não. Nessas histórias, muitos homens, talvez, reconheçam suas próprias lutas com questões parecidas. Dezenas de homens têm travado batalhas vergonhosas como estas, por anos, mas tido vergonha demais para conversar sobre elas com alguém. Eles se sentiram sozinhos.

Outros homens que não se debatem com a pornografia podem não estar conscientes de vícios mais sutis. Eles se entregam a paixões diferentes: excesso de trabalho, materialismo, gula, necessidade de controlar, necessidade de que gostem dele,

uma vida ativa de fantasias, masturbação. A lista é infinda, mas a luta é a mesma: todos os homens lutam contra desejos e paixões irresistíveis que desafiam restrições. E como os dois homens nas histórias que deram início a este capítulo, alguns combatem bem, enquanto, outros, conhecem apenas a derrota.

A RAIZ DO PROBLEMA

Se qualquer desses dois homens o procurasse pedindo ajuda, o que você diria? Que conselho daria que o ajudasse a tratar seus problemas?

A maioria dos conselheiros, talvez, fosse em uma de diversas direções: “Você precisa estar em comunhão com outros crentes”, dirá um. “Se estiver em comunhão com homens e mulheres piedosos, terá mais probabilidade de manter-se afastado de padrões pecaminosos. Preste contas a alguém.” “Leia a Bíblia e decore passagens chaves”, sugerirá outro. “O homem que guarda a Palavra de Deus no coração não será enlaçado pelas coisas deste mundo.” Um outro ainda aconselhará: “Fuja da tentação. Fique longe de certos lugares que podem fazê-lo tropeçar.”

Todos esses conselhos são bons, sólidos e certos. Todos têm forte respaldo bíblico. Para alguns homens, essas exortações têm produzido mudança palpável. Mas, a muitos outros, tais conselhos, deixam ainda mais desanimados. Talvez seja essa a sua reação. Talvez você tenha feito fielmente todas essas coisas durante anos e nada tenha realmente mudado. Você obteve sucessos temporários, mas seus problemas sempre voltam e você acabou se sentindo mais desanimado do que nunca.

Sugiro que consideremos outra abordagem das lutas dos homens — uma que incorpore o que os outros conselhos têm de bom, e ofereça mais. Em vez de simplesmente evocar mais energia para fazer — ou não fazer — algo; olhar com mais profundidade. Pergunte a si mesmo: Por que fazemos o que fazemos? Por que escolhemos viver de maneiras que são contrárias ao que sabemos ser verdadeiro e certo?

Os homens são criados à imagem de Deus. Por desígnio, somos chamados a expressar — pela maneira como vivemos e

nos relacionamos e de forma singular — algo d’Ele, ao mundo. Fomos feitos para nos mover, falar, criar, amar. Se nossas vidas não refletirem essa imagem, algo está errado. E o que está errado aqui é sério. Uma grande escolha é exigida dos homens, uma que abrange muito mais do que a decisão de olhar ou não pornografia. A escolha errada, quando não reconhecida, resulta na violação da natureza essencial do homem.

O afastamento do desígnio planejado para nós é a raiz do problema. E esse afastamento é sempre uma escolha.

CRIADOS PARA LEMBRAR

Já vimos que o homem expressa a imagem de Deus quando se move e fala para dentro do caos de seu mundo. Entretanto, há mais coisas envolvidas no desígnio de Deus para os homens. Gênesis 1.27 nos diz explicitamente que Deus criou o homem e a mulher “à sua imagem”. Nessa passagem, a palavra “homem” é traduzida da palavra hebraica *zakar*, que significa “aquele que se lembra”. Que palavra curiosa para descrever o homem. Talvez esperássemos uma palavra que significasse “aquele que é forte”, “aquele que lidera” ou “aquele que é poderoso”. Mas, em vez disso, o homem é descrito como alguém que se lembra. Por quê?

De que o homem deve se lembrar? Será que deveria se lembrar melhor de onde deixou as chaves? Deveria se esforçar mais para se lembrar de datas importantes, como aniversários de casamento e datas de nascimento? Se é isso que significa ser homem — aquele que se lembra? Então todos, menos os mais compulsivos, dentre nós, estamos em apuros. Mas, a idéia de lembrança tem um significado muito mais profundo. Significa primeiro que temos algo importante de que nos lembrar; segundo, sugere que temos uma razão para nos lembrar.

ALGO PARA LEMBRAR

Todos nós temos diversos amigos de longa data que compartilharam momentos importantes da nossa vida. Para mim,

esses amigos foram meus colegas num ministério universitário. Faz muitos anos desde que tivemos nossa última reunião, mas sempre que esse grupo de amigos queridos se reúne, cada um de nós sabe o que acontecerá. Desfrutaremos de uma boa refeição, seremos postos a par das vidas uns dos outros e, finalmente, em algum momento durante a noite, começaremos a contar histórias. Essa parte não é algo que discutimos com antecedência, nem é algo para o qual cada um de nós se prepara. Ela simplesmente acontece.

Alguém começa a relembrar um evento em particular de nosso passado compartilhado e todos ouvem atentamente. É uma história que cada homem do grupo já ouviu inúmeras vezes, mas isso não reduz o interesse na narrativa. De fato, tão familiarizados estamos com cada história que o contador é muitas vezes corrigido por alguém que se lembra de alguma parte importante do enredo. A antecipação vai crescendo à medida que a história ganha ímpeto e se move rumo ao clímax hilariante. Quando esse momento é alcançado, todos nós explodimos numa gargalhada ruidosa, com lágrimas a escorrer-nos pelo rosto, enquanto tentamos recuperar o fôlego. E quando recobramos a compostura, ouve-se um pedido: "Roger, conte aquela sobre...". E o ciclo continua noite adentro.

Por que contamos essas histórias? É por estarmos desesperados por diversão? (Alguns já sugeriram isto.) É por que estamos vivendo no passado e não conseguimos nos mover adiante? (Alguns já sugeriram isto também.) Mas, há uma razão muito mais importante.

A questão nada tem a ver com as histórias que contamos. Em si, elas nada mais são do que vinhetas engraçadas de vidas compartilhadas. São divertidas e, às vezes, bobas, mas, de alguma forma, são importantes. Seu valor reside no poder que têm de nos apontar na direção de algo. Elas nos relembram de outros dias, outros tempos, anos atrás, quando trabalhamos juntos num ministério estudantil. Foi uma época em que vimos Deus trabalhar em nossas vidas e nas vidas dos estudantes por quem éramos responsáveis. Aconteceram coisas significativas, aconteceram coisas tristes, aconteceram verdadeiros milagres. Deus

fez uma obra em nosso meio, e contamos nossas histórias para nos lembrar daqueles dias.

É apenas apropriado que nosso grupo de homens conte histórias uns aos outros. Afinal, os homens foram construídos dessa maneira. Somos “aqueles que se lembram”, criados para relembrar o passado, criados para contar histórias.

Relembrar é um tema repetido por toda a Bíblia. Quando o povo de Deus se reunia para o culto, eles confessavam seus pecados e oravam, e um de seus líderes se levantava no meio deles e começava a relembrar os feitos de Deus:

“Viste o sofrimento dos nossos antepassados no Egito, e ouviste o clamor deles no mar Vermelho. Fizeste sinais e maravilhas contra o faraó e todos os seus oficiais e contra todo o povo da sua terra, pois sabias com quanta arrogância os egípcios os tratavam. Alcançaste renome, que permanece até hoje. Dividiste o mar diante deles, para que o atravessassem a seco, mas lançaste os seus perseguidores nas profundezas, como uma pedra em águas agitadas. Tu os conduziste de dia com uma nuvem e de noite com uma coluna de fogo, para iluminar o caminho que tinham que percorrer.” (Ne 9.9-12).

A história era contada e repetida à medida que episódios eram lembrados. Pense no número de vezes em que as obras de Deus são recontadas na Bíblia. Por que tantas vezes? No Antigo Testamento, Deus estava ansioso por revelar-Se a um povo que vivia em meio ao caos. Os anciãos sabiam que histórias do amor fiel de Deus eram uma âncora necessária para o povo continuar confiando. O fato de relatarem antigas histórias transmitia uma mensagem vital: “Deus é fiel a Seu povo. Uma vez após outra, Ele interveio em nosso favor. Ele provou Sua bondade. E Ele é, hoje, o mesmo Deus de então. Por isso, animem-se! Tenham fé! Não se esqueçam de como Ele é e do que tem feito.”

Habacuque, o profeta que esbraveja contra Deus por Sua aparente inatividade e o acusa de ser surdo e mudo, encontra esperança quando se lembra, e ora: *“Senhor, ouvi falar da tua fama; tremo diante dos teus atos, Senhor. Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras, faz-as conhecidas em nosso tem-*

po; em tua ira, lembra-te da misericórdia” (Hc 3.2). Habacuque estava relembrando a história revelada de Deus.

Certa vez, quando os filisteus se aproximavam de Israel para guerrear, o profeta Samuel ofereceu um sacrifício. O Senhor tropejou e espalhou pânico entre os inimigos, permitindo que Israel os vencesse com facilidade. Samuel então tomou uma pedra e a estabeleceu, dando-lhe o nome de Ebenézer, que significa: “Até aqui nos ajudou o Senhor”. Daquele dia em diante, sempre que o povo passava por aquela pedra se lembrava da fidelidade de Deus.

Somos aqueles que se lembram. Somos criados para nos lembrar das palavras de Deus e da obra de Deus. Os homens são chamados a se lembrar de Deus contando fielmente aos outros quem Ele é e o que tem feito. Mas por quê? Qual é o propósito da lembrança?

UMA RAZÃO PARA LEMBRAR

“Apenas tenham cuidado! Tenham muito cuidado para que vocês nunca se esqueçam das coisas que os seus olhos viram; conservem-nas por toda a sua vida na memória. Contem-nas a seus filhos e a seus netos. Lembrem-se do dia em que vocês estiveram diante do Senhor, o seu Deus, em Horebe, quando o Senhor me disse: ‘Reúna o povo diante de mim para ouvir as minhas palavras, a fim de que aprendam a me temer enquanto viverem sobre a terra, e as ensinem a seus filhos’.” (Dt 4.9-10)

Alguns anos atrás, passei por uma época particularmente difícil. Por meses, tudo na minha vida dava a impressão de ser uma batalha. Clientes, no meu ministério de aconselhamento, apresentavam problemas especialmente complicados e aparentemente insolúveis. Amigos meus, passavam por tempos extremamente difíceis. Os horrores de viver neste mundo decaído pareciam muito próximos.

Comecei a me sentir um tanto desequilibrado. A todo instante, eu sentia um impulso irreprimível de chorar ou de brigar. Eu ouvia uma canção no rádio, e começava a chorar. Um motorista se infiltrava um pouco na minha faixa, e eu tinha de

resistir ao impulso de forçá-lo a sair da estrada. Uma criança sentada no carrinho de compras da mãe, num supermercado, sorria para mim e meus olhos se enchiam de lágrimas. Entretanto, se a fila do caixa não se movesse com uma certa velocidade, eu logo procurava o gerente, enraivecido, para corrigir o problema. Tristeza e fúria, indo e vindo.

Finalmente, procurei um bom amigo e colega e contei-lhe o que estava acontecendo. Ele ouviu atentamente antes de me dar esta resposta solene: “É difícil ter entrado na batalha e descobrir que não há como sair dela.”

Sua resposta me deixou estupefato – mas eu sabia que era a verdade. Durante o decorrer de diversos anos, eu havia feito algumas escolhas de lutar uma batalha maior. Havia escolhido abrir meus olhos, mais e mais, para as terríveis realidades de um mundo decaído. Quando eu tinha vinte e poucos anos, vivi como um homem que se contentava em deixar os outros lutarem as grandes batalhas, enquanto eu ficava nos bastidores e oferecia alimento e água. Mas essa posição estava mudando, e eu sabia. Enfrentar o futuro agora parecia apavorante. A realidade dele trazia lágrimas e ira: lágrimas, porque eu queria ir para casa (onde quer que fosse); e ira, pelo que eu temia que estivesse à frente, e pelo que poderia ser exigido de mim.

Após conversar com meu amigo, eu me lembrei de algumas histórias que meu pai me contou sobre a Segunda Guerra Mundial, na qual, quando jovem, ele havia lutado. Liguei para meu pai certa noite e pedi que ele escrevesse para mim algumas de suas reflexões sobre sua experiência da guerra.

Na semana seguinte, chegou a carta de meu pai. Ele descrevia eloqüentemente os dias que precederam a invasão da praia Omaha. Os sentimentos dos homens. As palavras de seus comandantes. O desembarque nas praias. O rastejar sob os corpos de companheiros caídos. Fadiga. Dificuldade. A causa que lhe dava coragem, e o temor que o instigava a bater em retirada. E, entremeando toda a descrição da batalha, as palavras de meu pai falavam de oração, de medo, de conhecer a Deus no meio de tempos terríveis e difíceis.

Devorei a carta. Ela me fez conhecer uma parte de meu pai que eu não conhecera anteriormente. Mas o mais importante foi que ela me deu esperança. Algo dele, algo do que ele se lembrava, havia sido passado para mim. E eu conhecia agora de uma forma mais profunda, algo dos caminhos de Deus.

As palavras do meu amigo e a carta de meu pai sugerem a razão pela qual devemos nos lembrar. Os homens são chamados a passar adiante algo importante às gerações futuras: não apenas passar adiante a história mas passar adiante a lembrança de Deus em nossas vidas. É o ato de colocar nossas vidas presentes numa perspectiva maior. De fato, o salmista testifica sobre a esperança e a coragem que as histórias de Israel lhe davam:

“Com os nossos próprios ouvidos ouvimos, ó Deus; os nossos antepassados nos contaram os feitos que realizaste no tempo deles, nos dias da antiguidade. Com a tua própria mão expulsaste as nações para estabelecer os nossos antepassados; arruinaste povos e fizeste prosperar os nossos antepassados. Não foi pela espada que conquistaram a terra, nem pela força do seu braço que alcançaram a vitória; foi pela tua mão direita, pelo teu braço, e pela luz do teu rosto, por causa do teu amor para com eles” (Sl 44.1-3).

Meu pai não deu as respostas para a minha luta. Mas sua lembrança me deu coragem para continuar no meio dela. Suas histórias me deram esperança.

A RECUSA DE LEMBRAR

A maioria dos homens é conhecida por seu silêncio. Os filhos raramente ficam sabendo sobre o passado dos pais – suas experiências, seus fracassos, suas lutas com a fé. Em vez de passar algo a seus filhos, ele permanece calado, agindo como se não tivesse nenhuma lembrança. Por quê?

Pense de novo nos dois homens que descrevi no início deste capítulo. De que maneira a idéia do homem como “aquele que se lembra” se relaciona com uma luta contra o pecado sexual – ou com qualquer outro pecado?

Pense sobre isso. O homem que entrou na loja só para adultos teve de tirar da cabeça tudo o que lhe era caro. Ele não podia “gozar” aqueles prazeres pecaminosos enquanto algum pensamento da esposa ou filhos ou ministério ainda estivessem em sua mente. Durante aqueles momentos, conquanto breves, ele também teve de tirar Deus da cabeça, para honrar suas escolhas pecaminosas.

Considere uma época na qual você se moveu propositalmente – física ou mentalmente – na direção de alguma coisa que você sabia ser errada. Naquele momento, como estava o seu relacionamento com Deus? Era próximo? Você estava desfrutando da intimidade d'Ele? Claro que não. Se Deus tivesse estado no cenário, você não poderia ter continuado naquela direção pecaminosa. Essa é a natureza da idolatria – a busca de algo, além de Deus, para satisfazer os desejos pessoais. Escolhas pecaminosas requerem que Deus seja esquecido. Neste sentido, “esquecer” significa mais do que, apenas, não saber onde estão as chaves do carro. É uma escolha ativa e proposital – uma recusa de se lembrar.

O apóstolo Paulo pinta um quadro vívido do que aconteceu quando os homens *“trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis”* (Rm 1.23). *“Por isso Deus os entregou à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si”* (Rm 1.24). O versículo 28 é especialmente digno de nossa atenção: *“Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam”*. Essas pessoas se esqueceram de Deus. O resultado foi um sério pecado.

Embora os homens conhecessem a verdade, a respeito de Deus, chegaram a um ponto em que não viam valor algum em manter essa verdade em primeiro lugar em suas mentes. Eles moldaram deuses previsíveis, deuses que não interfeririam com suas escolhas pecaminosas. O que o homem está fazendo quando vai a uma livraria ou quando ele fantasia sobre algo? O que está acontecendo quando ele precisa estar no controle, e exige

que os outros se alinhem com seu modo de pensar? Qual é a motivação do homem quando sua maior paixão é que gostem dele? Em cada uma dessas situações, o problema subjacente é a falha em acreditar que Deus é suficiente. “Esta vida que estou vivendo não está funcionando. Deus não me está tratando como mereço. A vida, simplesmente, não faz com que eu me sinta bem. Quero algo, ou alguém, que faça com que eu me sinta bem ou me controle. Confiar em Deus não está produzindo os resultados que desejo. Portanto, eu O colocarei de lado. Preciso escolher esquecer Deus, por algum tempo, e substituí-Lo por algo mais agradável.”

Nós, homens, chegamos a isso de maneira muito natural. Adão, antes da Queda, tinha algo do que se lembrar. Adão conhecia muito sobre o caráter de Deus, por ter testemunhado a obra criativa de Deus e por suas conversas com Ele. Adão sabia o que Deus lhe dera para fazer, o que Deus provera para ele, e quais eram seus próprios limites. Contudo, já vimos que Adão não agiu segundo o que ele sabia ser verdadeiro. Quando a serpente tentou Eva, Adão não falou. Sua memória falhou. Para ser mais preciso, ele se recusou a lembrar.

Estou sugerindo que os homens deveriam estabelecer uma “hora de história” para suas famílias todas as noites? Que toda vez que for tentado, o homem, deve recitar passagens bíblicas que relatam as obras de Deus? Será que essas coisas realmente ajudam? Talvez. Mas elas podem apenas colocar mais pressão sobre o homem para que ele faça as coisas certas. Algo mais é necessário — uma mudança de coração! A menos que os homens enfrentem honestamente seu obstinado deleite em se esquecer e sua dedicação a paixões mais fortes do que seu desejo por Deus, jamais ocorrerá uma mudança duradoura.

UM CHAMADO À LEMBRANÇA

Quando eu era um cristão novo, achava incrível que um grupo de pessoas que testemunhara a abertura do Mar Vermelho pudesse se esquecer do que Deus havia feito e retornar ao culto de falsos deuses. Logo após seu milagroso livramento das

mãos dos egípcios, os israelitas estavam novamente cometendo pecado. E a Bíblia relata dezenas de incidentes por toda a história de Israel em que as pessoas conheciam a bondade de Deus mas, ainda assim, buscavam outros caminhos para a vida.

Essas histórias costumavam me surpreender. Mas hoje, quando me defronto com as realidades em minha própria vida, não me surpreendo mais. Sou um homem que crê, um homem que já viu a mão de Deus operando poderosamente em minha vida. E no entanto, por vezes, ainda busco algo que não seja Deus para me dar satisfação e realização. E ao fazer isso, deixo de me lembrar do que é verdadeiro.

Após três anos, o tempo de Jesus com os discípulos estava chegando ao fim. Certa noite, Jesus os reuniu para a ceia da Páscoa. Esse grupo de homens havia estado com Ele, vira seus milagres com os próprios olhos e, logo depois, testemunharia Sua morte e ressurreição. A esses homens Jesus disse: “Fazei isto em memória de mim”. Com certeza, dentre todas as pessoas, eles não precisariam de um símbolo que os ajudasse a se lembrar de Cristo. Depois de tudo o que haviam testemunhado e ouvido, como poderiam esquecer?

Contudo, Jesus conhecia aqueles homens como conhece a nós. E conhecia sua inclinação ao esquecimento. Considere a discussão mesquinha, registrada em Lucas 22.24, que ocorreu entre eles logo após Jesus ter predito Sua morte: *“Surgiu também uma discussão entre eles, acerca de qual deles era considerado o maior”*. Mesmo antes de Jesus ter deixado a sua presença, eles haviam se esquecido do que Ele dissera. Já estavam se afastando da vida à qual Jesus os chamara.

Os dois homens descritos no início deste capítulo foram defrontados com a escolha de se lembrar. Ambos lutaram. E ambos adoraram. O primeiro, se recusou a se lembrar e, em última instância, adorou diante do altar de um deus falso. O segundo, ouvindo o chamado de Cristo para que se lembrasse d'Ele, adorou ao Deus verdadeiro.

ELE ESTAVA LÁ E SE CALOU

“Creio em Deus mesmo quando Ele se cala.”

Aquele fora o dia mais longo de sua semana. Ele era professor numa pequena universidade e tinha de trabalhar em dois empregos para equilibrar o orçamento doméstico. Acordou bem cedinho, naquela manhã de quarta-feira, para aconselhar um cliente de outra cidade pelo telefone. Depois, foi correndo se encontrar com um aluno para tomarem juntos o café da manhã. Em seguida, dirigiu-se às pressas ao seu escritório para a reunião semanal do corpo docente. Assim que a reunião terminou, ele deu uma aula de três horas. Depois, veio um almoço com outro aluno, seguido de quatro horas consecutivas de aconselhamento. Para terminar o dia, ele passou uma hora com um colega, discutindo planos para um seminário que se aproximava.

Ao dirigir-se para casa aquela noite, ele estava esgotado e exausto. Tinha conversado com amigos, alunos, ex-alunos, colegas e clientes das 5h30 da manhã até as 18h30. Mais uma vez, havia dado de si mesmo até o ponto de exaustão. Enquanto ainda estava a caminho de casa, ele concluiu que não lhe restara mais nada de si para dar a quem quer que fosse. Mais do que qualquer coisa, queria ficar só. Ele pensou brevemente sobre como poderia fugir por alguns dias.

Enquanto ouvia o rádio, ele sonhava com sua cabana imaginária aninhada nas montanhas. Nenhuma controvérsia. Nenhum pedido. Nenhuma crítica. Mas ele estava dividido por outro pensamento, que o corroía, embora fosse agradável. Mesmo cansado, como estava, ele mal podia esperar para estar com as pessoas a quem mais amava: a esposa e o filho.

Ao se aproximar da garagem, ele sentiu uma fúria crescer dentro de si. Seu corpo se retesou e ele sentiu uma conhecida parede subindo. Ele sabia exatamente o que aconteceria quando entrasse em casa. Reviu mentalmente a cena enquanto entrava na garagem: o filho ia querer brincar e a esposa ia querer saber tudo a respeito do seu dia. E ela ia querer contar tudo a respeito do dia que tivera. Ela daria uma lista de tudo o que enfrentara desde que ele saíra aquela manhã. Pediria que ele desse uma olhada na secadora de roupas ou consertasse o vaso sanitário ou desentupisse o triturador de lixo.

Permanecendo sentado no carro, ele sentia o peso do que a família pediria dele. Ele começou a culpar a esposa por sua raiva e frustração. Ela pede demais. Ela não entende as frustrações do meu trabalho. Não aprecia os sacrifícios que faço por ela. Ela nunca me dá trégua, queixou-se consigo mesmo.

Quando ele entrou na sala, a esposa o saudou com uma pergunta que milhões de esposas fazem a seus maridos todos os dias. Era uma pergunta simples, que exigia apenas uma resposta simples. Por que aquilo o deixou zangado? A esposa não estava pedindo algo que ele não pudesse dar, como a resposta a um problema matemático complexo, por exemplo. Ela estava pedindo algo que ele podia dar, mas que guardava como um pirata alucinado protege o seu tesouro mais secreto.

Ela perguntou: "Como foi o seu dia?". Ele passara seu longo dia conversando – aconselhando, batendo papo, ensinando, discutindo planos futuros. E agora, após treze horas de conversas, ele ofereceu à esposa sua resposta de sempre à essa pergunta. Olhando-a bem nos olhos, ele disse uma única palavra: "Bom."

Esperava que isso encerrasse a conversa. Imediatamente apanhou a correspondência e fingiu que era mais urgente do

que a pergunta da esposa. Ele, contudo, tinha plena consciência de que ela estava perguntando mais do que como seu dia tinha sido. Ela queria que ele compartilhasse sua vida consigo, que iniciasse uma conversa, tocasse a solidão dela com suas palavras e presença. Mas ele se recusou a fazer isso.

Como em tantas noites anteriores, ele se calou diante daquela a quem amava. Podia falar com alunos e clientes, mas se escondia da esposa. Mais tarde, naquela noite, na privacidade de sua mente, ele se angustiou com sua obstinada e silenciosa fuga. E se fez as perguntas de sempre: Por que desprezo as perguntas dela? Eu amo a minha esposa, mas uso a exaustão como desculpa para descartá-la. Por que me calei? Hoje foi um dia particularmente longo. Mas mesmo nos dias mais fáceis, fujo daqueles a quem amo. Por quê?

O QUE ESTÁ ERRADO COM OS HOMENS?

Eu entendo esse homem. Eu o entendo porque, quase diariamente, passo por essa mesma rotina e me faço as mesmas perguntas. Contudo, meu trabalho, tanto nas Escrituras quanto no meu consultório de aconselhamento, me convenceu de que todo homem se debate com um silêncio profundo e escolhido. A primeira vez em que ensinei sobre o silêncio dos homens, vi-me cercado por um bando de esposas que exclamavam: “Meu marido também é calado! O que posso fazer para conseguir que ele converse comigo?”. E alguns homens se aproximaram sorrateiramente e sussurraram: “Achei que eu era o único. Você tem problemas com isto também?”.

Todo homem se debate com a tensão entre um desígnio ao qual não pode escapar e sua violação diária desse desígnio. O desígnio para todo homem é o de falar e ser alvo da fala de outros. Os homens querem amar e ser amados, mas se sentem interiormente bloqueados. Algo não permite que suas emoções e sentimentos venham para fora.

Podemos ser ajudados? Podemos mudar? Claro, mas a jornada do homem piedoso começa de maneira estranha. Sua jornada começa quando ele enfrenta o fracasso; não, quando

alcança sucesso. Ela começa com uma avaliação honesta do que está errado.

A solução de um problema começa sempre com a avaliação correta do problema. Precisamos entender claramente o que está errado conosco antes de podermos mudar e viver segundo o que nos foi designado. As Escrituras oferecem uma explicação. Elas falam de um homem – o primeiro homem – que teve o problema do silêncio. Vamos dar uma olhada cuidadosa nesta conhecida história para ver qual é o problema e onde ele começou.

ADÃO ESTAVA LÁ...

“E a serpente era o mais sagaz de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E a serpente disse à mulher: ‘Deus disse realmente: ‘Vocês não comerão de todas as árvores do jardim?’ E a mulher respondeu à serpente: ‘Podemos comer do fruto das árvores do jardim. [Mas] do fruto da árvore que fica no meio do jardim Deus de fato disse que não se pode comer dele, e não se pode tocá-lo, para que não se morra.’ E a serpente disse à mulher: ‘Certamente vocês não morrerão. Pois Deus sabe que no dia em que vocês comerem, seus olhos se abrirão e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal.’ E a mulher viu que a árvore era boa para se comer, e que era agradável aos olhos, e que era desejável para dar sabedoria, e ela tomou do seu fruto e comeu-o. E deu também a seu marido, que estava com ela, e ele comeu. E os olhos de ambos se abriram, e perceberam que estavam nus, e coseram folhas de figueira e fizeram vestes para si.” (Gn 3.1-7, tradução do autor)

Ao longo da História, a Igreja em geral tem culpado Eva pela queda da raça humana. A maior parte das pessoas presume que, enquanto a serpente e Eva conversavam, Adão estava em outro lugar. Elas supõem que, após ter pecado, Eva encontrou Adão e o induziu a comer do fruto proibido. Com frequência, Eva é acusada de ter tentado travar uma batalha de esperteza com a serpente e, em sua fraqueza, sucumbido à astúcia da adversária. Tem sido ensinado que Eva deu o primeiro passo

para pecar contra Deus, e que Adão apenas seguiu o seu exemplo. Alguns intérpretes têm até sugerido que Adão comeu do fruto para que Eva não vivesse sozinha em seu pecado.

De fato, fazem com que Adão pareça nobre à luz da petulância do seu “vaso mais frágil”. Mas, e se Adão estivesse ali com Eva durante toda a conversa? E se ele estivesse em pé, ao lado dela e ouvisse, por si mesmo, a serpente dar voltas em torno da verdade? E se sua desobediência começou, não quando comeu do fruto, mas, quando se recusou a falar com a serpente ou com sua esposa?

Se Adão esteve presente e se calou, isso traz nova luz sobre o problema com os homens. A interpretação que a Igreja faz de Gênesis talvez tenha permitido que os homens culpem as mulheres por seus problemas – exatamente como Adão culpou Eva – e não assumam responsabilidade por seus fracassos. Mas a situação muda radicalmente se Adão esteve presente, ao lado de Eva, enquanto a serpente a tentava. Então, seu silêncio se torna um pecado, com implicações de longo alcance.

Há quatro razões pelas quais acreditamos que Adão se encontrava presente na tentação: (1) seu silêncio se encaixa no contexto imediato de Gênesis 1-3; (2) Gênesis 3.6 diz que ele estava ali; (3) o estilo de toda a narrativa registrada em Gênesis 3.1-7 sugere que Eva se voltou imediatamente para Adão e lhe deu o fruto; e (4) outros homens em Gênesis vivenciaram esse problema antigo do silêncio de Adão, sugerindo que seu silêncio tornou-se um padrão para seus descendentes masculinos.

ADÃO, O PORTADOR-DA-IMAGEM, DESMERECEU ESSA IMAGEM

Primeiro, olhemos o contexto imediato dessa passagem. Faremos isso comparando Gênesis 3 com Gênesis 1. Em Gênesis 1 Deus confronta as trevas e o caos: “Era a terra sem forma e vazia...”. Vimos anteriormente que Deus criou o mundo de forma singular. Ele falou para dentro da escuridão e suscitou ordem, beleza e relacionamento. A comunidade judaica tem uma expressão diferente para descrever esse Criador: “Aquele que

falou e o mundo passou a existir". Ele é um Deus que usa a linguagem a fim de estabelecer relacionamento. Ele não bate em retirada diante da escuridão e do caos. Antes, fala para dentro dela. E após Sua atividade criadora, Ele guarda o sábado.

Em Gênesis 3, Adão – o homem que deveria representar Deus – age muito diferentemente do seu Deus. Como em Gênesis 1, a história de Gênesis 3 começa com caos: "Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito". Ela falou para a mulher: "Foi isto mesmo que Deus disse Deus disse...?". Observamos, no Capítulo 5, que a serpente representava o caos. As pessoas no antigo Oriente Próximo acreditavam que a serpente simbolizava engano e confusão. Em Gênesis 3.1, o caos reaparece na forma de uma serpente que usa o engano para confundir Adão e Eva.

Mas o que acontece diante do caos? Ironicamente, Eva reflete a imagem de Deus mais claramente do que Adão porque é ela quem fala com a serpente. Mas, o que dizer de Adão? Se Adão estava ali, não disse nada. O caos havia entrado em seu mundo perfeito e ele permaneceu estarecido em sua confusão e escuridão. As Escrituras não registram nenhuma instrução de Deus para Adão sobre o que dizer à serpente. Por isso Adão não disse nada.

Adão foi, então, um homem calado, um homem passivo. Como muitos homens na História, ele esteve fisicamente presente mas, emocionalmente, ausente. Ele se dilui no pano de fundo da História em vez de se postar na frente e no centro do palco. Em contraste, Deus apareceu, na frente e no centro da cena em Gênesis 1, e falou com o propósito de transformar um deserto em paraíso. Adão, por outro lado, desapareceu. Seu pecado começou com seu silêncio. Ele foi projetado para falar, mas não disse nada. Ele ouviu a serpente, ouviu a esposa, aceitou o fruto e, então, comeu.

Adão foi passivo três vezes, antes de comer do fruto proibido. A palavra de Deus suscitou Criação do caos; o silêncio de Adão trouxe caos de volta à Criação. Lembre-se que Deus usou a linguagem para estabelecer relacionamento; Adão, usou o silêncio para destruir relacionamento. Deus descansou, depois

de Sua obra criadora; Adão trabalhou mais, como resultado do seu silêncio. Adão arruinou o Paraíso por que não fez algo. Adão, o portador da imagem de Deus, não refletiu o seu Deus, porque escolheu estar ausente, calado e esquecido da ordem de Deus.

ADÃO, QUE ESTAVA COM ELA

Há uma segunda base para se crer que Adão estava presente durante a tentação. O texto declara explicitamente que Adão estava ali: *“E a mulher viu que a árvore era boa para se comer, e que era agradável aos olhos, e que era desejável para dar sabedoria, e ela tomou do seu fruto e comeu-o. E deu também a seu marido, **que estava com ela**, e ele comeu”* (Gn 3.6, tradução e ênfase do autor). Ora, essa frase simples e condenatória, tem sido grandemente ignorada — e não deveria! Ela é uma frase importante. Em hebraico, a palavra ‘Imha⁷ é composta de duas outras, cuja tradução, para o português seria equivalente a: “com ela”. A construção hebraica é uma combinação da preposição ‘im, que significa “com”, e o pronome pessoal feminino da terceira pessoa ha⁸, que significa “ela”.

Quando ‘im é usado, na Bíblia hebraica, denota grande proximidade entre os interlocutores, até o ponto de uma relação sexual. Outras preposições poderiam ter sido escolhidas para mostrar associação nesse versículo, mas o uso de ‘im indica não apenas uma associação muito chegada, como proximidade física. Uma boa tradução desta frase seria “bem ali com ela”.

Muitos versículos confirmam esta interpretação da frase “que estava com ela”. Considere apenas uma, Jz 13.9. Este versículo aparece na história de Sansão, que é narrada em Juízes 13-16. Antes de Sansão nascer, o anjo do Senhor apareceu a sua mãe. Ora, tipicamente, o anjo do Senhor aparecia a homens. Por quê então, desta vez, ele apareceu à mãe de Sansão e não a Manoá, seu pai?

A mãe de Sansão era estéril e o anjo do Senhor apareceu para prometer-lhe um filho. Ele disse que ela deveria consagrar o filho como nazireu — um homem que jamais deveria cortar

seus cabelos. A mulher correu a contar ao marido sobre o aparecimento e o anúncio do anjo, mas Manoá duvidou da história. Ele pediu ao Senhor que viesse de novo e contasse a ele o que fazer com o menino. Talvez ele não confiasse na palavra da mulher, ou, quem sabe, fosse vagaroso em apreender o que o Senhor já dissera.

De qualquer forma, o Senhor respondeu à oração de Manoá, mas não exatamente da maneira que ele pedira. Ouça o relato bíblico: *“Deus ouviu a voz de Manoá, e o Anjo de Deus veio outra vez à mulher, quando esta se achava assentada no campo; mas seu marido Manoá **não estava com ela**”* (Jz 13.9, tradução e ênfase do autor). Vemos aqui a mesma frase — ‘imha — outra vez, só que desta vez ela é usada com o negativo lo.

Em Juízes 13, o anjo do Senhor aparece à mulher, mas o marido, Manoá, está literalmente lo ‘imha — não com ela. Ele não está fisicamente presente. Em Gênesis 3, a serpente aparece, fala com outra mulher e Adão, o seu marido, está ‘imha — bem ali com ela. Assim vemos essa palavra hebraica usada em dois exemplos significativos. Em ambos os casos, o significado envolve claramente uma proximidade física: Manoá não estava ali com a esposa mas, Adão, estava bem ali. Com essas passagens claramente afirmadas da Escritura, o ônus da prova repousa sobre a interpretação tradicional para provar que Adão não estava com Eva — o texto indica que ele estava.

EVA SE VOLTOU PARA SEU MARIDO

A terceira razão pela qual acreditamos que Adão estava ali é por ser, Gênesis 3.1-7, a narrativa de uma única unidade de tempo. Nada, nessa passagem, indica um espaço de tempo entre o momento em que Eva comeu do fruto e aquele em que ela o ofereceu a Adão. E não há nada, no versículo 6, que sugira que Adão estava distante no momento da tentação. Tampouco há qualquer evidência de que Eva comeu do fruto sozinha e depois foi procurar Adão. Se lermos a narrativa como ela nos é apresentada, jamais veremos qualquer quebra de tempo no versículo 6. Ao contrário, vemos Eva tomar do fruto, mordê-

lo e, imediatamente, entregá-lo ao seu passivo e silencioso marido, que estava com ela.

Mais uma vez, o ônus da prova repousa sobre a interpretação tradicional para provar que houve uma quebra no tempo entre o momento em que Eva comeu do fruto e então deixou a cena a fim de procurar Adão.

ADÃO, VEZ APÓS VEZ

O autor de Gênesis é um contador de histórias. Ele revelou o enredo e o problema nos três primeiros capítulos. Os demais quarenta e sete capítulos desenvolvem o mesmo tema em inúmeras histórias fascinantes. Como acontece com qualquer boa história, Gênesis repete esses mesmos temas e eventos. E o tema do silêncio masculino aparece, vez após vez.

Muitos, dos homens retratados em Gênesis, escolhem ficar calados e alheios, ausentes e desatentos. E continuamente mentendo-se em apuros, toda vez que escolhem silêncio em vez de envolvimento, ou esquecimento em vez de lembrança. Por exemplo, Abrão (depois chamado Abraão), em vez de confiar no cronograma de Deus, atendeu à sugestão de Sarai e dormiu com a serva desta, Hagar: *“E Sarai disse a Abrão: ‘Olhe, o Senhor me impediu de ter filhos: Por favor, vá à minha serva para que eu possa obter filhos através dela.’ E **Abraão deu ouvidos à voz de Sarai.** E Sarai, esposa de Abrão, tomou Hagar, sua serva egípcia, e **deu-a a seu marido Abraão para ser sua esposa**”* (Gn 16.2-3, tradução e ênfase do autor).

Observe as semelhanças entre Adão e Abraão. Como Adão, Abraão foi passivo na interação com sua esposa. Embora Sara estivesse errada, Abraão a ouviu. Lembre-se que Deus puniu Adão por ter dado ouvidos à esposa. E, assim como Eva deu o fruto proibido ao marido, também, Sara deu a serva a Abraão – e ele a tomou! Abraão ficou calado e passivo. E seu silêncio ainda fala, quatro mil anos depois. Ismael, filho de Hagar – cujos descendentes constituem as nações árabes – desprezam Israel até hoje.

Considere outro exemplo. Ló escolheu permanecer alheio

ao pecado conspícuo de Sodoma, uma cidade que era a síntese do mal. Ló chegou ao ponto de oferecer suas filhas a um grupo de estupradores pervertidos. Sua ação não difere muito da de Abraão e Isaque, os quais colocaram em risco as esposas oferecendo-as a reis estrangeiros. Eles nos são exemplos de como muitos homens são hoje. São homens fracos, que sacrificam as mulheres de suas vidas por covardia. Como Adão, esses homens forçam suas esposas a adentrarem o caos por eles. Como Noé, eles prejudicam seus filhos por anos – até gerações – com sua embriaguez. Em seu estupor embriagado, Ló não soube que estava tendo relações sexuais com as próprias filhas. Sua embriaguez levou ao incesto, que produziu filhos, que depois guerrearam continuamente com Israel.

Talvez, a história mais esclarecedora para nós esteja contada em Gênesis 38. É uma história obscura e geralmente ignorada, mas merece cuidadosa observação porque reencena a história do primeiro pecado.

Judá foi a Canaã à procura de uma esposa. Ele casou-se com uma mulher chamada Sua e ela lhe deu três filhos. *“Sua concebeu e deu à luz um filho, e deu-lhe o nome de Er. Outra vez ela concebeu e deu à luz um filho a quem deu o nome de Onã. Mais uma vez ela deu à luz um filho, e deu-lhe o nome de Selâ”* (Gn 38.3-5, tradução do autor).

Judá claramente não teve dificuldade em cumprir o mandamento divino de multiplicar-se e encher a terra. Mas como todas as outras histórias do Gênesis, o caos entrou em cena. O primogênito de Judá foi perverso aos olhos de Deus, e Deus o fez morrer. O segundo filho, Onã, recebeu ordens de praticar uma forma de matrimônio levirático para cuidar da esposa do seu irmão morto, Tamar, e dar continuidade ao nome da família. Mas Onã sabia que os filhos não lhe pertenceriam, e tampouco a herança. Assim, em vez de fazer o que Deus requeria, Onã deramou seu sêmen na terra. Ao fazer isso, ele se recusou a perpetuar a memória de seu irmão (e também do pai, Judá). Em essência, ele se recusou a lembrar. E qual foi a reação de Deus a esse lapso de memória? Ele também tirou a vida de Onã.

Agora, ponha-se no lugar de Judá. Você, como seu pai antes

de você, deseja desesperadamente um filho para continuar sua memória e seu nome. E percebe que a promessa de Deus a Abraão está, como sempre, a apenas uma geração da obliteração. Em suma, não ter filho algum significa não ter nenhuma promessa. (É por isso que os filhos eram tão importantes para as primeiras famílias hebréias. Se elas não tivessem filhos, a promessa de Deus seria quebrada.) Você teve três filhos, mas perdeu o seu primogênito, aquele em quem depositou sua mais alta esperança. E agora você dá seu segundo filho à esposa do irmão para que ela tenha filhos. E ele também morre. A pergunta para você é: Você também dará seu terceiro filho – sua última esperança? Você confiará em Deus com um caos desses?

Judá não confiou. E o autor de Gênesis conta a verdade sobre ele: *“Então Judá disse a Tamar, sua nora: ‘Permaneça viúva em casa de teu pai até que meu filho Selá cresça’ - pois temia que ele também morresse, como seus irmãos”* (Gn 38.11, tradução e ênfase do autor). Judá teve medo. Ele era o escolhido. O terceiro filho era sua última esperança. Se tivesse confiado em Deus, Judá teria dado seu terceiro filho. Mas em vez disso, ele ficou paralisado diante do caos. Tratou Tamar com condescendência e simplesmente pôs o problema de lado.

A TRAGÉDIA AGUARDA AQUELES QUE SE CALAM

O que acontece quando os homens se esquecem de Deus e se calam? Qual é o resultado quando eles se recusam a mover-se sacrificialmente em resposta à promessa de Deus? Tragicamente, eles convidam outros a adentrarem o caos de seu mundo.

Caos para Judá era o futuro imprevisível. O que aconteceria a seu terceiro filho se ele o desse a Tamar? A incerteza do futuro paralisou Judá. Talvez ele pensasse que mandar Tamar embora fizesse o problema desaparecer. Mas, o problema voltou. Sua fraqueza e engano o acharam. Ouça o resto da história.

A esposa de Judá morreu. Após o tempo de luto, ele se dirigiu a outra cidade para tosquiá suas ovelhas: *“Quando foi dito a Tamar: ‘Seu sogro está a caminho de Timna para tosquiá suas ovelhas’, ela trocou suas roupas de viúva, cobriu-se com*

um véu para se disfarçar e foi sentar-se à entrada de Enaim, que fica no caminho de Timna. Ela fez isso porque viu que, embora Selâ já fosse crescido, ela não lhe tinha sido dada em casamento" (Gn 38.13-14). Judá não havia cumprido a promessa de oferecer o último filho como marido de Tamar. Mas Tamar, não sendo a mulher passiva que muita gente, hoje, na igreja, valoriza, se dispôs a resolver o problema. Ela mostrou mais preocupação em continuar a linhagem de Abraão do que Judá.

Judá viu Tamar *"e achou que ela era uma prostituta"*. Outro homem, em Gênesis, alheio à realidade que o cercava. Ele dormiu com Tamar sem saber quem ela era, e prosseguiu em seu caminho. Três meses depois, Judá ficou sabendo que Tamar estava grávida. Como homem de justiça, ele teve um ataque de fúria e ordenou que a nora fosse queimada, por não ter permanecido fiel.

Mas Tamar, ao contrário de sua mãe Eva, fez algo sagaz em resposta à fraqueza desse homem. Como Judá havia confundido Tamar com uma prostituta, havia requisitado seus favores sexuais. Tamar concordara mas havia exigido que Judá lhe entregasse seu selo, seu cordão e seu cajado. Um erudito comentou que essas coisas seriam o equivalente moderno da carteira de motorista e cartões de crédito de Judá. Numa jogada brilhante, Tamar preparou a armadilha para o sogro. A filha de Eva reverteu a desobediência de Eva. Eva deixou de usar sua sagacidade para derrotar a serpente. Tamar usou sua brilhante inteligência para cumprir o mandato cultural. Tamar desempenhou seu papel até o momento certo. Como uma mulher indefesa, ela tinha de condenar um homem alheio mas poderoso. De acordo com a ordem de Judá, ela deveria ser levada para ser queimada. A caminho, ela disse aos seus carrascos: *"Oh, a propósito, o dono deste selo, cordão e cajado – ele é o pai do meu filho."* Judá ficou sem saída. Teve de admitir a verdade. Depois de mentir durante anos para Tamar, enfim, ele respondeu honestamente: *"Esta mulher é mais justa do que eu"*. E como Deus respondeu a isto? Ele respondeu abençoando Tamar com filhos gêmeos.

O silêncio, alheamento e engano de Judá, forçaram Tamar a

entrar na incerteza do mundo dele. Seu silêncio foi uma negação de Deus, porque ele não confiou a Deus o seu futuro. Foi a obstinada paralisia de Judá que ameaçou sua semente. Ele achou que proteger seus interesses salvaria seu último filho. Mas estava errado. Se não fosse por Tamar, a promessa de Deus teria morrido com o último filho de Judá. Se não fosse por Tamar, Davi não teria existido. Se não fosse por Tamar, Cristo não teria existido. Nesta história, Judá tinha uma visão míope, egoísta. Foi Tamar quem convidou Judá a uma visão maior, altruísta.

Como Adão, Abraão e Ló, Judá, não compreendeu o longo alcance das conseqüências de suas ações. Seu silêncio teve impacto sobre gerações da humanidade. O Novo Testamento comemora a coragem e a astúcia de Tamar incluindo-a na genealogia de Cristo em Mateus: *“Registro da genealogia de Jesus, o Messias, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão foi pai de Isaque, e Isaque pai de Jacó, e Jacó pai de Judá e seus irmãos, e Judá pai de Perez e Zerá com Tamar”* (Mt 1.1-3, tradução do autor).

Adão não ficou sozinho em seu silêncio. Ele foi um homem não muito diferente de nós. O caos entrou no seu mundo e ele escolheu esquecer. Ele foi passivo. Escolheu o silêncio e se manteve ausente. Sua escolha de se calar estabeleceu o padrão para a desobediência dos homens desde então.

ADÃO SE CALOU...

Adão não apenas se calou com a serpente, mas também calou-se com Eva. Ele jamais lhe lembrou a palavra de Deus. Jamais a chamou para uma visão mais ampla. Não se uniu a esposa para enfrentar a sagacidade da serpente. Ele ouviu passivamente quando ela falou, em vez de falar com ela em respeito mútuo.

Não estou dizendo que Adão deveria ter falado por Eva — ou a ela, como um pai fala ao filho ou como um superior fala ao inferior. Muitos homens cometem esse engano. Tampouco estou sugerindo que os homens devem falar e as mulheres se

calar. Tanto os homens quanto as mulheres são criados à imagem de Deus para falar. É exatamente aqui que o primeiro homem pecou.

Adão desobedeceu por deixar de falar com a serpente e com a esposa. Ele foi ausente e passivo. Seu silêncio foi o símbolo de sua recusa em envolver-se com Eva. E Deus puniu Adão por seu silêncio: *“E ao homem declarou: ‘Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida’.”* (Gn 3.17). Deus castigou Adão por ter comido do fruto proibido. Mas, também o castigou, por ter dado ouvidos à sua mulher. A desobediência de Adão foi um processo.

Adão se calou e depois comeu da árvore. Sua desobediência não começou quando ele comeu, mas quando se calou. Desobedecer a Deus foi o resultado de ter-se retraído da esposa. Foi um homem silencioso que eventualmente quebrou o mandamento explícito de Deus.

O SILÊNCIO É LETAL

Como todo homem, sou calado como Adão. Às vezes fico estarecido diante da minha confusão. Quando minha esposa me pede que eu compartilhe, ainda que só um pedacinho de mim, eu geralmente encresco. As vezes, quando ela chora, eu me irrito com ela. Suas lágrimas me assustam, porque não sei o que fazer com elas. Quando ela diz que fiz algo errado, defendo-me até a última trincheira. Se ela acha alguma coisa errada em mim, encontro dez coisas erradas nela. Recuso-me a estar errado. Uso palavras, falo; mas uso palavras para destruir o relacionamento – como a serpente fez no jardim.

Entretanto, se minha esposa conseguisse penetrar abaixo da superfície da minha zanga, descobriria que eu estou envergonhado com o que tenho dentro de mim. E se eu compartilhar meus pensamentos, sonhos e dúvidas mais íntimos – e ela me rejeitar? Lembre-se da minha história. Sou um homem que se sente um impostor. Já parto do pressuposto que nada tenho a

oferecer. “É melhor...” — deduzo erradamente — “...esconder-me por trás do meu silêncio”.

Mas silêncio não é ouro — ele é letal. O silêncio de Adão foi letal. Ele trouxe a quebra do relacionamento. E, em última instância, trouxe a morte.

O que o meu silêncio faz à minha esposa? Ele aponta um dedo para ela e a culpa por querer demais. Como Adão, quero culpar minha esposa por todo o caos do meu mundo. *“Disse o homem: ‘Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi’ ”* (Gn 3.12). Por nela a culpa, tira de meus ombros a responsabilidade. Meu silêncio pede à minha esposa que entre na confusão da minha vida. Ele requer que ela me busque em toda interação. Quantas vezes eu lhe fiz, de pura frustração, esta pergunta: “O que você quer que eu faça? Se você me desse uma lista exata, eu poderia satisfazer às suas necessidades e você seria feliz!” Dê-me uma lista. Então nunca falharei. Eu saberei o que fazer todas as vezes. Sendo um homem que se sente inadequado e incompetente, é importante que eu nunca esteja errado, nunca seja culpado.

E assim os homens desaparecem em seu trabalho, seus pasatempos e seus esportes — as coisas que menos importam nos relacionamentos. O silêncio ou o desaparecimento tornam-se nossa melhor defesa contra o medo.

É exatamente aí que está o problema. Meu silêncio é uma defesa contra o caos, não uma entrada no caos. Quando nos recusamos a entrar no caos de nossas vidas, perdemos uma oportunidade grandiosa. Deus criou os homens à Sua imagem para criarem, para fazerem diferença, para deixarem uma herança. Ele criou os homens para trazerem redenção a um mundo trágico. Ele os criou fortes para protegerem os limites daqueles que o cercam. Ele os criou para que olhem para outras pessoas.

Mas todo homem já sentiu o toque da tragédia. Ele foi danificado por seu pai, mãe, avós, esposa, filhos, superiores, sócios. Todo homem sabe, bem demais, que este mundo é perigoso. Ele conhece o perigo de se arriscar, quer no relacionamento, quer no trabalho. Muitos homens estão convencidos de que a

confusão dos relacionamentos e a incerteza do futuro pode destruí-los. Assim, permanecem calados. Quando os homens se calam, contudo, negam a existência e a bondade de Deus. Essa idéia me incomoda. Considero-me uma pessoa que crê em Deus. Mas, quando me calo, vivo como ateu: testifico quanto à minha crença de que o caos é mais poderoso do que Deus.

A fala é o portal para o relacionamento. O silêncio é o guardião. A Bíblia hebraica nos ensina que as palavras nos conduzem para fora do silêncio e nos ligam a Deus. E estarmos poderosamente presentes, com nossas palavras, é uma oportunidade ímpar de trazermos vida a áreas onde a morte reina. Mas, juntamente com essa oportunidade vem um apavorante aviso: nosso silêncio destrói. Não há meio-termo. O rabino Pinchas de Koritz resume bem essa idéia: “O mundo é como um livro que pode ser lido em qualquer direção. Há o poder de criação, de fazer algo do nada. E há o poder de destruição, de fazer nada de algo.”

A cada momento da minha vida, estou equilibrado entre a criação e a destruição. O silêncio destrói. Falar, cria. Embora eu seja um homem calado, quero ser um homem que fala, que está presente, que – como seu Deus – faz algo do nada.

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

Um homem pode ser compreendido quando se conhecem as perguntas que queimam em seu interior. Para muitos, uma pergunta se destaca como a mais importante: “O que devo fazer?”. Quando os homens sentem a mais profunda agonia, essa é a pergunta que fazem a si próprios.

Quando o homem se encontra num lugar onde essa pergunta não pode ser respondida, ele se move para um lugar onde pode encontrar respostas. Quando olha ao redor e percebe que, sem querer, chegou a uma situação confusa em que precisa de coragem e criatividade, ele encontra uma forma de retornar à esfera de administração. Ele acha um modo de desenvolver alguma atividade na qual sua habilidade e conhecimento sejam úteis, em que sua incapacidade e temor não sejam expostos, em que a coragem para viver num mundo imprevisível não seja exigida — em suma, ele se retira para onde consegue encontrar uma resposta a essa pergunta ardente em seu peito.

Quando o homem foge do terror do mistério, para os confortos da administração, ele transige consigo mesmo. O homem governado pela exigência de sempre saber o que fazer não pode experimentar as profundas alegrias da masculinidade. Ele violou seu chamado e traiu sua natureza.

Deus chama o homem para falar para dentro da escuridão, para lembrar-se de quem Deus é e o que Ele revelou sobre a vida e – com essa lembrança ocupando o lugar mais importante em sua mente –, adentrar seus relacionamentos e responsabilidades com a força imaginativa de Cristo.

Deus está contando uma história. Uma história cheia de vida, amor e graça; uma história de odiar o mal e honrar o bem; uma história rica em drama, poesia e paixão. À medida que vemos essa história contada através de nossas vidas, criamos coragem para administrar a inevitável confusão da vida. Encontramos a força para nos mover adiante, para assumir riscos, para nos relacionar profundamente, porque estamos enredados na história maior de Deus.

Deus nos chama para nos movermos além do silêncio de Adão. Devemos nos entregar a Deus com absoluta confiança em Sua bondade e, com a liberdade criada por essa confiança, adentrar as profundezas da incerteza perigosa com uma palavra vivificadora. Esse tipo de movimento pode ser algo tão simples quanto encorajar uma criança, dando-lhe um pouco mais de atenção, ou algo tão apavorante quanto dar seu coração onde, talvez, ele não seja desejado.

Mas aí é que está a dificuldade de mover-se além do silêncio de Adão: nós temos medo. O compromisso com um movimento viril cria um medo saudável. Percebemos que não há nenhum código para seguirmos nas arenas em que decidirmos entrar. Mas isso também cria um senso de antecipação. Ao resolvermos falar na escuridão, Deus nos dá coragem: não do tipo que acalma pernas trêmulas, mas do tipo que nos ajuda a seguir adiante com elas.

É uma progressão interessante. Quando os homens se avançam, pela fé, mais profundamente se conscientizam de sua necessidade de Deus e, portanto, O buscam mais zelosamente. E quando o buscamos de todo o coração, nós O encontramos. Essa é a promessa.

Homens que passam a vida encontrando Deus são silenciosamente transformados, de simples homens em presbíteros; homens piedosos que sabem o que significa confiar em alguém

quando não há nenhum plano para seguir; mentores semelhantes a Cristo que falam para dentro dessa escuridão, com força, em vez de controle; com mansidão, em vez de força destrutiva e com sabedoria que abre caminho em meio à confusão, até chegar à beleza que há do outro lado.

Entra-se no caminho da autêntica masculinidade pela porta estreita da pura paixão de uma completa entrega a Deus. O caminho, além da porta, é a liberdade de falar para dentro da escuridão, como alguém que ecoa a voz de um Deus não esquecido, bem lembrado, presente.

segunda parte

ALGO VITAL ESTÁ FALTANDO

Os problemas da comunidade masculina

Se um homem for honesto consigo mesmo, no exato momento em que se sentir mais ameaçado, admitirá que sente terror e dúvida sobre si. A essa altura, em vez de entregar-se a Cristo em humildade e fé, deixando as explicações e as garantias para trás, é mais provável que ele se faça uma pergunta confortável para a qual existe apenas uma resposta desanimadora: "Será que tenho o que é necessário para enfrentar, seja o que for, que considero uma ameaça?". Portanto, ele vive com medo, desesperadamente determinado a evitar que sua inadequação seja exposta. Pouca consideração dedica ao que significaria dar de si mesmo como homem. Os homens, em geral, vivem sem uma visão clara de como seria o movimento masculino de adentrar a vida – especialmente nos relacionamentos. Eles perderam a alegria de sonhar. Quando você perde o contato com Cristo, já não pode sonhar sonhos nobres.

HOMENS QUE COMBATEM A ESCURIDÃO

Agradável, assim era ele. Bondoso, atencioso, respeitoso, interessado em honrar a Deus de todas as formas, especialmente na maneira de tratar as mulheres.

Completaria quarenta anos em dois meses. Ainda era solteiro. Nada errado com isso. O apóstolo Paulo parecia pensar que era um chamado mais elevado. Não era que não quisesse casar, ou que tivesse um problema com o sexo oposto. E certamente não tinha nenhuma inclinação homossexual.

A garota certa simplesmente não tinha aparecido. Ele sabia que tinha padrões elevados. Será que era tão errado? Se alguns de seus amigos tivessem tido padrões mais elevados, hoje, não estariam no meio de tantos problemas conjugais.

Talvez este grupo de solteiros fosse provisão de Deus. Ele tinha de admitir que havia uma porção de boas mulheres nos outros três – mas talvez todas elas estivessem envolvidas com as igrejas erradas. Doutrina era importante para ele. Agora que estava mais velho, conseguia ver com mais clareza. Das três igrejas que freqüentara desde a faculdade – isso incluía os últimos quinze anos – cada uma estivera deslocada em algum ponto básico importante.

Agora ele via: a primeira igreja era muito carismática, embora o tivesse atraído quando era mais jovem; a segunda, muito

legalista; a terceira... Bem, um tantinho “tradicional demais” – com liturgia demais.

Agora que ele estava na igreja certa, talvez, Deus providenciasse a parceira certa. Ele ia esperar e ver – e orar, naturalmente.

A última mulher – ótima pessoa, atraente, piedosa. E muito disponível – mas pelo motivo errado. Já fora casada. Ele não tinha certeza se era pecado casar-se com uma mulher divorciada, mas realmente queria manter elevados os seus padrões. Desmanchou com ela logo antes de fraquejar o suficiente para propor casamento. Fora por um triz. Ele agradeceu a Deus pela força de se afastar.

E as duas mulheres antes dessa? (Ele namorou seriamente apenas três. Alguns encontros esparsos ao longo daqueles anos, mas, nenhuma possibilidade concreta.) Uma gostava dele – eles realmente pareciam se dar bem. Então, de repente, ela esfriou. Disse algo sobre sentir que ele “achasse falta” dela; eles simplesmente deixaram de se ligar. Ela falou que ele era agradável, como um amigo casual. Ela queria mais. Provavelmente imatura... Uma garota atrás de divertimento e emoção. Queria um Príncipe Encantado que chegasse montado num cavalo branco e a arrebatasse. Bem, ele queria que sua esposa tivesse os pés no chão, que fosse alguém que vivesse para servir a Cristo mesmo quando a emoção não estivesse presente.

Então, a que veio antes dessa – seu primeiro amor de verdade! Bem, foi o que pensou na época. Mas, analisando melhor, agora, ele sabia agora que fora uma paixonite juvenil. Namoro de oito anos. Ela se cansou de esperar. Ele queria ter certeza de que era a vontade de Deus. Nada pior do que passar à frente de Deus. Ela era impulsiva demais.

Hora de sair para a reunião dos solteiros. Melhor orar primeiro, pedindo a bênção de Deus – novos amigos, encorajamento, talvez, a garota certa. Por que os comentários daquele senhor idoso lhe voltavam à mente nesse momento? No exato momento em que ele estava orando? Fora há mais de cinco meses. Qual era mesmo o nome dele...? Stevens... Sr. Stevens! Um aposentado. Disse que queria se encontrar com ele para tomarem um café da manhã. Fez tantas pergun-

tas. Nunca de uma maneira forçada, mas com um propósito um tanto intenso.

E, então, aquela sentença... Bem, mais de uma. Como foi que ele disse aquilo? “Espero que me perdoe se eu estiver sendo grosseiro, mas quero lhe dizer algo. Não acho que a maneira como você se aproxima das mulheres é muito madura. Acho que você quer que elas venham atrás de você, como um garoto de colegial esperando que uma garota bonita o convide para sair.”

E aquela imagem... – ele ficando de lado, à espera de que uma garota fosse atrás dele? Ele não conseguia tirá-la da cabeça. Doeu quando o Sr. Stevens falou aquilo. Agora, ficava ali, apenas como um machucado antigo.

Bem, ele simplesmente teria de esperar que Deus lhe mostrasse o que devia fazer.



Os homens que perguntam: “O que devo fazer?”, estão frequentemente fazendo outra pergunta, uma que é muito mais inquietante: “Será que tenho o que é preciso para fazer o que um homem de verdade é chamado (por Deus) a fazer?”. Essa pergunta, naturalmente, fica encoberta. Ela nos deixa muito desconfortáveis. Mas, está ali; não podemos nos esconder dela totalmente.

Os homem foi projetado para se lembrar de Deus e adentrar, com coragem, regiões nas quais não existe código algum. Por termos sido projetados assim, sentimos que alguma coisa está esquisita quando evitamos riscos — e sabemos disto. Toda vez que nos afastamos de algo que temos muito medo de enfrentar, sentimos que alguma coisa não está certa. Temos, contudo, medo demais de explorar o que está errado e damos um jeito de amortecer a impressão de que algo esteja errado. Aprendemos a viver com uma consciência levemente inquieta. Entretanto, o impulso de não correr riscos, quando capitulamos diante deles, nos causa problemas. Ele nos enfraquece em outras áreas.

Por vezes, ele libera outros impulsos fortes demais para serem resistidos, como, uma vida de fantasias que simplesmente não vai embora; desejos pervertidos dos quais não conseguimos nos livrar. Os homens que se esquecem de Deus, em geral, desenvolvem ressentimento para com as esposas por serem chatas, gordas ou não os apreciarem. O ressentimento pode ativar as exigências sexuais ou sufocar o interesse sexual. Pode levá-lo a assistir filmes pornográficos, desses que passam no fim da noite em hotéis; à masturbação compulsiva, ou ao adultério.

Gostamos de por a culpa das lutas sexuais em um impulso sexual forte demais ou em antecedentes malucos que cruzaram alguns fios sexuais ou na má vontade das esposas. Ou insistimos que o problema é simples desobediência a Deus e que a solução é passarmos mais tempo de joelhos e lendo a Palavra, combinados a um compromisso mais forte com a pureza sexual.

É verdade que cada um desses elementos pode estar envolvido na luta do homem com o sexo. Certamente a escolha de desobedecer está envolvida em cada ato do pecado sexual.

Mas, sob o pecado óbvio, talvez, haja pecado oculto. Uma falha mais séria ainda, mas menos patente do que olhar pornografia. Um pecado que nos enfraquece e engana a ponto de fazer com que a escolha de ceder a impulsos imorais pareça razoável, até necessária. Como um tumor não diagnosticado que causa dores de cabeça, nosso pecado mais profundo continuará a produzir seu fruto imoral até ser reconhecido e tratado.

O problema básico, escondido sob os nossos problemas mais visíveis, é que não lutamos por profundidade ou por qualidade em nossos relacionamentos. Não somos ricamente masculinos como maridos, pais, filhos, irmãos ou amigos. Fugimos das áreas de nossos relacionamentos que nos deixam completamente desconcertados por não querermos aceitar a responsabilidade de nos movermos sem um código. Qualquer situação que exija que nos movamos com coragem nos confronta com a apavorante pergunta: "Será que tenho o que é preciso para fazer o que um homem de verdade é chamado por Deus a fazer?"

Não pode haver saúde sexual sem saúde relacional, e a saúde relacional requer que trilhemos um caminho que se curva de maneiras que não podemos prever.

A primeira parte deste livro examinou a energia que está por trás da pergunta: “O que devo fazer?” Discutimos a necessidade de um código, a recusa de falar para dentro da escuridão, a determinação de viver dentro da esfera de administração e, portanto, de não falhar, a escolha de se esquecer de Deus, o anelo “razoável” de vencer na vida sem exercer o mais profundo tipo de coragem, o impulso paralisador de ser como Adão e, guardar silêncio, quando há necessidade de falar. Algo sério está errado com os homens – e é o nosso silêncio.

Na segunda parte (“Algo Vital Está Faltando”), olhamos mais de perto o temor, sob a perspectiva de que a vida funciona como deveria – o temor expresso na pergunta: “Será que tenho o que é necessário para fazer o que um homem de verdade é chamado por Deus para fazer?”. Daremos atenção especial a:

- Como lidamos com esse temor (capítulo 8).
- Dois tipos de relacionamento típicos do homem pouco viril (capítulo 9).
- Homens que esperam que os outros supram suas necessidades (capítulo 10).
- Homens que só precisam de si mesmos (capítulo 11).

Primeiro, então, o que fazem os homens quando sentem medo de adentrar uma situação que eles não têm a menor idéia como enfrentar?

Neste mundo, ninguém pode evitar a escuridão. Somos todos apanhados em situações que nos deixam aturdidos. E em geral essas situações envolvem problemas inesperados em nossos relacionamentos.

Um bom amigo meu, a quem chamarei de “Chad”, é um homem cuja masculinidade respeito profundamente. Ele acordou certa manhã de segunda-feira com o barulho de uma porta batendo. Ele pulou da cama e puxou as cortinas a tempo de

ver “Scotty”, seu filho adolescente, afastando-se da casa às pressas, obviamente perturbado.

Chad olhou o relógio no criado-mudo. Eram 6h10 – o Sol mal havia aparecido. Imediatamente, meu amigo entrou em pânico. Era óbvio que alguma coisa estava errada. Ele não sabia o que era. Devia vestir-se e sair correndo atrás de Scotty? Devia cair de joelhos em oração? A esposa, que tinha sono profundo, não ouvira o barulho. Ainda dormia. Será que devia acordá-la, conjecturou Chad?

Nos poucos segundos que bastam para alguém se sentir totalmente confuso, ele percebeu que sua zanga aumentava. Não era assim que ele planejava começar a nova semana. A zanga, ele notou, era direcionada contra o filho. Scotty vinha agindo de forma estranha por mais de um mês – e não queria saber de conversar a respeito disso. Pensando bem, desde pequeno, Scotty fora uma fonte de frustração. Sempre destoando o passo em relação a família.

Então, inesperadamente, a hostilidade mudou de direção. Chad agora sentia raiva de si mesmo. Será que não tinha passado tempo suficiente com o filho mais velho? As exigências do trabalho se haviam multiplicado nos últimos anos. Os cultos domésticos e, mesmo os passeios com a família, tinham se tornado menos freqüentes. Até a esposa mencionara o quanto ele estava envolvido com seu trabalho, mas ela nunca se queixou. Talvez o temesse demais, para ser franca.

Será que as coisas estavam muito piores do que Chad achava? Seu casamento estava em apuros? Scotty estava envolvido com drogas? O rapazinho havia parecido mais irritável ultimamente. Suas notas pioraram. Ele estava ficando mais tempo no quarto. Isto é, no pouco tempo que passava em casa.

O que dizia aquele artigo que Chad lera no jornal da semana anterior sobre suicídios entre adolescentes? O que estava acontecendo com seu filho, com sua família, consigo mesmo?

Agora sua mente estava disparando. Só fazia cinco minutos que a porta batera, e ele estava tendo um colapso nervoso. Ele queria acordar a esposa e berrar com ela – sobre alguma coisa, qualquer coisa. Queria correr atrás de Scotty, e sacudi-lo para

botar um pouco de juízo na cabeça daquele garoto tolo. Não! Isso só faria as coisas piorarem. Talvez ele pudesse levar Scotty para tomarem café da manhã juntos e terem uma verdadeira conversa de pai para filho; chegar mais tarde no trabalho. Passar tempo com o filho. Isso parecia uma boa idéia.

Chad disse a si mesmo que se acalmasse e se contivesse. Afinal, todos em sua família eram cristãos – avós inclusive, de ambos os lados. Deus faria tudo dar certo. Ele precisava de mais fé. Deus era digno de confiança.

Mas e quanto à filha do pastor auxiliar – grávida aos dezesseis anos de idade? Aquilo estava dando certo? E aquele casal de missionários, por quem eles oraram um ano antes – cujo filho único tirou a própria vida? Será que eles não haviam confiado em Deus? Teria sido por isso que a tragédia aconteceu? Coisas ruins aconteciam em lares cristãos, lares melhores do que o seu. Isso era óbvio. E Sid, seu parceiro de raquetebol – com o filho de vinte e poucos anos sumido por dois anos? Ele estaria morto? Envolvido com drogas? Demasiadamente cheio de ódio para telefonar aos pais? Sid não sabia.

Deus, o que o Senhor prometeu? De que posso depender? O que é previsível? O que devo fazer? Essa é a primeira pergunta que os homens fazem.

Suponha que, em resposta a essa pergunta, Chad ouvisse uma voz firme dizer: “Seja homem. Resolva o que melhor reflete o caráter de Deus e se mova de acordo com isso. Seja corajoso. Seja sábio. Seja imaginativo. Você ama a Deus. Você ama o seu filho. Faça algo!”

A maior parte dos homens já ouviu essa voz. “As vezes, através de um homem mais velho, mais sábio. Eu já ouvi. “Mas o que devo fazer?”, perguntamos de novo. Tem de haver um código. Tem de haver um perito que sabe o que a pessoa deve fazer em qualquer situação. Tudo bem ficar confuso, mas não totalmente. Crepúsculo é uma coisa. Escuridão de meia-noite é outra.

Deus sabe o que devemos fazer. Seguramente Ele nos dirá. E então percebemos – a voz era d’Ele. Ele está nos dizendo o que fazer, mas não é um código. Ele nos diz que sejamos

homens, que O amemos e, então, que façamos o que acharmos melhor. Adão inventou nomes para todos os animais sem nenhuma sugestão de Deus. Deus não ficou insinuando (“Veja se você acha que ‘avestruz’ é uma boa para aquela ave de pescoço longo lá adiante”) ou corrigindo (“Não, não! ‘Hipopótamo’ não parece muito apropriado para aquele animal. ‘Coelho’ dá mais certo.”)

Quando finalmente despertamos para o fato de que Deus está esperando que nos movamos e falemos para dentro da escuridão, que Sua instrução é a de escolhermos uma direção coerente com o que conhecemos d’Ele, então precisamos parar de fazer a primeira pergunta. Precisamos. Ele simplesmente não especificará o que devemos fazer. Começamos a enfrentar a solidão de escolher, o terror de confiar.

É, então, que brota das partes mais profundas de nosso ser, a segunda pergunta, acompanhada por um nível de medo que faz com que nos sintamos mais sozinhos do que nunca: “Será que tenho o necessário para fazer o que Deus conta que um homem – um homem viril – faça? Se eu agir, será com sabedoria? Tenho a coragem de fazer algo sem, absolutamente, nenhuma garantia, de que os propósitos supremos de Deus serão cumpridos? Estou disposto a adentrar o mistério do relacionamento com outro ser humano, renunciando a todos os esforços de controlar o resultado?”

São poucos os homens que, ao longo da vida, tocam outro ser humano com uma palavra libertadora, que traz vida. Nós estamos, simplesmente, apavorados demais, para encarar o que pode acontecer se nossa esposa, um filho, ou um amigo escaparem ao nosso controle e seguirem adiante em sua individualidade imprevisível.

Se nós, realmente, escolhermos entrar na imprevisibilidade dos relacionamentos, não temos, de forma alguma, a certeza de podermos falar uma palavra de vida. E, também, não temos certeza de querermos que as pessoas façam suas próprias escolhas no que se refere a nós. Será que poderíamos enfrentar, o que aconteceria, se as pessoas que nos são chegadas fossem de fato emancipadas?

É melhor manter as mulheres em seus lugares e, as crianças, silenciosamente obedientes; mais vistas do que ouvidas. E os homens também. As amizades continuarão tranqüilas se certos assuntos forem evitados. Relacionamentos profundos exigem muito de nós. É mais fácil lidarmos com meros conhecidos.

Quando Deus confronta você com uma situação relacional tão confusa e importante que você grita: “Deus, eu quero ser um homem. Mas tenho o que é necessário?!”. Ora, alegre-se. Você está diante de um portal que se abre para a senda estreita da verdadeira bondade masculina.

É um portal que poucos homens já abriram. E por bons motivos. Nenhuma quantidade de força pode abri-lo. O portal jamais se abre para o homem que dele se aproxima com a confiança de alguém que está acostumado a fazer as coisas acontecerem. Apenas o homem que deixou a esfera da administração – o que já caiu prostrado diante do mistério, mas anela desesperadamente adentrá-lo – será, em sua fraqueza, forte o suficiente para abri-lo.

Nenhum homem que carrega a sua própria luz para dentro das trevas porá os pés no caminho que leva à masculinidade. Ouça as palavras de Isaías:

“Quem entre vocês teme o Senhor e obedece à palavra de seu servo? Que aquele que anda no escuro, que não tem luz alguma, confie no nome do Senhor e se apóie em seu Deus. Mas agora, todos vocês que acendem fogo e fornecem a si mesmos tochas acesas, vão, andem na luz de seus fogos e das tochas que vocês acenderam. Vejam o que receberão da minha mão: vocês se deitarão atormentados.” (Is 50.10-11)

Acender nosso próprio fogo é outra maneira de descrever o que os homens fazem quando se encontram num lugar escuro. Eles se voltam, aturdidos, para algo que possam administrar, talvez, redefinindo a confusão em um pacto mais compreensível e, portanto, mais controlável. Eles dependem da teologia da receita, procurando um perito para fornecer um código que lhes diga o que fazer a fim de garantir um resultado desejado.

Eles se recusam a adentrar a escuridão munidos apenas da confiança de que Deus está consigo⁹.

Suponha que o meu amigo, que foi acordado pelo barulho de uma porta batida, tivesse reagido às frenéticas preocupações que sentiu, sem se humilhar. Suponha que ele jamais tivesse admitido o que estava ocorrendo dentro de si: a raiva, a auto-acusação, o terror, que lhe enchiam o coração. Suponha que ele tivesse mantido distância de tudo o que sentia e, em vez disso, resolvido descobrir o que precisava ser feito e, então, feito aquilo. Ele nunca teria quebrado seu orgulho, nunca teria ficado perdido por sua insistência em precisar sempre saber o que fazer; nunca teria se arrependido de sua exigência egoísta de que as coisas importantes da vida operassem segundo um plano sob seu controle.

Se Chad nunca tivesse mergulhado em seu coração com suficiente profundidade — para ser quebrantado em sua arrogância e se humilhado por sua impotência —, qualquer escolha que tivesse feito naquela manhã de segunda-feira teria sido como acender seu próprio fogo. Deixe-me colocar isto bem claramente: Sempre que nossa mais alta meta é fazer nossas vidas funcionarem, então, não importa o que façamos, somos acendedores de fogueiras.

Mas, quando nossa mais alta meta é amar a Cristo, agradá-Lo e representá-Lo bem diante dos outros, então, qualquer ação que tomemos envolverá dependência e confiança “em o nome do Senhor”. Se de fato amamos a Cristo, o rumo das nossas escolhas será escolhido dentro dos limites claramente estabelecidos nas Escrituras. Talvez acordemos nossas esposas, mas não berraremos com elas. Talvez não acordemos nossas esposas, mas não as menosprezaremos mais tarde por terem dormido durante uma crise familiar. Acordar ou não acordar nossas esposas é uma escolha que somos livres para fazer. Descontar nelas as nossas frustrações é claramente proibido. E quando o homem piedoso faz o que é errado, quando ele caminha fora da luz que Deus deu, ela acaba reconhecendo o seu erro, aceitando totalmente a culpa e pedindo perdão.

Chad é um homem piedoso. Ouça o que significou para ele adentrar a escuridão sem acender seu próprio fogo. Ele admitiu para si próprio o quanto se sentia impaciente, auto-acusador e irritado.

Ele se entregou conscientemente a Deus como um homem fraco que não sabia o que fazer, lembrando, a si mesmo, que o propósito escolhido para toda a sua vida, inclusive aquele momento da manhã de segunda-feira, era o de amar a Cristo e honrá-Lo em tudo o que fizesse.

Ele ainda se sentia zangado e amedrontado. Mas seu coração e vontade estavam estabelecidos com tanta firmeza quanto seu nível de amadurecimento permitia. Sua fé parecia fraca; mas, talvez, pensou ele, estivesse chegando perto do tamanho de um grão de mostarda.

Ele pensou por um momento e resolveu não acordar a esposa, mas, se vestir depressa, descer as escadas, sentar-se no degrau da frente e esperar pela volta do filho. A imagem que o guiou foi a do pai do filho pródigo, não procurando o filho numa terra estranha, mas aguardando ansiosamente a sua volta. Talvez a passagem não se aplicasse. Talvez a parábola do Senhor indo atrás da ovelha perdida devesse guiá-lo a sair à procura do filho. Ele não podia ter certeza. Não havia nenhuma luz; apenas escuridão. Mas ele estava confiando em Deus da melhor forma que sabia. Tomou uma decisão, mesmo quando não tinha certeza do que fazer. Ele se moveu, adentrou o mistério.

O que importa na história não é o que aconteceu depois. Claro que se ele recebeu, mais tarde, a notícia de que o filho tinha se matado ou se o acolheu de volta, em casa, minutos depois, é uma questão de importância vital. Entretanto, o resultado da história não determina se meu amigo agiu como homem.

Qualquer coisa que tenha ocorrido em seguida, naquela manhã de segunda-feira, requereria mais “decisões de confiar”; mais, falar para dentro da escuridão; mais, movimento sem código. Se Scotty tivesse tirado a própria vida, seria preciso tomar decisões envolvendo a dor indizível de Chad, começando, talvez, com a decisão de deixar outros ministrarem a ele por um longo período.

Mas, se o filho tivesse voltado para casa, passado furioso pelo pai e entrado, um conjunto diferente de decisões teria sido necessário.

Se Scotty tivesse voltado, em lágrimas, ansioso por abrir o coração, ainda assim, meu amigo teria precisado tomar decisões. Que perguntas deveria ele fazer, se é que devia fazer alguma? Ele deveria apenas ouvir? Oferecer conselho? Orar?

Quando nos tornamos cristãos, nossas decisões mais importantes são, freqüentemente, tomadas no escuro debaixo, apenas, da luz de Deus. Precisamos confiar num Deus que em geral não nos diz exatamente o que fazer. O Espírito sussurra com maior freqüência encorajamento ("Você consegue fazer isso. Estou com você.") do que instruções ("Agora, diga a ela o seguinte..."). Precisamos desenvolver um relacionamento com Cristo no qual chegamos a conhecê-Lo bem o suficiente para nos comportarmos como Ele se comportaria, entender o que Ele entenderia, dizer o que Ele diria. Precisamos honrar nosso chamado de refletir Seu hábito de mover-Se através da escuridão rumo à beleza.

Deus chama os homens para falarem para dentro das trevas que, ainda assim, por vezes, permanecem escuras. Nós não precisamos procurar uma lanterna para iluminar o caminho. Quando insistimos em saber o que fazer para tentar atingir nossas metas, somos acendedores de fogo.

Acender nosso próprio fogo é uma tendência natural de todo homem decaído. E essa tendência é claramente visível, não apenas nas crises relacionais da vida, mas, também, no nosso estilo cotidiano de relacionamento. Homens que usualmente acendem fogo, em vez de confiarem em Deus, revelam sua falta de masculinidade — de modo mais significativo, na maneira como se envolvem com outras pessoas, particularmente, com as mulheres. É para esses padrões de relacionamento pouco viris que nos voltaremos nos três próximos capítulos.

A MANEIRA COMO OS HOMENS POUCO VIRIS SE RELACIONAM

Engraçado quão involuntário o auto-conhecimento pode parecer. Ele já havia enfrentado coisas difíceis a seu próprio respeito, anteriormente. Aos oito anos de idade, a idéia de que era pecador tornou-se clara. Mas não foi ele quem foi atrás dessa percepção. Ela simplesmente aconteceu. A chance estava, de algum modo, embaralhada em algum canto de sua vida, mas parecia mais preparada para ele do que por ele.

Talvez ele esteja sempre atento demais. Alguns o consideravam introspectivo, ocasionalmente mórbido, preocupado demais, com seus motivos e sentimentos. Mas outros o elogiavam por isso. Eles falavam de sua abertura e vulnerabilidade.

A admiração de que era alvo estava desgastada. Se mais uma pessoa, surpresa, lhe dissesse o quão “verdadeiro” era, ele sabe que sentiria náuseas. Ser real ou verdadeiro não lhe parecia grande virtude, mas, uma pequena parte do seu chamado — tão inevitável e, talvez, tão necessária, quanto respirar.

Esse último episódio de auto-descoberta chegara sorrateiramente. Nunca atingiu o clímax numa grande explosão de luz, ou numa descida angustiosa rumo ao quebrantamento. Foi chegando aos poucos, como um fio d’água, de anos passados, que agora se transformara num rio caudaloso, gradualmente penetrando sua mente.

Será que ele realmente era tão mesquinho assim, tão egoisticamente imaturo? Ele tentava, mesmo, conquistar aprovação como um bebêzinho tateando em busca de leite? A evidência estava nas pequenas coisas; às vezes, no comentário honesto de pessoas sobre o efeito que ele tinha sobre elas; noutras, como agora, a evidência vinha de acontecimentos rotineiros que, inesperadamente, focalizavam com clareza seu modo de agir.

Fora apenas na semana anterior. Ele tinha ido cedo para a cama, exausto, talvez, com um princípio de gripe. Lera por alguns minutos, depois desligara a luz. Cerca de uma hora se passara. Ele tinha acabado de adormecer.

A esposa, cuidando dos afazeres em outra parte da casa, ouviu um barulho e teve medo. Por puro reflexo, o chamou uma vez...e, depois, novamente — agora do lado de fora da porta do quarto, falando alto o suficiente para acordá-lo.

Antes que ele pudesse responder, a esposa identificou a fonte do barulho. Era o vento soprando através de uma janela aberta. Não havia motivo para alarme. Ela disse: “Está tudo bem”. Depois ela se desculpou: “Desculpe tê-lo acordado”.

Alguns homens teriam rosnado: “Será que não posso dormir um pouco na minha própria casa?”. Alguns teriam resmungado, querendo apenas voltar a dormir. Bons maridos teriam sentido preocupação pelas esposas, nem rosnando, nem resmungando. Suas esposas teriam sentido que eram queridas em vez de irritantes.

Ao recolocar a cabeça no travesseiro, ele sentiu duas coisas. Primeiro, encorajamento. Ele se sentira terno para com a esposa; não havia brigado com ela ou resmungado. Ele sabia que falara a verdade quando respondeu ao pedido de desculpas dela, dizendo: “Tudo bem. Você estava com medo.” Ele não se sentiu orgulhoso, apenas encorajado. Segundo, sentiu-se realista. Ele percebeu que demônios conhecidos não haviam sido expulsos; e, embora pudessem ter sido amarrados, não haviam sido amordaçados. Ele os ouvira cacarejar sua mensagem sedutora: “As coisas nunca realmente dão certo para você. A primeira noite em meses que você foi cedo para a cama. Dava para

pensar que alguém notaria quanto você está cansado e se importaria com isso. Não é pedir demais; é apenas pedir o que você quer mas nunca consegue – alguém que ponha você em primeiro lugar. Você já correspondeu ao que era esperado por uma porção de gente. É tão errado pedir que alguém esteja ali para você?”

Ele ficou ali deitado, querendo enfiar trapos sujos na boca de cada demônio. Mas se sentiu bem por ter escutado uma voz melhor e ficou mais consciente do que nunca de que, a verdadeira batalha que precisava travar, era em seu interior, contra um inimigo que se fingia de amigo.



O emprego de Charlie não estava indo bem. O novo diretor de operações, um sujeito super arrogante, que se achava o máximo, estava tornando sua vida profissional um inferno. Charlie andava desanimado e bastante deprimido. Sua esposa o apoiava bastante e ele apreciava isso.

Mas, às vezes, ele se sentia como um grande peso para ela. O que ela realmente pensava dele? Como reagiria quando ele novamente chegasse em casa se sentindo “lá em baixo”? Talvez falasse demais sobre os seus problemas. Mas também não podia fingir que estava bem. Simplesmente não conseguia ser jovial e animado quando se sentia assim deprimido. No caminho de volta para casa ele ponderou sobre a melhor maneira de lidar com a esposa.

Mark era diferente. Seu emprego estava uma bagunça tão grande quanto o de Charlie. Mas ele daria um jeito. A esposa de Mark sabia quando as coisas não estavam indo muito bem para ele; ele se tornava mais seguro de si, menos reflexivo ainda. Ela lhe perguntava como se sentia: — Sem problemas — era a resposta favorita de Mark. E, então, vinha uma torrente de críticas: — A nova administração não tem a menor idéia do que faria nossa companhia realmente decolar. Jenkins, aquele sujeito novo, é um verdadeiro pavão. Ele não gosta de mim e eu não gosto dele. Mas vai tudo dar certo, de um jeito ou de outro.

E ficava nisso. Caso encerrado. Porta fechada. A conversa durante o jantar seria agradável, exceto por algumas estocadas contundentes nas crianças e uma ou duas dirigidas a ela. Depois, televisão por três horas.

Arrume cem homens. Observe-os de perto por uma semana. Com um mínimo de discernimento, você identificará estes dois padrões em suas relações com as pessoas. Setenta ou oitenta serão governados por uma paixão chamada carência. Algo dentro deles requer atenção. Os poucos escolhidos de quem eles dependem profundamente precisam pensar neles e tratá-los com um cuidado específico. Eles estão mais do que dispostos a fazer a sua parte, a fazer o que é certo, mas seu objetivo é sempre o mesmo: obter algo de outra pessoa. Charlie se encaixa neste grupo, que rotularei de “Padrão 1”.

Os outros vinte ou trinta serão governados por uma paixão bem diferente. A paixão que controla seu comportamento, especialmente nos relacionamentos pessoais, não é a carência, mas, a agressividade. Uma espécie de atitude orgulhosa, do tipo: “Não preciso de você nem de ninguém mais”. Mark pertence a este segundo grupo, que chamarei de “Padrão 2”.

Em seus estilos relacionais, os homens geralmente são governados por uma dessas duas paixões. Eles são controlados pela paixão da carência, que diz: “Esteja aí para mim! Encha-me – estou vazio!”, ou operam segundo a paixão da agressividade, onde a mensagem é: “Posso cuidar de tudo sem você. Acredite em mim, mantenha distância, e não me crie nenhum caso.”

Deixe-me sugerir primeiro porque esses dois padrões são básicos e porque a maioria dos homens se encaixa num deles. Em seguida, no capítulo 10, discutiremos o primeiro padrão e no capítulo 11, daremos uma olhada no segundo.

PORQUE OS HOMENS, DE UMA FORMA OU OUTRA, SE MOVEM

Deus deseja que todos sejam felizes – não nos nossos termos, que nunca de fato trazem a felicidade, mas nos d’Ele.

Como o manual do proprietário para um carro novo, Seus termos requerem que usemos os planos especificamente projetados para nós.

Nenhum homem pode ser feliz se não estiver cumprindo seu chamado de ser homem. Prazeres emocionantes, mas superficiais, do tipo que não requerem que nos preocupemos com algum chamado profundo à masculinidade, podem aparentar ser a verdadeira felicidade. Poder, influência, dinheiro, posição, conexões, realizações, sucesso, bens materiais, dinheiro, sexo, recreação, muitas coisas, cada uma boa em seu devido lugar, são definidas como a fonte de nossa felicidade. E o mais difícil é que elas de fato cumprem o que prometem – ou ao menos parecem cumprir – por períodos variáveis de tempo, às vezes, por anos. Elas fazem com que nos sintamos bem; fazem algo por nós.

Mas elas, realmente, não dão conta do recado. Não produzem um contentamento que sobrevive à perda; um gozo que se aprofunda através do sofrimento; uma confiança humilde que persiste através do fracasso e do contratempo.

Ao ir atrás dessas fontes de prazer, reduzimo-nos à posição de marionetes, apoiados por fios que – se cortados – nos deixam amontoados sobre o chão.

Nenhum homem pode ser feliz sem cumprir seu chamado de tornar visível aquilo que é difícil ver a respeito de Deus. A felicidade vem para o homem quando este demonstra, com sua vida, que Deus está sempre se movendo, que nunca é detido pelas trevas, e está continuamente realizando algo bom, não importa quantas coisas ruins possam aparecer.

Os homens são chamados a pairar sobre as trevas, a adentrarem o mistério dos relacionamentos, até serem humilhados o suficiente para confiarem em Deus e, depois, a agirem para promover os propósitos de Deus. Essa ação, a propósito, cairá no chão com um baque surdo, se Deus nela não estiver. A maioria dos homens nem chega a pensar dessa forma; eles nem pensam, sobre o chamado de Deus um segundo sequer. E nem mesmo o melhor dos homens vive completamente sua masculinidade.

Se é verdade que nenhum homem pode ser completamente feliz, se não honrar com perfeição o chamado de Deus para que seja homem, então segue-se que nenhum homem sobre a Terra é completamente feliz. Cada um de nós se debate com alguma quantidade de infelicidade, alguma experiência de vazio interior e de insatisfação inquietante, que nosso Criador nunca desejou que suportássemos.

Das profundezas do nosso coração, daqueles lugares do nosso ser que não compreendemos, brota um desejo. É um anelo desesperado por uma resposta, um vácuo que precisa ser preenchido. É, também, uma turbulência zangada que não nos deixa permanecer quietos. Pelo menos, até certo grau, todo homem sabe que não é perfeitamente feliz. E quando seus desejos não satisfeitos emergem à luz do dia, ele é confrontado com a escolha essencial da existência humana: confiar em Deus ou não confiar n'Ele; acender seu próprio fogo ou depender do nome do Senhor.

Se ele confiar em Deus, a infelicidade (que deve continuar até à morte) é cercada de esperança, de aceitação, de significado, a despeito da imperfeição. Ele recebe poder para mover-se bem. Isso traz gozo.

Se ele se recusar a confiar, a infelicidade em seu interior torna-se seu problema mais urgente. Ele precisa encontrar alguma maneira de lidar com ela.

Precisamos compreender um princípio simples: todo homem está se movendo. O movimento define a existência do homem. Mas nem todo movimento é bom. Portanto, quando o homem não estiver se movendo como deveria, ele se moverá de maneira inadequada. Quando o movimento bom cessa, o movimento mau começa. O movimento bom é aquele que passa pela infelicidade pessoal para chegar a Deus. O movimento mau é aquele cujo alvo nunca está acima do alívio da infelicidade pessoal.

Porque os homens, como as mulheres, são fundamentalmente seres relacionais, todo movimento será visto mais claramente na forma em que o homem se relaciona. O homem suscitará vida e beleza nas pessoas que conhece ou destruirá essa mesma vida e beleza. O efeito do homem sobre os outros pode ser

imperceptível ou dramático, mas está ali. Nenhuma interação de uns poucos segundos, nenhuma conversa por mais casual, deixa de mudar a outra pessoa.

Homens viris liberam os outros do seu controle e os encorajam com sua influência. Eles tocam suas esposas, filhos e amigos de maneiras sensíveis que os libertam para lutar com sua solidão e egoísmo e dor. Os homens viris conduzem suavemente suas famílias e amigos para a mesma encruzilhada onde eles, como homens, encontraram aquela confiança ou descrença que precisa ser escolhida.

Homens pouco viris exigem que seus amigos e famílias satisfaçam suas exigências. Os homens que se movem com controle, raiva e terror, amortecem os outros a um estado de conformismo ou os incitam a uma rebeldia auto-preservadora.

O PORQUÊ DO “PADRÃO 1”

Os homens pouco viris, que praticam o primeiro padrão de movimento mau nos relacionamentos, que insistem que os outros estejam ali para eles, compreendem que a felicidade não pode, jamais, ser encontrada em isolamento, apenas em comunidade. Seus antecedentes, geralmente, incluem alguém que lhes deu intenso prazer: talvez, uma mãe indulgente; um pai generoso demais; um pastor de jovens solícito demais (talvez envolvido de maneira imprópria); ou um atleta famoso, que lhe deu um autógrafo. Quando meninos, esses homens aprenderam uma lição simples: a dor interior tem mais chance de ser aliviada quando alguém faz algo por eles.

Uma estratégia vai se formando na mente do pensador “Padrão 1”, uma estratégia que acomoda sua inclinação de não se mover de modo que possa revelar sua inadequação: fazer com que os outros reajam às minhas necessidades, sem que isso requeira um movimento bom de minha parte. Agora ele não tem de confrontar seu próprio terror da escuridão e sua necessidade real de Deus, e tem esperança.

A paixão da carência governa todas as decisões do homem que segue o “Padrão 1”: casar ou não casar; esta mulher ou

aquela; tomar decisões que afetem a carreira; escolher atividades com amigos; resolver se bate ou não nos filhos. Essa mesma paixão governa até as menores decisões. Devo dizer à minha esposa o que sinto? Será que vou àquela festa? Devo me queixar do serviço daquele garçom?

Como o filho do ricoço, que depende dos cheques mensais que recebe da herança que o pai lhe deixou, o homem governado por sua própria carência, acha que é um direito seu nunca ter de se mover por conta própria. Ele está disposto a ser responsável, até certo ponto, e, quase sempre, disposto a ser bondoso e atencioso – às vezes, até sacrificialmente útil, mas sempre com a exigência de que alguém o note – e que esse alguém lhe dê o que o faz se sentir bem. Esse é o homem do “Padrão 1”.

O PORQUÊ DO “PADRÃO 2”

Os homens pouco viris se voltam para os outros com uma demonstração bem administrada de carência, ou empurram as pessoas para longe de si, o suficiente para evitar qualquer senso significativo de conexão. Os homens governados pela paixão da agressividade têm, tipicamente, um histórico mais caracterizado pela negligência, ou ira, do que por envolvimento agradável. Disciplina rígida, pais ocupados demais, mães distantes, igrejas inexpressivas, teologia legalista: a conexão relacional nunca existiu na experiência desses homens.

Os homens que agora agem segundo o “Padrão 2” estavam famintos por relacionamento, mas perderam a esperança. Era mais fácil matar seus anseios por intimidade e prosseguir com a vida do que abraçar seus desejos e mágoas. Admitir o quanto eles queriam conexão tornou-se, para eles, um terror maior do que a perspectiva de procurar um relacionamento e nunca o encontrar.

Freqüentemente, afloraram aptidões que lhes permitiram encontrar os prazeres de “um relacionamento à distância”. Talento atlético, capacidade acadêmica, suavidade social ou habilidade manual, lhes deram a oportunidade de se sentirem poderosos e de atingirem metas dignas de reconhecimento.

Com o passar do tempo, o homem do “Padrão 2”, vem a depender tanto de suas aptidões que o seu anseio humano por conexão acaba sufocado. E é assim que ele quer que seja. A distância mantém a segurança. Não há necessidade de sentir aquele terror que lhe esmaga a alma, de precisar daquilo que pode não vir a lhe pertencer.

Num certo sentido, esse homem é tão carente quando o que vive pelo “Padrão 1”. Homens com qualquer desses estilos de relacionamentos exigem que os outros lhes dêem aquilo que eles esperam. Mas os homens que estão em contato com sua carência requerem afirmação e apoio de perto, vindos de algumas pessoas íntimas. E os homens “agressivos” querem respeito de uma audiência maior que se mantém à distância. Os estilos podem ser diferentes mas, ambos, são egoístas e causam grande dano.

Uma das grandes tragédias da vida é que nenhum homem vê, plenamente, o dano que seu estilo pouco viril de relacionamento inflige aos outros. Aqueles que têm um vislumbre descem às profundezas do quebrantamento e da contrição.

E é dessas profundezas que brota o arrependimento genuíno. Quando o homem quebrantado se arrepende, o Espírito lhe dá nova visão. Um ribeiro fresco abre caminho no deserto ardente de seu quebrantamento. A esperança de realmente abençoar os outros – nutrir a esposa, influenciar positivamente os filhos, encorajar os amigos – fica mais forte do que o terror de adentrar a escuridão. E começa o movimento bom.

O movimento bom nunca apenas acontece. Tampouco se desenvolve naturalmente; há sempre uma luta contra impulsos poderosos na outra direção. O movimento bom sempre advém do arrependimento pelo movimento mau. E o arrependimento vem depois de (1) um reconhecimento do erro, que leva ao quebrantamento, e (2) uma profundidade de confissão que apenas a humildade pode criar.

Nos dois próximos capítulos, discuto estes dois padrões mais detalhadamente. Veja se você consegue se encaixar em algum lugar: se não claramente numa história ou descrição, talvez, então, nas entrelinhas. Nós todos estamos lá.

HOMENS QUE EXIGEM QUE OS OUTROS CORRESPONDAM ÀS SUAS EXPECTATIVAS: A PAIXÃO DA CARÊNCIA

O Namoro havia sido tempestuoso. Talvez isso fosse esperado na idade deles: ela, nos seus trinta e poucos; ele, com quase quarenta. Após tantos anos de celibato, eles já estavam firmados em seus hábitos. Haviãam passado da inocência do idealismo sonhador. Não mais desesperados para se casar, eles estavam agora determinados a não cometer nenhum erro.

Tinha sido difícil. E ainda era difícil, apenas três semanas antes do grande dia. Mas algo os mantinha juntos. Ele achava que era amor. Ela queria crer nisso, mas não tinha certeza.

As dúvidas dela afloravam com mais força quando sentia que algo lhe estava sendo imposto. — Às vezes eu me sinto como a sua mãe, como se você quisesse que eu estivesse sempre pronta com leite e biscoitos quando você chega da escola. E detesto isso! Detesto me sentir assim!

A imagem — ela como mãe dele — lhe brotava na mente com mais clareza quando ele expressava mágoa por algo que ela tivesse feito ou tivesse deixado de fazer. Ele parecia tão patético, como uma criança perdida. Aquela mesma imagem era também evocada, embora não com tanta força, quando ele se queixava de cansaço, das tensões no trabalho, ou de preocupações com a saúde. Ele chamava isso de “compartilhar”, ou ser vulnerável sobre suas lutas. Ela se sentia forçada a estar ali para ele.

Num momento notavelmente raro e honesto, após mais uma longa discussão sobre os sentimentos dela acerca do problema, ele admitiu: – Nunca consigo enfrentar lutas sem me sentir como uma criança. Sempre que lhe digo que estou sofrendo, eu me sinto como um garotinho. Talvez, na verdade, eu queira que você seja uma mãe para mim. Quando eu era pequeno, a única vez que me lembro de ter sentido ternura da parte da minha mãe foi quando eu estava sofrendo.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Houve uma longa pausa. Uma lembrança lhe perpassou a mente. – Quebrei o pulso quando estava na quinta série. Caí da bicicleta. O osso perfurou a pele e ficou exposto. O médico teve de recolocá-lo no lugar. Eu estava morrendo de medo. Posso ver mamãe parada, ao lado do meu leito, no Pronto-Socorro. Eu jamais me senti tão protegido, tão cuidado. Eu podia ver isso nos olhos dela.

Ele soluçou.

Ela sentiu um impulso de tocá-lo. Mas aquela imagem de mãe veio de novo e fez com que o impulso de tocá-lo parecesse impuro. Segundos se passaram. Um minuto. Ele parou de chorar e ergueu o olhar. – Você se sentiu assim neste momento? Como minha mãe? Como se quisesse cuidar de mim?

Ela hesitou, depois falou baixinho: – Sim. Mas, gostaria de não ter sentido isso. – Os olhos dele secaram imediatamente. Ele a fitou, confuso e furioso. Quase gritando, falou: – É tão errado querer que minha noiva sinta um pouco da minha dor? Será que isso faz de você minha mãe? Será que o homem não pode nunca querer que sua mulher simplesmente esteja ali para ele?

Mais lágrimas. Agora os dois choravam. Sentiam-se frustrados; sentiam a escuridão. – O que vamos fazer? – perguntou ela. – Não sei – respondeu ele...



Os homens pouco viris vivem para conseguir o que acham que precisam. Os homens pouco viris que são impulsionados pela paixão da carência tentam obter isso dos outros.

Uma senhora me disse: – Quando ouço o carro do meu marido entrar na garagem, depois do trabalho, meu coração simplesmente afunda. Eu imediatamente passo a me sentir ainda mais cansada do que antes. Sou uma dona de casa com três crianças para cuidar o dia todo e... aí vem a quarta!

– O que ele faz, para que você se sinta dessa forma? – perguntei. Nesse instante ele estava sentado ao lado dela, conseguindo parecer carrancudo e magoado ao mesmo tempo. – Mil e uma coisas – replicou ela – Pode ser um suspiro quando ele entra pela porta ou um comentário sobre o trânsito na volta para casa. Às vezes, ele me diz o quanto está cansado. Pode ser qualquer coisa. Mas é sempre sobre ele, sobre algo que está errado, como se ele esperasse que eu fizesse alguma coisa. Mesmo quando ele pergunta a meu respeito, sinto-me cobrada a perguntar sobre ele. Se ele ajuda com o jantar, recebo aquele olhar que me fala que devo dizer o quão maravilhoso ele é. E se faço algo especial por ele, mesmo que seja uma coisinha à toa, como uma saudação mais afetuosa, ele exagera no reconhecimento. Isso faz com que eu sinta o quanto ele realmente precisava daquilo, que é melhor eu continuar lhe dando isso ou ele ficará realmente magoado. Às vezes, quando ele é super atencioso, acho que ele está me dizendo que é melhor eu estar disponível para sexo, mas muitas vezes não é isso. Não sei como explicar de outra forma – tudo o que ele me faz, sugere que ele espera que eu esteja ali para ele.

Muitos homens carentes escondem melhor sua carência, do que o marido dessa senhora. Eles podem ser muito mais sutis e “másculos” em sua expressão da necessidade. E cada um de nós segue o padrão dos homens agressivos ou dos homens carentes em vários pontos de nossa vida. Não há isso de ser um homem só do “Padrão 1” ou só do “Padrão 2”. Mas um padrão, em geral, torna-se o tema em nosso estilo de relacionamento.

O homem que tipicamente segue o primeiro padrão vive sua vida pensando que os outros deveriam estar ali à sua disposição. Seu senso de carência é tão real, tão profundo, tão forçoso que pedir compreensão ou atenção lhe parece inteiramente razoável. Sua vida depende de obter isso. O homem do “Padrão

1" define a si mesmo por sua carência, assim como alguns homens hoje se definem por suas inclinações homossexuais.

Para os homossexuais, não "sair do armário"¹⁰ e assumir seus impulsos parece uma traição à sua identidade, uma violação de algo básico dentro deles que pertence à sua natureza essencial. O mesmo acontece com os homens cuja carência parece ser o cerne do seu ser. Eles se sentem mais confortáveis e vivos quando alguém está cuidando deles. Mais do que qualquer outra coisa, eles se vêem como carentes. E alguém precisa fazer algo a respeito.

Quando se sentem decepcionados, quando alguém não está ali para eles, os homens que se definem por suas necessidades sentem que os outros falharam miseravelmente com eles. Não se fez justiça. Direitos foram negados. A comunidade humana foi desumana com eles.

O resultado disto, naturalmente, é a raiva. O ressentimento ferve e parece justificado. E com o ressentimento justificado vem a vingança justificada. Pense com que facilidade nossos lábios despejam comentários sarcásticos e chicoteamos as pessoas com comentários cortantes. Talvez inflijamos apenas pequenos ferimentos, como cortes feitos por papel – mas eles doem. Essa, claro, é a intenção. Ferir aquele que não correspondeu ao que dele era esperado.

Os homens governados pela paixão da carência desforram: se não com sarcasmo e cortes, então, com irritabilidade, rabujice ou indiferença. As esposas que falham com homens movidos pela necessidade têm de pagar. O mesmo se dá com os amigos desses homens.

Mas os homens carentes não vêem os danos que causam aos que com ele convivem. Pela sua ótica, foram os outros que falharam com ele; e não ele, para com a esposa, filhos e amigos. O homem carente confrontado por sua crueldade, muitas vezes, reage como um mendigo morto de fome pego roubando um pão. "Olhe, talvez o que eu fiz estivesse errado. Tenho certeza que estava. Mas você tem de entender o que tenho passado. E pela fome que estou sentindo, até que não estou pedindo demais."

Certo homem desenvolveu o hábito de passear por um bairro de meretrizes, procurando, ocasionalmente, uma delas ou indo assistir a um show de nudez, persuadindo-se o tempo todo que seu pecado não era tão perverso quanto a maneira em que sua família havia pecado contra ele quando pequeno e a maneira como sua esposa falhava agora para com ele.

Vinte e cinco anos de experiência em aconselhamento me fazem crer que, nove, entre dez homens, se sentem mais preocupados com a maneira como os outros os decepcionam, do que quando eles magoam os outros. E os homens casados se preocupam, especialmente, com as maneiras em que suas esposas falham para com eles.

Os homens governados pela carência se beneficiam com o fato de nossa cultura estar comprometida em não culpar a vítima. Por exemplo, quando um dos pais negligencia um bebê do sexo masculino, não responsabilizamos o bebê pela falha — desse pai ou mãe —, nem pelo dano que essa falha causou. Apoiamos a criança em sua dor e fazemos tudo o que podemos para protegê-lo de outros danos. Mas temos levado essa proteção da vítima longe demais. Temos negado a responsabilidade das vítimas adultas sofrerem graciosamente ou de continuarem a fazer o bem. Temos permitido que a severidade dos erros, que outras pessoas cometeram contra nós, nos ceguem ao chamado imutável de Deus para sermos santos. À medida que um garotinho vitimado pela negligência dos pais amadurece, precisamos ter o cuidado de encorajá-lo a desenvolver uma identidade construída em torno das oportunidades da masculinidade, não em torno de sua dor e carência.

Mas, desenvolver esse tipo de identidade requer a obra do Espírito Santo. Ninguém pensa, espontaneamente, sobre si mesmo, como um portador da imagem cujo mais alto chamado é refletir o caráter de um Deus invisível. Há questões mais prementes exigindo a nossa atenção, como, obter aquilo que precisamos para sobreviver e o que precisamos para sobreviver mais confortavelmente. Homens confrontados com a falência, geralmente, investem mais esforços para descobrir como pagar suas contas do que para aprender a conhecer a Deus.

Nenhum dano, por parte dos outros e nenhuma circunstância da vida, podem, jamais, destruir a imagem de Deus dentro de nós, ou anular o chamado de refletir bem essa imagem; temos, porém, a tendência de pensar de outra forma. A dor fala tão alto que temos dificuldade em ouvir o chamado de Deus para vivermos como homens. Violar a imagem de Deus, usando práticas aéticas nos negócios ou seduzir a esposa de outro homem pode, de fato, parecer uma coisa à toa. Todos nós lutamos com coisas que não parecem ser muito más, especialmente quando estamos nos sentindo particularmente decepcionados.

Somente quando o Espírito de Deus, por meio de Sua Palavra, expõe os pensamentos e atitudes do coração é que qualquer um de nós vê com clareza. Apenas a partir daí é que a paixão dominadora da carência será reconhecida como tal: uma base pecaminosa para relacionar-se com os outros que não é digna dos homens.

O EXEMPLO DE SAUL

O rei Saul é, talvez, o mais proeminente exemplo bíblico de um homem impulsionado pela carência que – como sempre acontece quando as necessidades governam a nossa vida – perdeu sua dignidade. Um incidente dentre muitos que poderiam ser escolhidos demonstra isso. Leia 1Samuel, versículo 15, para ver a história toda que resumirei aqui.

Certo dia, Saul cometeu um pecado particularmente sério que levou Deus a rejeitá-lo como rei. Conversando com Samuel logo depois de ter pecado, Saul negou ter feito qualquer coisa errada. Atente para o fato de que, a esta altura, quando ainda pensava que seu pecado passara despercebido, Saul alegou que não fora desobediente.

– Executei as instruções do Senhor – anunciou ele a Samuel. Essas instruções incluíam matar toda criatura vivente que havia pertencido aos amalequitas, uma nação cuja destruição completa Deus havia decretado. Na realidade, Saul havia poupado o rei amalequita, um homem chamado Agague, e não havia

matado todos os animais, decidindo, antes, guardar as melhores vacas e ovelhas (para sacrificá-las ao Senhor, segundo seu testemunho posterior).

Numa passagem quase cômica, Samuel responde à declaração de obediência completa de Saul perguntando: – Que balido de ovelhas é este em meus ouvidos? Que mugido de gado é este que ouço?

Saul foi pego. Já não podia negar a sua desobediência. Ele não destruíra tudo. E assim ele mudou sua cantilena de negação para o que – à primeira vista – parece uma confissão: – Pequei. Violei a ordem do Senhor. Mas o resto da história deixa claro que o reconhecimento de pecado, por parte de Saul, não brotou do quebrantamento. Saul estava se debatendo, procurando uma forma de evitar o julgamento de Deus e de preservar as mordomias do seu cargo de rei. Ele ilustra claramente a verdade de que, sem quebrantamento, pelo pecado, não pode haver nem confissão genuína, nem arrependimento sincero.

Saul não demonstra um espírito quebrantado e contrito. Longe disso. Antes, ele pede a Samuel que retorne à capital e fique ao seu lado, no culto público, esperando que a presença de Samuel lhe trouxesse uma certa continuidade do respeito que recebia como rei. Mas Samuel permaneceu inexorável: – Não voltarei com você...O Senhor o rejeitou como rei sobre Israel!

Agora observe, cuidadosamente, o que Saul faz a seguir, impelido inteiramente por seu senso de desesperada carência: *“Pequei”, disse Saul. ‘Violei a ordem do Senhor e as instruções que tu me deste. Tive medo dos soldados e os atendi. Agora eu te imploro, perdoa o meu pecado e volta comigo, para que eu adore o Senhor’* (1Sm 15.24-25)... *“Samuel, contudo, lhe disse: ‘Não voltarei com você. Você rejeitou a palavra do Senhor, e o Senhor o rejeitou como rei de Israel’. Quando Samuel se virou para sair, Saul agarrou-se à barra do manto dele, e o manto se rasgou. E Samuel lhe disse: ‘O Senhor rasgou de você, hoje, o reino de Israel, e o entregou a alguém que é melhor que você’ ”*¹¹ (1Sm 15.26-28)

A paixão da carência se torna uma paixão dominadora quando é vista como sendo mais forte e mais urgente do que uma pai-

xão pela santidade. “Se apenas eu pudesse ter ———” torna-se a ambição direcionadora por trás de tudo que o homem carente faz.

É importante reconhecer o princípio destacado pela vida de Saul: um senso aguçado de necessidade, se não vier acompanhado por um senso maior ainda de pecado, justifica e fortalece o egoísmo. As pessoas mais conscientes de sua carência do que de sua pecaminosidade são pessoas que manipulam e exigem. As pessoas mais conscientes de sua pecaminosidade se arrependem e desenvolvem uma paixão dominante pela santidade. Somente essas pessoas aprendem a confiar no amor de Deus e usufruir seu favor.

Quase trinta anos de casamento deixaram claro para mim que me inclino mais para este estilo de relacionamento do que o que discutirei no próximo capítulo. Em geral, sinto-me mais carente do que agressivo. Quando estou sofrendo, inclino-me a ver minha necessidade de conforto como uma oportunidade para que outra pessoa faça o bem. O chamado para elevar-me acima da minha carência, confiar totalmente em Deus e fazer o bem aos outros, é por vezes difícil de ouvir. Quanto mais profunda a mágoa, menos me inclino a ouvi-Lo.

Quando a paixão da carência domina, nenhuma quantidade de consolo consegue satisfazer plenamente. Pode ser até que alguns homens carentes agradeçam às esposas, por seus esforços. Isto, porém, geralmente será com o mesmo entusiasmo que um homem que precisa de cem reais agradece ao amigo que lhe dá vinte e cinco centavos.

Qualquer disposição para gratidão existente logo dá lugar à crítica exigente: “Não sei por que você tinha de continuar fazendo o jantar enquanto eu estava falando sobre os nossos problemas financeiros. É muito pedir um minuto de sua atenção?”

A pessoa que empreende a tarefa de satisfazer as necessidades de um homem carente não tem esperança de sucesso. Nenhum esforço basta, nenhuma bondade é suficiente. Pessoas que se relacionam com o homem do “Padrão 1” sentem-se tipicamente:

1. Pressionadas, a estarem ali para ele.

2. Mal, por nunca corresponderem adequadamente.

Eventualmente a pressão e a sensação de culpa podem se tornar irresistíveis. Esse processo pode levar vinte ou trinta anos e, então, um dia elas param de tentar. “Por que eu devo me incomodar? Nada que eu faço jamais o satisfaz!” A frustração de se relacionar com um homem do “Padrão 1” é, muitas vezes, a razão para o fim de uma amizade ou casamento de muitos anos.

Aquelas que continuam tentando satisfazer as necessidades do homem carente se sentem, mais e mais, desgastadas, até que a depressão se instala. A esposa do homem carente percebe-se sonhando com um relacionamento melhor, no qual ela seja notada e apreciada. E ela começa a notar outros homens – como eles tratam as esposas, como a tratam e, aos poucos, vai se tornando vulnerável à mais leve sugestão de afeto: “Ele parece gostar de mim”.

Às vezes, os romances ou novelas oferecem alívio. Às vezes é manter-se ocupada: mais trabalho na igreja, mais horas no trabalho, mais clubes sociais, mais trabalho de casa, mais educação.

As mulheres casadas com homens carentes se sentem solitárias e amedrontadas. Muitas vezes, desgostosas consigo mesmas. Muitas escondem sua dor sob a competência. Elas se tornam agressivas e duronas, incapazes de adorar ou relaxar ou rir.

Ouçã o clamor do homem carente: “Esteja aí para mim! Você não sabe quanto estou vazio, quanto me sinto desesperado, quanto minha vida é dolorosa? Por que você não pode:

- Ter mais consideração?
- Apoiar-me mais?
- Falar com mais bondade?
- Emagrecer?
- Ler mais livros?
- Tomar a iniciativa na cama?
- Fazer-me mais perguntas?
- Gastar menos?
- Vestir-se de maneira mais atraente?
- Criticar-me menos?

- Falar menos nas festas?
- Cozinhar mais criativamente?

Um senhor me enviou uma carta em resposta a um livro que escrevi: “Você não respondeu à única pergunta que eu precisava que respondesse, a que presumi que você trataria no seu livro. Quero saber porque algumas mulheres simplesmente não cuidam de si mesmas. Sou diversas vezes milionário, sou presbítero em nossa igreja, deixo que ela compre o que quiser, não sou viciado em trabalho e nunca fui infiel à minha esposa. O que eu quero saber é: por que minha esposa não emagrece? Eu me mantenho em boa forma, mas ela não quer saber de exercício. Ela engordou vinte quilos nos últimos dois anos. Eu a acho tão atraente quanto uma tigela de gelatina. Cheguei até a lhe dizer que iria a um aconselhamento com ela para ver no que eu talvez estivesse falhando. Simplesmente não entendo. O que há de errado com mulheres como a minha esposa?”

Como a maioria dos homens dominados pela paixão da carência, este homem:

1. Não encontra nada de errado em si mesmo
2. Vê apenas o que a outra pessoa podia fazer de forma diferente
3. Sente-se justificado em sua ira
4. Não consegue enxergar as necessidades dela além das suas

Por estar cego pela sua carência, a qualidade de relacionamento que ele oferece à esposa é inferior. Mas ele não vê isso. Quaisquer lutas que possa ter com a tentação sexual são consideradas resultado da maneira como ele tem sido tratado. Em sua mente, seus esforços de permanecer sexualmente puro são nobres e nada requerem dele além de mais tempo na Palavra e de joelhos. Jamais lhe ocorre que ele não está amando a esposa como deveria, que realmente não é grande coisa como homem, que nunca aprendeu a falar com amor para dentro da confusão e dor do relacionamento.

Quando somos governados pela paixão da carência e cremos que nosso mais profundo gozo depende de outros corresponderem às nossas expectativas, destruimos a vida e empanamos a beleza. Nesse ponto, não somos homens viris.

HOMENS QUE SÓ PRECISAM DE SI MESMOS: A PAIXÃO PELA AGRESSIVIDADE

Ele sempre parecia se encaixar. Qualquer que fosse a reunião – diretoria, jantar ou reunião social da igreja – ele se sentia confortável. Conhecia as pessoas certas, sempre se vestia de acordo e com charme e simpatia, ele se relacionava facilmente em qualquer agrupamento de pessoas.

As vezes, ele podia ser bem dogmático. E seus melhores amigos, aqueles que estavam com ele mais freqüentemente, haviam visto sua auto-confiança passar dos limites e virar agressividade.

Embora seus conhecidos pudessem não ter notado, ele era um homem intensamente reservado. Raramente falava de lutas pessoais e inclinava-se a “resolver” rapidamente quaisquer tensões relacionais que não pudesse evitar ou descartar. Ele nunca analisava a si mesmo ou qualquer outra pessoa. Sua família sentia o impacto de seu envolvimento superficial.

A auto-percepção, é claro, não se encontrava entre as suas virtudes. Se lhe pedissem uma auto-descrição, ele poderia usar de improviso palavras como: sociável, culto, bem sucedido, bom pai de família, cristão dedicado. Poderia até dizer viril. Ele nunca conjecturaria sobre o porquê de alguém lhe pedir que descrevesse a si mesmo, nem convidaria o inquiridor a falar sobre o que estava pensando.

De vez em quando ele, de fato, dava lugar às emoções: quando foi ao quarto da esposa após a mastectomia que ela fez; no enterro do pai; quando propôs um brinde à filha e ao noivo na festa do casamento.

Mas nunca chorava. Ninguém jamais o vira desmoronar. Certa vez, o filho mais velho perguntou quando tinha sido a última vez que ele chorara abertamente. “Quando eu era criança”, replicou ele desinteressadamente, como se a pergunta tivesse sido: “Quando foi a última vez que você usou remédio para a acne?”.

Ele era uma boa pessoa para se ter como parceiro de golfe ou sócio nos negócios. E, sem dúvida, era o homem certo para ter do seu lado num debate. Mas não era alguém com quem você se sentiria inclinado a compartilhar o que se passava no coração.

A esposa dele era terrivelmente solitária. Mas ele jamais teria adivinhado. Ela enterrava a dor bem fundo, por baixo dos adornos da riqueza moderada e sob a ronda de “importantes” atividades que a classe social exigia. Ela se ocupava com clubes de jardinagem, reuniões políticas, o conselho de ministérios femininos da igreja e a decoração da casa. Seus três filhos atraentes eram o grande laço de fita vermelha que arrematava lindamente o pacote bem enfeitado da vida dela.

Como acontece com a maioria das vidas “perfeitas”, havia uma mancha escura, uma dobra feia no rosto cirurgicamente alisado da mulher. Ataques de pânico. Não sérios, mas inquietantes. Eles tinham a tendência de surgir quando ela sentia que havia perdido o controle das coisas. O primeiro, foi provocado pela ida da filha para a faculdade e pelo começo de um namoro com alguém que o marido considerava de classe baixa. Ela falou calmamente com a filha sobre suas preocupações, convencida de que a garota daria ouvidos à razão. E ela o fez. Acabou se casando com um médico. O marido tratou a crise do namoro com sarcasmo – foi então que ele usou o termo “classe baixa”.

Os ataques haviam sido regulares mas, inconstantes; uns, piores do que os outros. Os remédios ajudavam. Ela conseguia

os medicamentos com um especialista, companheiro de golfe do marido. O marido marcou uma consulta para ela. Chegou até a ir buscar a primeira fórmula ele mesmo.

Em sua mente, aquilo resolvia tudo. Dor de dente? Veja um dentista. Ataques de pânico? Tome um comprimido. Ele nunca conversou com ela sobre os ataques, nunca analisou os temores dela.

Três vezes ela havia desabafado e admitido o quanto se sentia distante do marido, o quanto se sentia desnecessária, exceto como sua parceira social e sexual. A primeira vez, a uma amiga íntima, que mudou de assunto. A segunda, para um primo que os visitava, um homem que ela mal conhecia. Ele era um pouco mais velho e parecia tão bondoso. Eles ficaram conversando até tarde, certa noite. Anos de sentimentos recalcados foram despejados. Ele a ouviu. A sensação fora tão boa. Mas ele nunca mais mencionou o assunto: nem uma palavra na manhã seguinte, nem um único telefonema de acompanhamento, nem uma carta. Ela desejou nunca ter dito nada.

A terceira vez, foi dois anos depois, com uma terapeuta que conhecera e com quem conversara numa festa. Ela, na realidade, havia dito muito pouco. Mas a terapeuta pareceu entender mais do que estava sendo dito. E pareceu preocupada. Mais uma vez foi uma sensação boa. Ela pensou em fazer uma consulta profissional, mas achou melhor desistir depois de mencionar a idéia para o marido: – Para que é que você precisa de uma “médica de loucos”? – foi tudo o que ele disse.

Houve uma outra vez. Era a última noite de uma semana de conferência bíblica. A mensagem era sobre o amor de Deus pelas ovelhas perdidas, aquela que se sentia abandonada, sem esperança de ser encontrada. Aquilo a atingiu.

Ela desapareceu depressa durante a oração de encerramento e caminhou sozinha ao redor do lago. Estava tudo tão quieto, tão quente e tranquilizadamente escuro, com apenas a luz de uma lua crescente, se refletindo na água calma. Um senso irresistível de paz convidava à liberação de suas lágrimas na segurança que oferecia. Ela caiu sobre a relva macia, enterrou a cabeça nas mãos e soluçou incontrolavelmente. As palavras

fluíam sem restrições do seu coração, expressando aquilo que fora negado por tanto tempo: – Não agüento mais! Dói muito. Ninguém me quer. Meu casamento é vazio. Estou mais sozinha do que posso suportar.

Ela voltou ao quarto deles depois da meia-noite, com os olhos inchados. Ele estava sentado na cama, lendo: – Onde você esteve? – perguntou. – Fiquei preocupado com você.

– Estive por aí, caminhando, pensando...orando. Até chorei um pouco...

– Você não se esqueceu de tomar o remédio, esqueceu?

– Não – ela respondeu, sem nada sentir. Em seguida se aprontou para ir se deitar. Nada mais foi dito. Ele se inclinou para beijá-la na testa, sorriu tranquilizadamente, então, virou-se para o lado e pegou no sono. Ela estava bem, na manhã seguinte...



Nestes capítulos, estou falando de dois tipos de homens: dos dominados pela carência e dos dominados pela determinação de serem agressivos. Esses dois estilos de relacionamento são, na realidade, posições extremas, em pontas extremas, de um longo espectro. Neste capítulo, discutiremos os homens agressivos.

Entretanto, talvez seja bom introduzir esta discussão falando um pouco sobre o espectro. Não estou querendo sugerir outra teoria de “tipos” para categorizar os homens. Não quero que os homens leiam este livro e digam: “É, esse sou eu. Acho que é assim que sou”. Espero que muitos homens reconheçam seus padrões relacionais e respondam: “É assim que trato a minha esposa (ou amigos). Que horror! Sou mais homem do que isso”. Eu quero que cresçamos em masculinidade ao compreender, não apenas o desígnio de Deus para os homens, mas também, nossas maneiras de corromper esse plano.

Homens carentes são homens corruptos. Eles estão mais inclinados a ter consciência de sua sede de afirmação, ao se relacionarem com os outros e mais predispostos a entrar em

relacionamentos, pela razão nada nobre de, basicamente, satisfazerem suas próprias necessidades. Os homens agressivos são iguais, mas, diferentemente corruptos. Eles negam qualquer anelo profundo por relacionamento e perseguem alvos que não requerem intimidade significativa com as pessoas.

Estes padrões representam dois extremos opostos em como os homens se relacionam. Essas são as duas pontas de um longo espectro que pode ser assim representado:

ESTILO DE RELACIONAMENTO

Padrão 1

Padrão 2

A	B	C	D	E
Dominado pela carência	Mais sensível do que forte	Perfeitamente equilibrado: tanto sensível quanto forte	Mais forte que sensível	Dominado pela agressividade

Apenas um homem na história conseguiu acertar. Ele estava profundamente consciente de tudo o que pretendia. E essa consciência trouxe consigo: tanto dor, quanto esperança; tanto, tristeza – pelo que era – quanto, gozo, pelo que Ele sabia que um dia viria a acontecer. Ele sentiu Sua decepção, mas não mais agudamente do que sentiu sua antecipação. Ele chorou copiosamente e sem constrangimento por relacionamentos perdidos e pelo custo de recuperá-los. Ele esteve profundamente consciente de tudo o que ocorria ao Seu redor e em Seu interior.

Mas, Sua sensibilidade, nunca o levou à preocupações consigo mesmo ou a queixas. Antes de apenas sentir mágoa por relacionamentos desfeitos, de maneiras mais profundas do que qualquer um de nós conseguiria imaginar, Ele usou essa mágoa para mais claramente definir e energizar Seu chamado. Ele Se deleitou em sacrificar todo prazer – tanto alegrias legítimas que Ele conhecera por toda a eternidade passada quanto satisfações ilegítimas que estavam à Sua disposição – pelo propósito singu-

lar de deixar as pessoas verem como Seu Pai realmente era. Para Ele, nada importava mais do que revelar a Deus como Ele era e é – Alguém que odeia inflexivelmente o pecado e ama, inexoravelmente, as pessoas.

Ao definir-Se em termos de Seu chamado, em vez de por Seus anseios ou poder, Ele encontrou coragem para fazer qualquer coisa que Seu chamado exigisse. Ele exemplificou a masculinidade pura ao adentrar regiões em que nunca entrara antes – compare Sua preexistência com Deus, antes de Belém, à escuridão do Calvário –, e manteve-Se perfeitamente no rumo, sem jamais escorregar um centímetro a despeito de provações de severidade sem paralelo.

Ele foi o único homem que viveu a vida exatamente na Posição C: perfeitamente sensível, mas, inconquistavelmente, forte; humildemente dependente, mas, resolutamente, determinado; consciente de cada detalhe, em cada relacionamento, mas, inabalavelmente centralizado em Seu relacionamento prioritário. Jesus combinou em Si virtudes que são infalivelmente competitivas em nós. A sensibilidade e a força não coexistem com facilidade. Os homens com sensibilidade bem desenvolvida, em geral, lutam com sentimentos de inadequação, uma tendência à auto-piedade e à queixa e uma aflitiva sensação de descontentamento. Os homens mais conscientes de sua capacidade de se mover parecem dedicar mais energia às tarefas do que às pessoas. Eles se tornam duros, distantes e emocionalmente embotados, protegidos por um verniz de convincente afabilidade.

Os homens que se relacionam mais a partir de sua carência (Posição A), são os que as mulheres chamam de fracos. Os homens cuja percepção de suas necessidades os tornou sensíveis às coisas que se passam dentro das pessoas (Posição B), freqüentemente se encaixam no critério de masculinidade estabelecido por muitas no movimento feminista: são mansos, não têm medo de chorar e capazes de discussões intensamente pessoais. Às vezes, passam-se anos, antes que sua falta de força seja evidenciada e o dano que eles causam seja reconhecido.

Nas Posições A e B, a carência compromete o relacionamento. Homens impelidos pela carência deixam de suscitar

vida nos outros e de gozar a beleza da individualidade e independência dos outros. Seus relacionamentos, em geral, são intensos mas, continuamente inquietos, ou estão experimentando uma morte lenta e angustiante, crepitando por aí, como um carro velho que passa mais tempo na oficina do que na estrada.

Os relacionamentos de um homem agressivo, por outro lado, são mais freqüentemente superficiais, porém, estáveis. A estabilidade, contudo, é frágil. Como casas construídas sobre a areia, os relacionamentos do homem agressivo, dependem de uma conspiração para fingir que a superficialidade é satisfatória, e que os prazeres do conforto e emoção são substitutos aceitáveis para as alegrias perdidas da comunhão. Quando um cônjuge ou amigo penetra a conspiração e pede mais ao “homem agressivo”, o relacionamento explode como um vulcão adormecido por longo tempo.

É então que coisas boas podem acontecer, mas raramente acontecem. Ou o parceiro que explodiu “se arrepende” e retorna aos confortos da estabilidade superficial, ou o relacionamento termina, após desintegrar-se em conflito violento.

Os homens que são mais fortes do que sensíveis (Posição D) constituem a maioria da liderança cristã e secular. Qualquer um que tenha estado numa posição de liderança está familiarizado com os assaltos que precisam ser suportados. Muitas vezes, parece que as sensibilidades pessoais precisam ser embotadas a fim de se sobreviver e que uma atitude de “Apenas continue fazendo o seu trabalho” precisa ser cultivada. Sujeitos simpáticos, homens sensíveis que se preocupam em não magoar os outros e serem magoados, terminam por último. Homens rudes, cujos “músculos ternos” se atrofiaram por falta de uso voluntário, chegam ao topo e ficam por lá.

Qualquer pessoa em evidência deve esperar por críticas. Se eu espalho minhas idéias, publicamente, sobre uma mesa, com a intenção de influenciar outros, minhas idéias devem ser estudadas e criticadas.

Entretanto, críticas demais dirigidas aos líderes refletem um espírito rancoroso de arrogância. Críticos que se destacam pela

força de seu trabalho são, em geral, homens “mais agressivos” do que os líderes que criticam. Eles são insensíveis ao impacto que têm sobre as pessoas; passam por cima de qualquer pessoa que discorde deles, com uma confiança que atrai os homens carentes que desejariam ser agressivos. Eles tornam a difícil vida do líder mais difícil ainda.

A maioria dos líderes, especialmente, pastores e diretores de ministérios cristãos, se sentem subvalorizados e não apreciados. A luta, em geral, lhes parece mesquinha e imatura, mas não pára. Um pastor quase chorou quando me contou sobre uma época em que seu conselho de presbíteros questionou se ele realmente precisava de três semanas de férias.

Às vezes, parece não haver outra solução além de construir uma muralha em volta do seu coração. O efeito naqueles que conseguem construir uma muralha é a perda de rica paixão, unida ao crescimento de uma determinação de administrar eficazmente o que for administrável.

Quando determinação substitui a sensibilidade, o homem se torna agressivo. Ele sacrifica o poder de adentrar profundamente na vida dos outros. Às vezes seu único contato com o mundo da paixão é o sexo. É só nisso que ele consegue pensar. Ele vive à beira do fracasso moral. A solução para seu vício sexual requer mais do que autocontrole. Ela envolve uma renovada disposição de abrir seu coração à ferroadada da crítica, uma disposição que pode dar a impressão de estar dando a cara para bater.

Se ele permanecer duro de coração e bem protegido contra sua mágoa será, eventualmente, dominado, mais pela necessidade de ser agressivo do que por seu chamado de refletir o caráter de Deus. E, se as pessoas mais próximas não lhe derem um retorno honesto sobre o sofrimento que seu crescente distanciamento lhes causa, então, haverá boa probabilidade de que ele se distancie, ainda mais, do centro do espectro para o extremo de um homem poderosamente dominado por sua necessidade de ser agressivo (Posição E).

E isso parecerá tão necessário, tão justificado. Tenho visto pastores se contorcendo em agonia tão grande que quase dese-

jei que eles se anestesiassem com agressividade a fim de sobreviverem. Mas, embora isso fornecesse alívio a curto prazo, seria um erro a longo prazo. Homens agressivos destróem relacionamentos; eles danificam as pessoas ao exigir que elas desempenhem sem prover nutrição real para suas almas.

As mulheres que estão em relacionamento com homens agressivos geralmente se sentem:

1. Indesejadas, *devido a uma feiura não especificada mas presumida que “explica” porque o homem agressivo nunca parece desejá-las.*
2. Desesperadas, *por alguém ou algo que as toque com profundidade suficiente para aliviar a dor da solidão*

As vítimas dos homens agressivos são responsáveis pela forma como escolhem agir mas não pelo quanto sofrem. Essas vítimas são propensas a:

1. *Depressão*: “Não tenho nada que alguém pudesse possivelmente querer. Por que devo me dar ao trabalho de tentar me relacionar ou de prosseguir?”
2. *Ansiedade*: “Se eu apenas puder manter o controle sobre mim mesma, estarei bem. Oh, não! O que pode acontecer se eu perder o controle?”
3. *Vícios*: “Não posso ficar longe de qualquer coisa que seja agradável o suficiente para aliviar minha solidão, mesmo que a alivie apenas por um momento.”

Raramente os homens agressivos mudam sem, antes, enfrentarem o impacto destrutivo que causam nos outros. Por isso é crucial que, os envolvidos com homens agressivos, arrisquem-se a um retorno claro sobre como essa dominação pela agressividade, afeta às pessoas.¹²

Os homens verdadeiramente fortes são tão diferentes dos homens agressivos, quanto os homens sensíveis e maduros diferem dos homens fracos. Os homens agressivos têm em comum três características que escondem sua agressividade:

Primeira, *insegurança*. Os homens agressivos são compelidos, pela incerteza sobre sua masculinidade, a provarem a si mesmos. Eles exibem seu poder a fim de demonstrar o que não têm certeza de possuir. Os homens fortes, por outro lado, não sentem a menor necessidade de exibir sua força. Eles têm controle sobre seu poder e o liberam apenas para promover um bom propósito.

Segunda, *superficialidade*. Uma vez que você ultrapasse sua competência e encanto, perceberá que os homens que se posicionam no lado agressivo do espectro não são pessoas assim tão interessantes. Eles não estão particularmente conscientes do que está se passando dentro de si, ou dos outros, e não sentem nada mais profundamente do que seu desejo de poder. Os homens fortes, contudo, não temem enfrentar toda a realidade, inclusive, as coisas feias sobre si mesmos ou sobre os outros que poderiam provocar um desespero avassalador. Os homens fortes se lembram de Deus e falam com o poder da esperança para dentro da noite mais escura.

Terceira, *incompreensão*. Os homens agressivos não apreenderam a essência da verdadeira masculinidade. Eles confundem sensibilidade com fraqueza; em suas mentes, poder e força são a mesma coisa. Os homens fortes sabem que sensibilidade e percepção abrem a porta de compartimentos misteriosos onde é preciso ter coragem para adentrar. E seu desejo de viver corajosamente pesa muito mais do que seu medo da escuridão. Eles definem força como poder sob controle e não como poder demonstrado. Os homens agressivos temem os compartimentos; eles sabem que seu poder não se compara com o poder invisível que habita na escuridão. Eles ficam fora da escuridão, por nunca se tornarem sensíveis, e sua determinação de evitar o mistério os

deixa mais concentrados em administrar eficazmente qualquer coisa que enfrentarem. Seu poder degenera em formas mais egoístas, mais destrutivas, mais malévolas de agressividade.

Todos nós nos encaixamos em algum lugar da linha, ou para a esquerda ou para a direita do centro. Estupradores sem consciência, exemplos de poder menos sensibilidade, estão num dos extremos dessa linha. Viciados em pornografia, que sacrificam família e respeito por mais um show de nudez, ficariam na outra ponta, vivendo em função do alívio imediato dessa dor que a sensibilidade sem força produz. A maioria dos leitores deste livro se encaixa em algum ponto entre esses dois extremos, entretanto, nenhum, vive exatamente no centro.

Por quê? Por que nenhum homem pode ser apontado como uma ilustração perfeita da Posição C, exceto um? Por que tão poucos homens chegam perto disso? Por que a cultura moderna está criando padrões atingíveis de masculinidade, que nos asseguram que não estamos nos saindo tão mal e, depois, encorajam outros a se juntarem a nós no rebaixamento do alvo?

Os homens com sensibilidade bem desenvolvida tendem a pedir que os outros estejam ali para eles, isto é, à sua disposição. E quando ninguém o faz, pelo menos não do modo que esperam, esses homens se tornam vulneráveis a perversões “passivas”: pornografia, masturbação compulsiva, fantasias de mulheres que correspondem a cada desejo seu, sonhos de ganhar na loteria. Os homens que se movem corajosamente, mas sem uma percepção de si mesmos ou dos outros, sentem um vazio diferente que os atrai para perversões “agressivas”: sedução, sadismo, abuso, riqueza e posição.

Somos realmente uma mixórdia. Ninguém consegue acertar. Mas, por quê? A resposta, naturalmente, nos leva de volta a Gênesis 3, quando Adão se recusou a falar. Uma corrupção congênita no projeto do homem tem sido passada a todo homem concebido naturalmente, desde então. Mas, o fato de nosso problema ter sido herdado não deve ser usado para nos permitir escapar da responsabilidade.

Precisamos enfrentar a terrível verdade de que somos responsáveis por não falar com sensibilidade e força, e precisamos ser impelidos ao desespero, pela verdade mais terrível ainda de que, o impulso de não falar, é forte demais em nosso interior para que lhe resistamos sozinhos. Enfrentar essas verdades gêmeas nos impelirá ao quebrantamento, confissão, arrependimento e confiança. Não enfrentá-los, nos deixará com a cara ilusão de que as coisas podem ser ruins, mas, não tão ruins, para que Deus seja realmente necessário.

Algo vital está faltando nos homens. Faltam-nos a coragem e a fé para falarmos para dentro das trevas com poder vital. E essa falta de coragem e fé precisa ser compreendida como pecado.

O pecado está no cerne de todos os nossos problemas. Essa é a verdade simples, terrível. Nada “explica” porquê pecamos. O fato de pecarmos é o fundamento de todo pensamento claro sobre nossos problemas. Mas, existe um segundo nível de compreensão; um nível que edifica sobre o fundamento de nos fazer remontar todas as dificuldades à Queda. Esse segundo nível envolve os relacionamentos do homem com os outros homens.

Após o pecado original, não há influência mais poderosa na vida do homem do que a influência dos homens mais velhos e dos seus pares: homens mais velhos, cujas vidas temos observado e que se envolveram conosco, particularmente nos anos de nossa formação; e pares, companheiros e amigos com quem passamos tempo, trocamos histórias e contamos coisas que não contamos a mais ninguém.

Há algo verdadeiramente poderoso à nossa disposição. Na Terceira Parte sugiro que nossos relacionamento, como pais e irmãos, podem nos ajudar a recapturar o sonho perdido da masculinidade.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

Não há muitos homens que desfrutem a riqueza da maturidade masculina. Apenas dois dos homens que foram livrados do Egito atravessaram o Rio Jordão e entraram em Canaã. Os demais vagaram, sem destino, pelo deserto até morrer.

O caminho para a maturidade começa com um exame honesto de como nos relacionamos. Que efeito temos sobre as pessoas? Se tivessem coragem, o que as nossas esposas, filhos e amigos nos contariam sobre como é estar em relacionamento conosco? Demonstramos ser carentes, requerendo que outros cuidem de nós? As pessoas se sentem pressionadas a nos tratar bem? Ou os outros nos vêem como: agressivos, fortes a ponto de, realmente, não precisarmos muito das pessoas e, distantes, o suficiente para não oferecer e nem requerer intimidade?

Porque não temos coragem para adentrar o mistério, somos dominados por paixões carentes ou por paixões agressivas. Nem os homens carentes, nem os agressivos são homens autênticos.

ALGO PODEROSO ESTÁ DISPONÍVEL

Uma geração de mentores

Continuamos a trilhar o caminho que leva à maturidade quando admitimos quão profundamente ansiamos por um pai, alguém que caminhe adiante de nós, mostrando-nos o que é possível e nos chamando, a seguir; e por um irmão, um igual, cujas lutas e compaixão nos encorajem a dar-nos a conhecer a ele enquanto caminhamos juntos. Quando sobre nós se abate a realidade, como acontecerá com a maioria dos homens, de que não temos nem pai nem irmão, a decepção aniquiladora pode virar amargura ou pode nos impelir a buscar a Deus de todo o coração e nos tornarmos pais e irmãos para outros homens. Para aqueles poucos que conhecem o gozo de serem alvo de boa paternidade e rica fraternidade, o chamado não é apenas para usufruir essas bênçãos, mas, para prover a mesma bênção para outros. Se os homens, hoje, se dispuserem a olhar para dentro da escuridão, a lembrarem-se de Deus e, depois, falarem aos outros palavras que trazem vida; se eles estiverem dispostos a caminhar pelo íngreme, estreito e longo caminho que leva à verdadeira masculinidade, então, talvez, nossos filhos entrem na idade adulta com a bênção de uma geração mais velha de mentores, homens que sabem ser bons pais enquanto caminham com seus irmãos rumo ao lar.

PAIS: HOMENS QUE ACREDITAM EM NÓS

As horas mais difíceis vinham de madrugada, após uma luta inútil para adormecer. Ele ficava ali deitado, enquanto sua mente o fazia passear numa montanha russa. Haveria alguns momentos de calma, seguidos por uma longa e torturante subida por uma encosta conhecida e íngreme, rumo a uma altura temida, depois, um súbito despencar, um ataque de loucura descontrolada e pensamentos desvairados, que o mergulhavam num terror sufocante.

Os pensamentos tinham uma coisa em comum – todos o preocupavam. O telefonema, de um professor interessado, aflito com as notas baixas de seu filho. Por que o problema? Será que o filho era preguiçoso? Indisciplinado? Rebelde? Será que apenas tinha dificuldade para aprender? Que tipo de futuro teria?

E aí pensava na filha. Ela não era bonita e tinha engordado. Aos treze anos, a aparência importava mais do que nunca. Os abraços e apelidos carinhoso do papai já não evocavam o mesmo sorriso de quando ela tinha dez anos.

Em seguida, havia a esposa. Ela estava ali, a alguns centímetros de distância, dormindo profundamente, mas seus corações estavam separados por quilômetros. Ele conjecturava porque a paixão se fora. Dezenove anos de romance se esvaindo deixaram apenas uma fachada de compromisso. Às vezes uma fagulha voltava. Mas, nunca por muito tempo. Como seria seu

casamento em dez anos, quando os filhos tivessem saído de casa? Será que algum dia se sentiriam realmente próximos de novo? Ele conseguiria desistir das fantasias e vídeos ocasionais que eram sua única fonte de excitação sexual?

Ele olhou para o relógio – meia-noite e vinte e três. Sua mente continuou avançando por outras preocupações, sem resolver as que já o haviam deixado obcecado. Dinheiro. Faculdade para os filhos. Seu filho, talvez nunca conseguisse entrar. A filha precisava entrar – bem, suas chances de casamento pareciam escassas. Ele estava até às tampas de viver cuidadosamente dentro do orçamento, de guardar vinte reais, por semana, para um fundo de férias e, depois, sacar dele para despesas inesperadas. A última vez foi a conta do encanador. Ele mesmo deveria ter sido capaz de consertar o vazamento.

Sua mente pulou de novo. O trabalho era tedioso. Um diploma em Administração o qualificava para o nível médio de gerência e pouco mais. Será que ele agüentaria sentar-se atrás da mesma escrivaninha por mais vinte anos?

A essa altura, ele sabia o que iria fazer. Era uma rotina familiar. Agarrou o roupão e sua Bíblia. Então, correu para baixo, antes que as lágrimas explodissem e acordassem a esposa. Às vezes ele desejava que isso acontecesse. Seria gostoso ser cuidado, ver a preocupação da esposa, sentir a mão dela em seu ombro. Ele havia sentido isso antes. E era bom, mas nunca suficiente.

Não. Não desta vez! Ele daria um jeito. Apresentaria suas preocupações ao Senhor; lembraria as promessas de Deus e pediria para conhecer a Sua presença. Encontraria coragem para mover-se com confiança na confusão de seu mundo incerto e assustador.

Ele acendeu a luz e se sentou na mesma cadeira de sempre. Como tantas vezes antes, seu pânico deu lugar às lágrimas. Ele soluçou. Caiu de joelhos e chorou até não poder mais, perguntando-se se a esposa o teria ouvido. Se ela ouviu algo não o demonstrou, pois não desceu ao andar inferior.

Então ele voltou à cadeira e abriu a Bíblia. Depois de ler por alguns minutos, percebeu seus pensamentos divagando até o pai. Ele ergueu os olhos da página e cedeu ao impulso suave que o impelia àqueles pensamentos.

As palavras lhe relampejaram pela mente, como a propaganda numa marquise quando as luzes são ligadas. As palavras eram estas: “Papai esteve aqui!”

Ele se lembrava das histórias e imagens: uma enfermidade que havia custado ao pai, o emprego, por dois anos, com três filhos abaixo dos dez anos; a mãe muito trabalhadora, que nunca se queixava, mas sempre parecia cansada; o pai fazendo força para sorrir e, às vezes, dando longas caminhadas; a família reunida no quarto, de joelhos.

Ele podia ouvir a voz do pai: “Estarei trabalhando logo, meu bem. Deus proverá. Então você vai poder ficar em casa.” E então o emprego veio. E o pai ganhava bem. As coisas ficaram melhores, mais fáceis, mais felizes. No entanto, o pai ainda lhe parecia inquieto. Ele podia sentir a tensão ocasional entre os pais. Nunca soube o que era. Às vezes, o afeto entre eles parecia forçado.

Havia mais lembranças do pai agüentando firme: através de algumas crises de hospitalização; através dos altos e baixos normais e dos horários malucos dos filhos; ao longo de um período de cinco anos de telefonemas da escola, de batidas na porta da polícia e de diversas audiências no juizado; e, depois, através da dor e da vergonha, por seu pedido de demissão do Conselho da igreja. O irmão mais velho havia partido o coração dos pais mais vezes do que ele podia contar. Ele se lembrava das lágrimas e das orações do pai.

A imagem do pai orando antes das refeições estava fixada em sua mente: a cabeça inclinada, a voz suave com um tremor ocasional: “Pai, cuide que continuemos a confiar na Tua bondade. Obrigado por Tua fidelidade através de Cristo. Por favor, faça com que todos nós sejamos seguidores d’Ele.”

As palavras relampejaram de novo: “Papai esteve aqui!”. E Papai venceu. Nem sempre ele estava feliz – às vezes era simplesmente horrível estar perto dele – mas ele continuou trabalhando; jamais desistiu de suas responsabilidades. E jamais deixou de se preocupar com seu filho pródigo.

Agora, aos setenta e quatro anos de idade, sofrendo indizivelmente com a recente morte da esposa, após meses de sofrimento, ele ainda não estava disposto e animado. Mas dei-

xava transparecer uma calma que era mais do que resignação. Ele parecia esperançoso: não o tempo todo, mas, quando estava assim, era algo poderoso. Ele gostava de dizer: "O melhor ainda está por vir". Papai era real. Sua paixão por Cristo parecia mais forte do que nunca.

Quando ele orava, as palavras eram as mesmas, mas imensuravelmente mais ricas. A cabeça inclinada, a voz suave com o tremor ocasional: "Pai, cuide que continuemos a confiar na Tua bondade. Obrigado por Tua fidelidade através de Cristo. Faça com que todos nós sejamos seguidores d'Ele."

Ele vira o filho mais velho voltar para o Senhor, após dois divórcios, ambos, ocasionados pelo adultério do filho. E sua única neta, a filhinha mais nova da filha, havia passado por quatro cirurgias em seus três anos de vida. Sem nenhuma garantia para o futuro. Entretanto, o pai trilhara o caminho, e ainda o estava trilhando, após sete décadas. Papai vencera!

Às duas horas da manhã, por fim, ele fechou a Bíblia. Hesitou, meio sem graça, então, inclinou a cabeça e numa voz suave, que tremia levemente, ele orou: "Pai, cuide com que continuemos a confiar na Tua bondade. Obrigado por Tua fidelidade através de Cristo. Por favor, faça com que todos nós sejamos seguidores d'Ele." Em seguida, voltou para a cama e dormiu. Sem ter acordado a esposa.



Um pai piedoso transmite três mensagens ao filho:

1. "Isso pode ser feito!"
2. "Você não está sozinho!"
3. "Acredito em você!"

A maioria dos homens em nossa geração jamais recebeu nenhuma dessas mensagens de seus pais. Há algo faltando nas almas dos homens sem pais.

Quando os tempos ficam difíceis, a coragem é escassa. A escuridão parece escura demais para ser adentrada. O futuro

parece negro. Os exemplos dos pais não dão, a muitos homens, nenhuma razão para sonhar em se tornar homens bons, fortes, virtuosos, amorosos. Talvez isso não possa ser feito, pensam eles. Ninguém me conduziu. Ninguém demonstrou que isso pode ser feito.

Talvez desistir, transigir, permitir-se alguns momentos de prazer barato, só para aliviar a dor, não seja má idéia. Talvez faça sentido encontrar um caminho mais largo, mais confortável do que o caminho estreito que tentamos trilhar. Quem realmente se importa, afinal? O que temos a perder? Suponha que realmente caíamos em pecado óbvio. Muita gente vai menear a cabeça e dizer: “Você ouviu o que aconteceu com Pedro? Eu bem que desconfiava dele. Será que ele realmente conhecia o Senhor? Ele bagunçou mesmo as coisas. Ouvi dizer que a esposa dele está sofrendo muito. Eles provavelmente se divorciarão”.

Ninguém se importará. Ninguém nos procurará e nos fitará com olhos de esperança. E isso dói. Faz com que as nossas amizades atuais signifiquem menos.

Quando um pai falha com seu filho, ele introduz batalhas adicionais na vida do filho, batalhas que o filho nunca devia ter de travar. Quando um homem nunca ouve outro homem declarar, ao longo de sua vida, que mover-se com firmeza rumo à maturidade é possível, independente do que a vida traga; que alguém sempre se importou e sempre se importará com ele, e que alguém respeita o seu coração e sabe que ele pode vencer – o homem que nunca ouve essas afirmações experimentará, no centro de seu ser, um profundo buraco que lateja com dor desesperadora. Falta-lhe algo que deveria estar ali – e estaria ali, se o pai tivesse desempenhado bem a sua função.

Este capítulo é um chamado para que os homens façam duas coisas. Primeiro, enfrentem a realidade do seu relacionamento com seu pai. Se foi ou é uma decepção severa, admita a perda.

Abrace a tristeza. Chore por ela. Não lhe passe uma demão de cal com frases que parecem cristãs: “Bem, ele fez o melhor que podia”, “Fico agradecido por não ter sido pior”, “Deus deve ter tido algum propósito em tudo que permitiu”. Enfrente os fatos incontestáveis. Como todas as suas forças, você deseja

que as coisas tivessem sido diferentes. Você gostaria que fossem diferentes, agora, mas não consegue pensar numa forma de fazê-las melhorar. E isso dói.

Enfrentar as coisas como elas são, pode liberar a fome por conhecer seu Pai celestial, que está em seu coração, mas só se a dor não degenerar em uma amargura que apenas fica ali, ignorada e inconteste. Uma percepção mais aprofundada do seu anseio por um pai, pode despertar sua memória sobre os homens que, em sua vida, têm sido como pais para você. Isto, talvez, se dê de forma imperfeita e incompleta mas, ainda assim, será bastante significativo.

Seu coração pode se aquecer ao se lembrar de um avô, um tio, um pastor de jovens, um professor do colegial, um treinador esportivo. Talvez, você reconheça um pai espiritual em Jeremias, ou Elias, ou Jó, ou Pedro, homens que lutaram, que fracassaram, que se sentiram abandonados e sós, que conheceram a fidelidade de Deus através da provação e da disciplina – homens, cujas vidas, lhe dizem que isso pode ser feito. Mas, enfrente a realidade de seu relacionamento com seu pai. Essa é a primeira coisa.

Segundo, desenvolva uma visão do que você pode significar para os outros homens, particularmente aos homens mais jovens, que o seguem no caminho. O vazio de não ter um pai piedoso não será preenchido quando você se tornar um pai piedoso para outra pessoa; talvez torne a dor mais aguda. Mas, o vazio, será rodeado por um senso de propósito. E isto lhe trará alegria – aquele tipo diferente de alegria, que apóia a pessoa em seu sofrimento, em vez de por um fim a esse sofrimento; uma alegria estranha, que mais parece uma razão para prosseguir, como as sensações boas de uma criança no Natal.

Os rapazes da faculdade podem ser mentores dos que estão no colegial. Podem sair juntos, comer uma pizza, conversar sobre garotas, notas e regras, ensiná-los a jogar tênis ou consertar carros, ou usar o computador. Homens com seus próprios filhos têm uma oportunidade e uma responsabilidade óbvia de transmitir a mensagem tríplice da paternidade aos rebentos. Homens sem filhos (tanto os casados quanto os solteiros) e pais

mais velhos, que vêem os filhos adultos apenas uma vez por ano, podem, todos, ser pais espirituais de outros homens, em suas comunidades. Este capítulo é um chamado aos homens, para que vislumbrem o que podem significar àqueles que os estão observando.

TRÊS MARCAS DE UM PAI PIEDOSO

Pai piedoso é o homem que compreende o que significa para seus filhos; que se sente humilde, pelo gozo irresistível do impacto do que pode fazer para Deus e, aterrorizado, pelo dano que pode causar. Ele se sente, ao mesmo tempo, empolgado e temeroso. Por causa de sua confiança em Deus, a emoção é maior.

Ele anseia por conduzir o filho, pelo exemplo manso e poucas palavras, rumo à masculinidade piedosa. Como a mulher se esforça para dar à luz um bebê, assim esse homem luta para apresentar um filho piedoso. Na agonia do seu desejo, ele é como Deus, que declara: *“como mulher em trabalho de parto, eu grito, gemo e respiro ofegante”* (Is 42.14), quando antecipa corrigir todos os erros e conquistar para si o Seu povo.

Um pai piedoso é impelido adiante por seu elevado chamado de agradar a Seu Pai celestial, de tornar-se como o Filho e de entregar-se ao Espírito. Mas, o chamado de passar à geração seguinte o seu conhecimento de Deus, também, é forte. Ao se esforçar por honrar seu chamado de pai, lembrar-se de Deus e falar para dentro da escuridão de uma forma que perpetue a lembrança, esse homem faz três coisas que o marcam como pai piedoso.

Marca 1: Ele trilha um bom caminho à vista do filho, para fazer com que este saiba: “Isso pode ser feito!”.

Não há nenhum senso de exibição, nenhuma pose assumida, para impressionar o filho. Ele simplesmente trilha o caminho que Deus estabelece para ele, porque confia em Deus. Mesmo quando não há nenhuma evidência para respaldar essa crença, ele se agarra ao que sabe ser verdade sobre Deus. Ele

ouviu Deus falar, através de Sua Palavra, e acredita no que Deus disse.

O pai piedoso é um homem de fé cujas tristezas, embora profundas e permanentes, não eliminam a alegria (pelo menos não por muito tempo); cujos fracassos, nunca são usados para justificar a agressividade; cujas lutas, que o tentam a desistir, nunca o dominam. Sem ele saber, o semblante do pai piedoso brilha de vez em quando. Não são muitos os que vêem isso, mas, alguns, ficam fascinados pelo brilho de sua paixão por Cristo, uma paixão que reduz os que observam a respeitoso temor.

Quando ele descobre que sua vida tem encorajado profundamente seu filho a trilhar o mesmo caminho, fica surpreso – e grato. Ele é pego desprevenido quando as pessoas falam calidamente de sua influência. Está tão consumido pela glória de Cristo que não percebeu que um pouco dela se transferiu para si.

O pai piedoso não finge. A vida é difícil e ele o sabe. Os espinhos e cardos o perfuram, às vezes arrancando-lhe sangue e, as ervas daninhas, o frustram. Viver fora do Jardim é frequentemente difícil e ocasionalmente terrível. Aqueles que o observam sabem que ele luta.

Às vezes, ele está mais consciente do fracasso do que do crescimento. Pergunte a um homem amadurecido se ele é amadurecido e este mudará desajeitadamente de assunto. Quando reflete sobre si, com certeza, ele fica espantado por Deus deleitar-se nele e, entristecido, por ter custado a Deus, Seu Filho, para tornar isso possível.

O pai piedoso é um contador de histórias. Ele ensina, porém, mais através de histórias, do que de sermões. Ele sabe que lições envoltas em histórias penetram mais profundamente e permanecem por mais tempo. Ele conta histórias dos seus sonhos de infância que deram lugar à dura realidade da vida adulta. Ouça uma história que meu pai me contou num carta recente:

“Uma lembrança é extremamente vívida. Era meu décimo segundo aniversário. Eu estava impressionado com o advento da adolescência. Treze anos me parecia tão velho; afinal, mais um pouco e eu chegaria aos vinte. E eu já tinha conhecido alguns sujeitos que tinham se casado com vinte anos.

Sentei-me com Mamãe na varanda dos fundos de uma esplêndida mansão em Chestnut Hill. Tia Lily era governanta ali e tinha permissão de deixar mamãe passar o Verão lá enquanto a “realeza” viajava pela Europa. Eu estava tentando contar a mamãe como tomaria conta dela quando crescesse. Morávamos na casa da rua Baynton, naquela época, e eu estava vendo mamãe na mansão na qual estávamos no momento, sendo eu o provedor. Como disse o poeta: “Era ignorância infantil, ao menos parecia ser”. A vida é bem assim: os sonhos se desvanecem quando a dura realidade sobrevêm.

Essa história de meu pai me fez saber que ele certa vez teve sonhos, exatamente como eu os tive. Alguns de seus sonhos mais caros foram destruídos, apesar disso ele ainda busca a Deus e vive fielmente.

Pais piedosos contam outras histórias sobre nobres sonhos que se realizaram, de vitórias e derrotas, da mão de Deus em suas vidas, daquelas, poucas vezes, em que um vislumbre de Deus os cegou para tudo o mais, daquelas, muitas vezes, em que a vida simplesmente parecia difícil demais.

Como um homem mais moço pode ver – ao ouvir histórias assim – um homem mais velho já abriu a trilha, já passou por aquele caminho antes dele; então, o mais jovem começa a perceber que cada uma de suas próprias lutas já foi enfrentada antes. Assim, ele sente uma esperança cálida banhando sua alma abatida, animando-o, com força e coragem renovadas.

“Isso pode ser feito!” diz o jovem. “Ele o fez. Olhe para ele. Ele enfrentou tudo o que enfronto, suportou o mesmo medo e sofrimento e fracasso, fez as mesmas perguntas e ouviu o mesmo silêncio que me enfurece. E ainda confia em Deus. Ele conseguiu. Isso pode ser feito!”¹³

Marca 2: De vez em quando ele se volta e olha para o filho, para fazer-lhe saber: “Você não está sozinho!”.

O pai piedoso trilha o bom caminho, sabendo que seu filho está caminhando trinta anos atrás de si. O filho observa por trás e, sem dialogar com o pai, ouve a mensagem: isto pode ser feito.

De quando em quando, num cronograma que parece frustrantemente aleatório e totalmente imprevisível, o bom pai pára, volta-se, e fita seu filho. Até que se volte, o filho sente a distância entre ele e o pai, não uma distância fria, árida, mas, mesmo assim, uma distância. Ele anela por ouvir mais do pai do que a mensagem dada por seu exemplo, a mensagem de que realmente é possível permanecer fiel ao chamado que recebeu como homem. Ele quer se sentir ligado, ouvido, levado em conta. Ele anseia por saber que o homem que o aplaudiu na competição de judô na adolescência e que se levantou orgulhosamente para aplaudir, na sua formatura de faculdade, ainda está envolvido, ainda está interessado, ainda traz o filho no coração. Significa muito para o filho adulto perceber que o pai está de joelhos diante do trono, mencionando o nome do filho e saber que o pai sente a dor de toda luta – e o gozo de toda vitória – na vida do filho.

Quando o pai se volta, o filho recebe um olhar que apaga toda dúvida: “Papai ainda se importa. Não estou sozinho!” O pai piedoso se volta para o filho – talvez numa carta, num telefonema, numa visita – não para instruir ou admoestar. Há uma hora e um lugar para esse tipo de comunicação, mas o propósito central do pai é ouvir. Quando se volta, ele não fala, convida. Mesmo aquelas cartas nas quais o pai não consegue resistir a uma palavra de conselho oferecem mais do que impõem recomendação. Ele respeita o enorme direito e responsabilidade do filho de fazer suas próprias escolhas.

Quando seus olhos se encontram, mesmo antes de falar, o filho se sente ouvido. Talvez seu pai tivesse se voltado naquele momento – e não antes –, porque ele percebeu que o filho precisava falar. O Espírito de Deus muitas vezes traz o filho à mente de um pai amoroso que, então, apanha o telefone. Lembro-me, e sinto as lágrimas aflorando quando o faço, da noite em que meu pai telefonou e disse: “Eu não conseguia tirar você da cabeça ontem à noite. Achei que era Deus tentando me dizer algo a teu respeito. Filho, está acontecendo alguma coisa com você, algo pelo que eu possa orar?”

Um pai piedoso pensa freqüentemente no filho. De vez em quando o pensamento vem com uma força que o faz parar e

olhar para trás. E quando se volta, ele se inclina para o filho, colocando o ouvido perto da boca do filho como que a dizer: “Não quero perder nenhuma palavra do que você diz.”

É exatamente o que Deus faz com seus filhos que se lembram d’Ele: “...o Senhor os ouviu com atenção...” (Mt 3.16). Ele ouviu uma voz que lhe chamou a atenção, então, inclinou-se para ouvir. Esse é o significado de “atentava e ouvia”.

Sua mensagem ao voltar-se é clara: “Você nunca está longe do meu pensamento e está sempre no meu coração. Estou com você. Você não está sozinho!”. O pai piedoso dá uma amostra do Pai celestial que sempre ouve, o Deus que reúne todas as lágrimas num frasco, guardando-as até o dia em que revelará Seu bom propósito contido em cada provação que Ele poderia ter impedido.

A mensagem do pai piedoso é ouvida pelo filho: “Você não está sozinho. Estou ouvindo. Ouço a sua dor. Eu nunca lhe contei os detalhes das minhas batalhas com a lascívia, cobiça e orgulho e, você, nunca me contou as suas. Mas sei que elas estão aí. Nada me chocaria. Eu também sou homem. E nada coloca você além do alcance do amor de Deus. Sua graça é tão maior do que o nosso pecado, quanto a Terra é maior do que um grão de areia. Somos ambos homens decaídos, que ainda não foram libertos da presença do pecado. Sei que a vida é dura, às vezes, apavorante, muitas vezes indizivelmente dolorosa. Eu sofro com você quando você se preocupa com problemas de dinheiro, decepções na carreira, problemas na família. Sinto o peso de suas perguntas e orações não respondidas; conheço a escuridão que você sempre enfrenta. Mas sei o que Deus prometeu fazer. Portanto, posso ouvir sobre os seus problemas sem cair aos pedaços ou precisar salvá-lo. Em suas alegrias e tristezas, eu lhe dou a minha presença. Eu estou com você!”.

Essa é a mensagem do olhar desse pai. Em resposta, o filho se sente inclinado a falar. Ele não conta tudo – é melhor compartilhar alguns segredos com irmãos – mas aquilo que ele conta é ouvido. Nada significa tanto para um homem que está lutando, quanto saber que alguém que se importa está consigo, não, exigindo reconhecimento e apreciação mas, simplesmente

te, querendo estar ali para se importar e ser disponível, atencioso e acolhedor. Ao falar ao pai que o ouve, ele encontra coragem para se adiantar mais, ao longo do caminho escuro, à frente, sabendo que o pai já esteve ali e agora está com ele.

Marca 3: Ele retoma sua caminhada rumo a Deus, confiando em Deus para orientar seu filho a segui-lo, dizendo com isso: "Acredito em você!"

O pai piedoso não passa todo o seu tempo ouvindo o filho. Nosso Grande Sumo Sacerdote pode fazer isso, mas o pai humano não – e nem deve. Se ele ouvir demais ou se envolver demais nas preocupações do filho, oferecerá ajuda demais ou se tornará desanimado, cínico ou zangado. Ele pode mandar o dinheiro que livraria o filho de uma oportunidade difícil de crescimento, ou, frustrado, daria conselhos que levariam a uma luta pelo poder: "É melhor você fazer o que estou dizendo, ou realmente vai bagunçar as coisas!"

Pais piedosos têm coisa mais importante para fazer do que ouvir seus filhos. Por breves temporadas, ouvir pode tornar-se uma prioridade principal. Mas, o padrão da vida do pai precisa refletir seu compromisso de permanecer no caminho estreito, quer o filho o esteja seguindo ou não.

Lembro-me de ter dito a um de meus filhos, durante um período difícil: "Você pode partir o meu coração, mas não pode destruir a minha vida. Seguirei a Cristo independente do que você fizer. Minha vida está escondida em Cristo. Você é importante mas não é poderoso."

Quando o pai piedoso retoma a sua caminhada e faz dessa caminhada um padrão característico, ele coloca o filho no devido lugar. Ele tira o filho da posição insuportável de ser o centro de sua (pai) vida. Então, liberto de um fardo que não pode administrar e do qual, eventualmente, se ressentia, o filho, estará melhor capacitado a dar alegremente ao pai, aquilo que possui e é capaz de dar.

Quando o pai dá as costas ao filho, quebrando o contato olho a olho para, novamente, fixar os olhos em Jesus, o filho

sabe que ele não estará lhe dando as costas por rejeição ou indiferença. Somente a perspectiva de conhecer melhor a Deus poderia levar o pai a se voltar para outra direção. O pai piedoso sabe que o filho está em boas mãos, mais poderosas do que as suas e aprende a descansar.

O pai que descansa significa muito para o filho. Pais preocupados transmitem a expectativa de que os filhos encontrarão alguma forma de bagunçar a vida. Pais tranquilos comunicam que os filhos são responsáveis pelas escolhas que fizerem diante de Deus, um Deus que moverá Céus e Terra para ganhá-los à obediência.

A vida do pai piedoso demonstra a primeira mensagem: que é possível – não importa o que a vida traga – seguir a Cristo. Sua presença assegura ao filho que ele não está sozinho. Alguém se importa com ele. Essa é a segunda mensagem. E sua recusa em pairar sobre – ficar de olho nas coisas e carregar o filho quando este deveria encontrar forças para caminhar pelos próprios pés – comunica a terceira mensagem: a de que ele acredita no filho. Ele aceita o filho como um indivíduo responsável por suas escolhas e, pela graça de Deus, capaz de fazer boas escolhas, capaz de se levantar após uma queda.

“Isso pode ser feito!”

“Você não está sozinho!”

“Acredito em você!”

Nenhum homem ouviu essas mensagens tão clara ou continuamente quanto deseja. Pais piedosos, às vezes, falham; eles ocasionalmente se intrometem, dependem demais dos filhos ou se tornam tão preocupados com suas próprias lutas que já não ouvem bem. Frequentemente, eles se preocupam. Suas perguntas transmitem falta de confiança na capacidade dos filhos vencerem.

Precisamos não exigir perfeição de nossos pais. Antes, precisamos procurar padrões. Precisamos aprender a apreciar pais imperfeitos mas, piedosos, que conseguem voltar ao bom caminho, que demonstram seu cuidado genuinamente (mesmo que

com menor frequência do que desejamos), e que sabem algo sobre descansar na soberania de um Deus bondoso.

A triste verdade, claro, é que a maioria dos homens não tem pais piedosos. Pouquíssimos homens conseguem apontar um homem mais velho em suas vidas que tenha comunicado poderosamente essas três mensagens. A maioria ouviu três mensagens muito diferentes berradas em seus ouvidos:

1. "É difícil demais viver como Deus exige. Um pouco de transigência, um pouco de alívio com o qual eu possa contar, alguma possibilidade de fazer o que me faz sentir bem a meu respeito agora, são necessários. Uma vida verdadeiramente piedosa? Isso não pode ser feito."
2. "Claro que me importo com você. Tudo bem, e daí se eu não ouço tão bom ouvinte? Ora, tenho meus próprios problemas. Você deveria ser grato, isto sim, por tudo o que eu lhe fiz quando você era criança. Quem sabe, agora, talvez tenha chegado a minha vez de receber um pouco de atenção? Eu realmente não me importo com você."
3. "Olhe, a vida não está nada fácil, sabia? Você tem alguma idéia do que é ficar velho? Bem, algum dia você vai descobrir. Estou fazendo o melhor que posso. Sei que não é tão bom. Mas, duvido que você vá se sair muito melhor."

O filho de trinta e quatro anos de um próspero empresário aproximou-se do leito de morte do pai. As últimas palavras que ouviu de seus lábios foram: "Deixei a minha firma para você no testamento. Se eu tivesse tido outro filho, deixaria para ele. Você é quem manda agora. Minha previsão é que você levará cerca de um ano para destruir tudo que levei a vida toda para construir."

Aquele filho teve muita dificuldade para encontrar coragem de continuar. Ele lutou contra depressão, gastou o dinheiro tolamente e bebeu demais. Algo vital estava faltando em seu coração, algo que o pai poderia ter colocado ali.

O pai foi o culpado dos fracassos do filho? Não. Seu Pai Celestial havia providenciado tudo de que ele precisava para viver uma vida fiel, responsável. Mas, aquele rapaz travou batalhas que não teria sido necessário travar. No julgamento final talvez ele receba um galardão maior por sua luta de toda a vida contra a bebida do que eu receberei por tudo o que ensinei, aconselhei e escrevi.

Confronte a realidade de seu relacionamento com seu pai. Confronte-o honestamente. Sofra com o que está faltando. Sinta a ira provocada pela dor da negligência. Regozije-se com tudo que for bom. Ouça as mensagens que a vida de seu pai transmitiu.

Então agarre-se com seu Pai celestial. Observe o Filho andar, perfeitamente, no caminho estreito e saiba que a vida d'Ele está em você, capacitando-o a crescer em obediência e a nunca desistir. Imagine nosso Grande Sumo Sacerdote ouvindo, cada vez que invocamos Seu nome, depois, inclinando-Se para ouvir toda palavra, todo suspiro, todo grito. Veja Ele ascender ao Céus, com a confiança de que seus seguidores O seguirão, sabendo que Ele fará tudo o que for necessário para continuar nos atraindo até estarmos com Ele. E procure alguém – talvez um homem mais velho, discreto, de sua igreja, a quem você mal notou anteriormente – cuja vida lhe diga que isso pode ser feito, que você não está sozinho, que ele acredita em você.

Depois, torne-se um desses homens que transmitem serenamente boas mensagens aos mais jovens, que os seguem pelo caminho. Conte o preço de se tornar um homem desses – é enorme. Mas, valorize o privilégio e antegoze a alegria. Não há nenhum chamado mais elevado do que representar Deus a alguém, vivendo a vida de um pai espiritual diante dele. Torne-se um presbítero.

IRMÃOS: HOMENS QUE COMPARTILHAM SEGREDOS

Aquilo tinha acontecido há muito tempo. Então, por que sua lembrança ainda disparava, pelos cantos da mente, como um rato infestado de germes, roçando rodapés de uma casa que, no mais, estava limpa?

A tentação ainda estava ali. Não o tempo todo, naturalmente; às vezes totalmente ausente. Mas, ele tinha aquela impressão, cada vez maior, que a qualquer momento o desejo podia surgir como um monstro saindo do mar, agarrá-lo pela garganta e subjugar-lo.

Isso começou quando ele tinha onze anos, na primeira vez que foi a um acampamento. Talvez, fosse o vazio criado pelas saudades de casa que o deixaram tão pronto.

Seu amiguinho – de treze anos, já musculoso, ótimo atleta, do tipo “acampante-da-semana” – foi quem o encontrou primeiro: um buraco na parede de uma das cabanas das meninas. Uma curta caminhada pelo mato e uma cerca, facilmente transposta, eram as únicas coisas que separavam o acampamento dos meninos dos das meninas.

Ele nunca sentira nada como aquilo. Pulando a janela depois de apagadas as luzes, esgueirando-se como uma unidade especial de comando através do mato, subindo silenciosamente até o buraco. E depois, olhando: um olho fechado, outro aber-

to – bem aberto. A conselheira do acampamento das meninas deixava que elas ficassem com as luzes acesas depois do toque de recolher.

Será que aquelas poucas noites deram início a uma obsessão? Por que o desejo era tão forte, o prazer tão compulsivo e tão satisfatório que parecia uma parte irresistível da sua constituição mesmo agora, anos mais tarde?

Naquela mesma semana, no acampamento, ele dera a vida a Cristo. E foi real. Seus pais, que oravam por ele, vibraram. Ninguém soube o que mais havia começado durante aqueles dias.

Desde então, a batalha tinha sido feroz. Durante a adolescência, houve alguns filmes que ele nunca deveria ter visto, filmes dos quais ainda não conseguia se esquecer. E houve, outros, quando ele estava com vinte e poucos anos. Depois teve aquela visita tarde da noite ao clube “adulto”.

Os filmes, ele admitia – e até espiar pelo buraco –, estavam mais para travessuras do que para algo propriamente sério. Mas, duas horas num clube como aquele! O pessoal alinhado, amistososo; um ambiente de normalidade que lhe acalmou a consciência até ele sair pela porta pouco antes da meia-noite.

Isso fora há oito anos, quando ele estava com vinte e nove e casado, com dois filhos e era, juntamente com a esposa, copatrocinador do grupo de jovens da igreja. Hoje, ele estava com trinta e sete anos e os dois filhos faziam parte do grupo de jovens que ele ainda dirigia. A maravilhosa surpresa da família – uma garotinha – tinha completado seis anos.

Como presidente do comitê de missões, ele havia dirigido duas recentes viagens missionárias à Europa oriental; a última viagem incluiu toda a família. Sua vida parecia uma camisa branca, com uma mancha de alimento coberta por uma gravata cuidadosamente posicionada.

Havia ocasiões em que, a idéia de se entregar àqueles antigos prazeres proibidos, parecia prometer-lhe algo que nada mais poderia substituir, inclusive sua fé – especialmente não a sua fé. A simples idéia de viver suas fantasias podia aliviar um terror dentro de si. Ela colocava uma tampa no buraco sem fundo que estava sempre ali, esperando com poder sinistro para um

dia sugá-lo em suas profundezas. Às vezes, os prazeres do pecado, pareciam seu único meio de sobrevivência, sua única esperança de alegria.

No caminho de sua casa para o trabalho passava a três quarteirões daquele clube. Apenas algumas poucas vezes, em todos aqueles anos, ele havia saído fora da rota para passar por ele. Uma vez, diminuía a velocidade. Mas, nunca chegara a estacionar o carro, quanto mais, descer e entrar lá.

Em seus pensamentos, ele havia gozado os prazeres acessíveis dentro daquele prédio mil vezes. E se odiava por isso. Toda vez que a lembrança se tornava uma imagem focalizada, ele se sentia vulgar, sujo, fraco – mas, estranhamente vivo. Mesmo quando a lembrança estava apagada, ainda estava ali, querendo capturar sua mente.

Ninguém sabia. Alguns anos antes, em seu grupo de homens, ele admitira ter um problema com a lascívia. Cada sujeito ali ouviu com simpatia, mas, com o mesmo nível de interesse que a confissão de uma masturbação ocasional poderia ter suscitado.

Ele queria contar a alguém a horrível verdade com detalhes suficientes para deixar claro que seu pecado era grande, que entregar-se a ele parecia o portal do Paraíso. Mas a quem ele poderia contar? À esposa? Não! Ele não tinha certeza do motivo, mas não. Seu pai? Outro claro “não”. Parecia-lhe impróprio.

Dois presbíteros nomeados na igreja destacavam-se bem mais do que apenas administradores do ministério. Ambos eram bons homens e piedosos, também, mas, de uma maneira convencional. Eles pareciam mais estátuas do que vivos. Ele podia imaginar sua reação: sincera preocupação, promessas de orar, mas, nenhum acompanhamento, exceto, talvez, por um ocasional: “Como está indo a luta? Ainda estou orando por você!”.

Seus três amigos mais íntimos faziam piadas demais sobre assuntos picantes. Ele se ressentia disso. Recusava-se a correr o risco de tornar-se o objeto de seu humor irreverente. Stan.. O nome nunca lhe ocorrera antes como um potencial confidente. Ele o conhecia razoavelmente bem. Os dois tinham almoçado juntos, algumas vezes, passado mais de um ano no mesmo

grupo de estudo bíblico e compartilhado uma noite de longa conversa. Stan era um sujeito preocupado, apaixonado, determinado, lutador, nunca irreverente – ele era engraçado, mas, nunca irreverente! Tinha a mesma idade que ele, talvez fosse um ano mais moço.

Ele levou oito meses, mas, finalmente conseguiu – contou seu segredo a Stan. Não havia nele nenhum detalhe escabroso, mas fora uma confissão clara de pecado e terror reais.

Stan o ouviu com atenção. Fez algumas perguntas, mas nenhuma que encorajasse detalhes específicos, desnecessários. E nem emitiu palavra ou expressão facial que transmitisse respeito diminuído ou menosprezo. Sua conversa pareceu limpa, dignificada, importante. Stan não ofereceu qualquer conselho, não fez nenhuma tentativa de interpretar ou explicar a luta, não trivializou nenhuma verdade. Ele falou mais sobre uma visão: de como a vida de ambos poderia ser em um ano – em dez anos – à medida que o Espírito de Deus fosse vencendo. A visão não foi transmitida com um espírito de: “Olhe, relaxe! Você vai estar bem!”, mas, mais com um sentimento de “Pense no que poderia ser! Não desanime! Isso vale qualquer preço!” E ele se ofereceu para conversar mais.

Isso fora há mais ou menos um ano. A luta continuou. O monstro continuava atocaiado nas profundezas, mas ele se sentia mais limpo, mais esperançoso, capturado por um poder maior que o atraía para algo mais elevado.

Desde então, ele havia passado pelo clube uma vez. Teve um impulso de entrar. Por um momento, entrar ali parecia sua única esperança de se sentir vivo. Entretanto, o pensamento de resistir ao impulso, de não entrar, de prender a fantasia do que estava lá dentro, lhe parecia algo importante, por vezes até compulsivo; voltar as costas a esses prazeres fazia com que se sentisse parte de algo maior. Antes, dizer “não” ao pecado, parecia apenas obedecer a uma ordem, algo que fazia para evitar a censura, como dirigir dentro do limite de velocidade quando um carro-patrolha aparece no seu espelho retrovisor.

Stan lhe telefonara três vezes naquele ano, desde que conversaram. Duas vezes ele telefonara a Stan. Eles se encontra-

ram em particular apenas uma vez, para um longo café da manhã num sábado. Falaram sobre Cristo, visão, poder; apenas um pouco sobre lutar contra o pecado. Eles ainda estavam no mesmo grupo de estudo bíblico. Durante as noites em que o grupo se reunia, eles riam juntos, trocavam histórias de trabalho durante o lanche, trocavam brincadeiras confortavelmente e, às vezes, discutiam a passagem que o grupo acabara de estudar. Eles se misturavam naturalmente com os outros. Nenhum dos dois sentia pressão para se isolar num canto.

Ele começou a sentir-se um pouco mais confortável com a palavra vitória. Ela agora não continha nenhum traço de complacência, nenhum pensamento de ter amadurecido além da apavorante realidade da dependência. Vitória, agora significava esperança, propósito e movimento rumo a uma visão irresistível.

Ele se sentia mais presente com a esposa durante suas temporadas de conflito. Estava mais consciente de ter algo para passar aos filhos, e mais ansioso por fazê-lo. Estava mais faminto por Deus e sentia mais paixão pela vida. As tentações sexuais, embora ainda fortes, pareciam menos ameaçadoras do que o buraco negro que ainda podia puxá-lo a suas profundezas sem sentido. E o terror do buraco negro parecia, às vezes, menos poderoso do que sua fome de conhecer a Cristo.

Todas as vezes que ele ouvia alguém dizer a palavra “irmão”, a imagem de Stan lhe vinha à mente.



Os pais nos encorajam ao mostrarem o caminho, ao caminharem à nossa frente, nos liderando pelas trilhas. Os irmãos nos encorajam ao compartilharem conosco nossas lutas, ao caminharem ao nosso lado.

Num estudo informal com quatro mil homens, um, em cada dez, declarou que havia, em sua vida, alguém a quem ele olhava como pai. Apenas um grupo muito reduzido de homens experimenta o encorajamento de outro homem, cuja vida proclama: “Isso pode ser feito! Você não está sozinho! Acredito em você!”

A mesma pesquisa indicou que um homem, em cada quatro, tinha um irmão: não apenas outro rebento masculino dos mesmos pais, mas, alguém chegado, diante de quem não sentia vergonha alguma.

Se essa pesquisa for correta, noventa homens, em cada cem, não têm pais – são homens sem um mentor. Setenta e cinco, desses mesmos cem, não têm nenhum irmão – são homens que vivem com segredos.

Há segredos de diversas espécies. Segredos envolvendo eventos específicos, lembranças de coisas que os outros nos fizeram, ou coisas que nós mesmos fizemos. Há realidades internas secretas: impulsos, interesses, lutas, motivos, pensamentos, crenças ou sentimentos que consideramos inaceitáveis, que achamos que estragariam qualquer relacionamento, no qual fossem conhecidos. Às vezes as coisas que escondemos são impressões vagas, mas poderosas, geralmente envolvendo uma sensação anônima, mas apavorante, de nossa própria indignidade; uma sensação que, tememos, os outros confirmariam, se lhes fosse dada a oportunidade.

Os segredos têm três efeitos principais:

1. Eles enfraquecem a *coragem*
2. Eles isolam aqueles que os guardam, da *comunidade*
3. Eles corroem uma sensação legítima de *confiança* pessoal

Para entender o dano letal criado por esses efeitos, lembre-se da definição tríplice de masculinidade:

Os homens são chamados para:

1. Olhar profundamente para dentro do mistério, para enfrentar honestamente a confusão não solucionada da vida.
2. Se lembrarem do caráter e dos atos de Deus, para ver a história invisível de Deus revelada nas Escrituras e nos eventos de nossas vidas.
3. Adentrarem o caos da vida, com o poder de restaurar a ordem e liberar a beleza.

Os três efeitos de guardar segredos apresentarão obstáculos substanciais aos homens que anseiam por honrar seu chamado tríplice. Permita-me explicar.

Efeito 1: Os segredos enfraquecem a coragem, diminuindo as probabilidades de os homens olharem profundamente para dentro do mistério.

Todo homem se questiona se tem o indispensável para sobreviver ao desafio de olhar honestamente a vida. Os homens com segredos estão convencidos de não o ter.

Em conversas consigo mesmos, que às vezes não ouvem conscientemente, os homens com segredos se perguntam: “Como um homem como eu poderia enfrentar os verdadeiros desafios da vida? Como eu poderia entrar na confusão dos relacionamentos e me agüentar ali com o poder de fazer o bem, quando sei como realmente sou? Minha única esperança é ficar tão longe daquilo com que não posso lidar, que nunca seja exposto o homem inadequado que sou. O melhor que posso fazer é encontrar algo que eu possa fazer bem e dedicar-lhe todas as minhas energias.”

Os homens que guardam segredos vivem apavorados com a possibilidade de serem descobertos. Mas, há outra coisa que os aterroriza mais: o medo menor – revelação de algo que eles sabem e que ninguém mais sabe – às vezes os protege de terem de enfrentar o medo maior. Como o homem tão preocupado com o tornozelo torcido que não nota a dor no peito, os homens podem focalizar a atenção no que estão escondendo a fim de não terem de enfrentar algo muito pior.

Quando o homem conta seus segredos, sua primeira reação, freqüentemente, é de alívio. Mas logo ele se conscientiza de um medo mais profundo. Os homens sem segredos enxergam muito mais claramente a natureza apavorante da existência, sua profunda incontrabilidade, e seu poder de destruir qualquer sonho. Quando ultrapassamos os nossos segredos, aos quais estamos apegados, eles parecem triviais à luz do que então começamos a enfrentar.

Lentamente (às vezes demora anos), nos conscientizamos de um buraco negro escancarado à frente que ameaça nos tragar em suas profundezas. As pressões cotidianas da vida – contas por pagar, filhos rebeldes, conflitos relacionais – parecem apenas a ponta de um iceberg. Algo mais está de tocaia por baixo, uma força sinistra, que está providenciando para que nossas vidas desabem ao nosso redor e nos deixem na miséria, sozinhos, sem nenhuma esperança de escape.

Guardar segredos é covardia. Isso ajuda a nos manter afastados do desafio, muito mais significativo, e que confronta todo homem, de olhar para dentro da escuridão de uma vida que não faz sentido e, nessa escuridão, mover-se com alegria. Os homens que guardam segredos jamais encontram a coragem de olhar para o mistério da vida. Eles não estão à altura do primeiro elemento do chamado à masculinidade.

Efeito 2: Os segredos encorajam o isolamento, dificultando ver a mão de Deus na comunidade e, portanto, dando aos homens, menos do que se lembrar.

O isolamento é talvez o efeito mais óbvio de quem guarda segredos. Sentimo-nos sozinhos, desligados, deslocados, estranhos, numa turma à qual queremos pertencer. Os segredos criam distância entre as pessoas.

Quando eu era adolescente, sofri com um caso grave de acne no peito. Por mais de um ano, coloquei gaze com remédio sobre uma ferida aberta em formato de retângulo, de uns dez por quinze centímetros. Ninguém, fora da minha família (exceto o médico que me tratava), conhecia o segredo que eu mantinha escondido sob a camisa. Antes e depois da aula de ginástica, eu me trocava rapidamente, de frente para a parede enquanto abotoava a camisa. Nunca tomei banho na escola.

Fiz o que foi preciso para manter o meu segredo. E essa tarefa era muito mais significativa para mim do que envolver-me em oportunidades sociais. Em todo grupo, eu tinha consciência de estar escondendo algo que, se descoberto, me colocaria à parte como alguém: diferente, desfigurado, um chato com

quem era difícil de se conviver. Eu jamais relaxava o suficiente para estar despreocupado num grupo, agindo com uma naturalidade que eu ansiava sentir.

O mesmo acontece com todo homem que guarda segredos, que vive para evitar a revelação daquilo que teme o rotule como um intruso. Então, o que ele teme lhe sobrevêm. E ele se encontra sozinho, isolado da comunidade na qual deveria se inserir. E isso acontece não apenas na comunidade com as pessoas mas, também, na relação desses homens com Deus.

A graça possibilita colocar-nos desembaraçadamente na presença de Deus. Ela restaura o sonho de pertencer ao lugar a que mais se deseja pertencer. Mas, os homens que guardam segredos nunca concretizam essa oportunidade. Qualquer que possa vir a ser a sua postura externa, seu homem interior está sempre olhando para baixo, longe da possibilidade de contato com os olhos de qualquer pessoa, especialmente com os olhos de Deus.

O efeito é sério. Os guardadores de segredos sentem que alguma parte de si permanece desligada, não apenas durante as conversas rotineiras, mas também, quando o tópico se volta para coisas espirituais. Esses homens se sentem mais como bisbilhoteiros do que como participantes; como um garoto pressionando o rosto contra a vitrina de uma confeitaria fechada. Eles recebem pouco conforto de pensamentos sobre Deus e nem orações ou estudos bíblicos fazem conexão com a fome em seu íntimo.

Esquecer-se de Deus torna-se um modo de vida tão natural e tão necessário quanto respirar. Lembrar-se de Deus, pensar sobre Ele, falar com os outros sobre Ele, parece difícil e forçado. Pensamentos sexuais ou discussões sobre o último jogo de futebol se ligam muito mais poderosamente com algo lá dentro. E manter Deus fora de nossas mentes facilita bastante gozar nossos pecados secretos.

Homens com segredos não se lembram de Deus da maneira como Ele deseja ser lembrado. Assim, deixam de manter viva a lembrança de Deus em si ou de passá-la adiante aos outros. Eles não estão à altura da segunda parte de seu chamado para serem homens.

Efeito 3: Os segredos corroem a confiança, roubando aos homens a alegre participação de se moverem com poder para restaurar a ordem e liberar a beleza na comunidade que os cerca.

Este terceiro efeito, resultante do ato de se guardar segredos, dificulta, aos homens, até mesmo se imaginarem adentrando poderosamente na vida de outra pessoa.

Entre suas virtudes inigualáveis, o Evangelho "...purificará a nossa consciência de atos que levam à morte" (Hb 9.14). Ele tem o poder de silenciar nossos acusadores, de fechar a boca daquele que se deleita em nos relembrar os fracassos que mais gostaríamos de esquecer. Uma consciência pesada emite uma mensagem destrutiva que dificulta ouvir o Espírito sussurrar Sua mensagem vitalizadora: "Você pertence a Cristo. Tão completamente estão perdoados os seus pecados que o Pai não consegue Se lembrar deles. Eu vim residir dentro de você a fim de lhe dar poder para tornar-se semelhante ao Filho e promover os propósitos do Pai. Regozije-se. Você tem razões de sobra para cantar!"

Guardadores de segredos ouvem uma mensagem muito diferente, que às vezes pensam estar vindo do Espírito: "Você ainda é uma bagunça. Deveria estar muito mais adiantado a esta altura. Estou desgostoso quase a ponto de desistir de você. A única evidência de criatividade em sua vida é sua capacidade de descobrir novas maneiras de fracassar!"

Com essa mensagem retinindo em seus ouvidos, esses homens se recusam em mover-se para qualquer lugar sem um código, sem algum plano fácil de seguir que lhes prometa sucesso. Eles se refugiam teimosamente na esfera de administração, determinados a ficar longe do mistério, confiantes apenas em sua percepção de que não têm sabedoria para enfrentar os desafios profundos da vida.

Homens com segredos não adentram o mistério dos relacionamentos. Eles não vêem razão para isso. Entendem que isso apenas os levaria ao fracasso. Eles, portanto, não estão à altura do terceiro elemento do chamado dos homens.

COMPARTILHANDO SEGREDOS COM UM IRMÃO

Homens com segredos não podem vivenciar seu chamado. Nenhum homem deveria viver no isolamento da vergonha. A Bíblia é clara: devemos confessar nossos pecados uns aos outros. Essa instrução é acompanhada do lembrete de que *“A oração de um justo é poderosa e eficaz”* (Tg 5.16).

Note que Tiago refere-se a um justo e não a diversos justos. Talvez ele esteja nos encorajando a confessarmos nossas faltas a indivíduos, não, necessariamente, a grupos. Seja isso, ou não, o que a passagem sugere, a maioria das pessoas concordaria que uma abertura indiscriminada não seria bom. Mas, uma boa coisa é encontrar um homem com quem você possa se abrir totalmente, alguém com quem você possa andar, lado a lado, na sua jornada rumo ao lar, sem nenhum segredo entre os dois.

Naturalmente, ninguém pode ter qualquer segredo diante de Deus. *“Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas”* (Hb 4.13). E somos convidados, mesmo com cada segredo exposto a Deus, a nos aproximarmos dele *“...com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade”* (Hb 4.16).

O fato de que a graça de Deus O libera para nos aceitar, ainda que em nós mesmos sejamos inaceitáveis, deveria afetar a maneira como nos relacionamos na comunidade cristã. O corpo de Cristo deve refletir fielmente o Seu caráter.

Algo acontece no interior de um homem, quando este revela, a outro homem, coisas não muito agradáveis sobre si. Quando contamos nossos segredos a um irmão, algo acontece em nós, que não nos acontecerá de nenhuma outra forma. Derramar nossos corações diante de Deus é fundamental. Mas, apresentar-nos como realmente somos, com cada segredo revelado a outro ser humano, nos coloca em contato com o poder libertador da graça de Deus, de uma maneira que nenhum guardador de segredos jamais conhecerá.

Quando o homem toma outro homem como confidente, quando dois homens caminham juntos e concordam que somente pecado não confessado e segredos bem escondidos, podem nos colocar fora do alcance da graça santificadora, três mensagens revitalizadoras são ouvidas:

1. "Nada que você seja ou já tenha feito o condena à derrota. O braço de Deus é longo o suficiente para alcançar dentro do mais profundo buraco negro e forte o bastante para soerguê-lo dali. Nós caminharemos juntos, com coragem de enfrentar a vida honestamente e nada nos poderá ser tirado. Juntos, olharemos para dentro da escura e apavorante confusão da vida.
2. "Você tem algo poderoso a dar. Seus segredos não definem você. Por baixo de seu pior fracasso e mais profundo ferimento está um homem, um portador da imagem de Deus, que pode conhecer a Deus e revelá-Lo somente em comunidade. Com esperança e alegria, você pode erguer o olhar para o rosto de Deus. Pode se lembrar d'Ele e passar a lembrança adiante, até essa lembrança dar lugar à realidade deslumbrante da Sua presença. Você tem algo a dizer. Eu também. Juntos buscaremos conhecer a Deus e concretizar a visão que Ele tem para as nossas vidas."
3. "Há um chamado para a sua vida que nenhum segredo pode remover. Deus fez a escolha mistificante de operar através de fracassos redimidos. E continuamos a fracassar; mas somos homens com um apetite por Deus, um apetite que nos faz continuar adentrando a escuridão, onde Ele pode ser mais plenamente conhecido e mais plenamente revelado. Somos homens chamados por Deus para restaurar a ordem de Seu desígnio e liberar a beleza de Seu caráter até o dia em que Ele nos deixará estupefatos com toda a ordem de um novo mundo e com a beleza de Cristo revelada em Seus filhos. Até então, juntos falaremos para dentro da realidade escura deste mundo, em favor d'Ele."

Precisamos buscar, em oração, um homem para ser nosso irmão. Mas, ainda mais, precisamos buscar em oração, sermos um irmão para outro homem.

Há um reservatório de poder intacto na comunidade cristã. Parte desse poder só será liberado quando os homens se tornarem irmãos.

O SONHO RESTAURADO: UMA GERAÇÃO DE MENTORES

Ser otimista em um mundo decaído quase sempre é perda de tempo. Embora o desânimo não seja o antídoto certo, ainda precisa ser dito que pessoas com uma postura confiadamente animada são, muitas vezes, ingênuas. E sua ingenuidade pode ter uma característica de teimosia que dá a impressão de ser mais uma escolha do que um acidente de temperamento.

Nos círculos cristãos, o otimismo é tipicamente edificado sobre a idéia de que o propósito central de Deus é o de nos abençoar com o tipo de vida que desejamos ou transformar a cultura num ambiente mais acolhedor para os cristãos. Os conselheiros se especializam em solucionar nossos problemas e aliviar a nossa dor. Os líderes cristãos nos dizem que nossas orações, ativismo e influência, combinados, farão nossa nação mudar de rumo e introduzirão uma sociedade piedosa. Ambos os grupos podem ser culpados de nos distrair do verdadeiro chamado de Deus.

Nossas vidas individuais e as nossas comunidades cristãs é que precisam mudar de rumo. Precisamos aprender a continuar servindo a Cristo, quando os problemas vêm e a nos achegarmos mais a Ele, em meio a um sofrimento sem tréguas. Qualquer influência que tenhamos sobre a cultura deve ser produto de uma profunda paixão por Deus, uma paixão que nos transforme em pessoas atraentemente diferentes e nos mantenha

lutando, juntos, em uma comunidade que é imperfeita mas, genuinamente, amorosa.

Promover causas sociais é muito mais fácil do que encontrar a Deus. Lutar por padrões cristãos, às vezes, parece envolver uma beligerância que compromete a humildade, ou, uma agressão, que se disfarça em coragem. E trabalhar para vencer nossos problemas pessoais requer menos de nós do que buscar a Deus de todo o coração. Nem promover causas sociais, nem solucionar nossos problemas desperta o tipo de auto-consciência que nos faz saber que o verdadeiro problema está dentro de nós.

Tornar-nos pessoas piedosas não é uma questão simples, a menos que se defina piedade como simplesmente evitar o pecado óbvio (e conseguir que os outros façam o mesmo) ou como solucionar nossos problemas de modo que os sentimentos agradáveis retornem – sentimentos estes que, então, poderemos chamar de vitória.

Mas, quando a piedade é compreendida como algo para se desenvolver uma paixão por Deus – que transforma continuamente a maneira de nos relacionamos com os outros – ela nos torna dispostos a adiarmos o conforto pessoal para uma data posterior. Essa piedade desperta, em nós, o desejo de conhecermos a Cristo, que é mais forte do que qualquer outro desejo e nos mostra que, nós mesmos, somos os nossos maiores inimigos. Assemelhar-nos a Cristo torna-se uma ambição que nos consome.

A grande necessidade de nosso dia não será obtida pelo treinamento de mais conselheiros. Não será suprida por líderes nos chamando para nos juntarmos à luta contra a poluição moral da nossa sociedade.

A maior necessidade em nosso mundo, hoje, é simplesmente esta: homens e mulheres piedosos que possuam e demonstrem uma qualidade de vida que reflita o caráter de Deus e que desperte curiosidade nos outros, sobre como eles também podem conhecer bem a Deus.

Se pudermos reconhecer o caminho que leva à maturidade espiritual, se pudermos identificar e responder ao apetite por Cristo, colocado em nós pelo Espírito de Deus, então, talvez

daqui a trinta anos, meu sonho de uma geração de mentores possa se concretizar. Pense nisso! Pais e mães espirituais, irmãos e irmãs piedosos, criando comunidades de pessoas que se importam com os de fora e atraem os que estão fora do círculo para algo que eles jamais conheceram, mas sempre quiseram. Comunidades de pessoas, cuja paixão por Cristo é mais forte do que os seus rancores, sua competição por reconhecimento e seus sentimentos de ciúmes. Cristãos, que por longas temporadas tiveram como mentores pais e mães espirituais e que, como resultado, estão tão consumidos pelo desejo de conhecerem melhor a Cristo que agüentam firmes, através da confusão da vida em comunidade e nunca desistem de si mesmos ou dos outros, porque sabem que Cristo não desistiu – e nunca o fará. Eles O viram em seus mentores.

Como seria a Igreja se os homens comesçassem a falar? Se fôssemos quebrantados pela pecaminosidade de nossos padrões pouco viris de relacionamento e estivéssemos dispostos a desistir de nosso status de peritos e pagar o preço de nos tornarmos presbíteros? O que aconteceria, em nossas comunidades eclesiais, se os homens da liderança ultrapassassem sua força natural – sua capacidade de administrar ministérios – e em dependência de Deus, liderassem suas congregações na direção de uma visão inspiradora? Que movimento do Espírito poderia ocorrer se, em cada igreja, uns poucos homens apaixonados por Deus atraíssem outros a buscarem inflexivelmente a Deus? O que aconteceria se muitos desses homens, então, se relacionassem, uns com os outros, com uma abertura que levasse a prosseguirem lutando juntos?

Qual seria o impacto sobre as famílias se os homens enfrentassem, corajosamente, a apavorante confusão no mundo e, então, se lembrassem de Deus o suficiente para sábia e poderosamente adentrarem os seus relacionamentos?

O que ocorreria nos corações das mulheres se os homens tivessem uma visão para suas esposas, filhas, irmãs, mães e amigas, uma visão que eles buscassem com uma força mansa e uma paixão poética, que nenhuma mulher tivesse o poder de deter?

Nossa cultura está buscando tudo, menos encontrar a Deus. É mais benéfico usar Cristo do que conhecê-Lo. Nós O usamos para nos sentirmos melhor, para desenvolvermos um plano que faça a vida funcionar, para continuarmos com a esperança de conseguirmos tudo o que achamos que precisamos para sermos felizes. Raramente O adoramos.

Um senhor de oitenta e quatro anos quis conversar comigo depois que preguei numa conferência bíblica. Eu o vi esperando, enquanto eu conversava com um grupo que se havia reunido. Quando os outros saíram, encaminhei-me rapidamente até aquele senhor baixo e idoso. Ele colocou ambas as mãos nos meus ombros e me contou uma história: “Dr. Crabb, tenho oitenta e quatro anos de idade. Cinco anos atrás minha esposa morreu, após cinquenta e um anos de um bom casamento. Não posso expressar a dor que sinto toda manhã enquanto tomo café sozinho à mesa da cozinha. Já implorei a Deus que alivie a terrível solidão que sinto. Ele não atendeu à minha oração. A dor em meu coração não sumiu. Mas...” e aqui o senhor parou e olhou além de mim enquanto continuava “...Deus me deu algo muito melhor do que o alívio da minha dor. Dr. Crabb, Ele me deu um vislumbre de Cristo. E isto vale tudo. Sempre que pregar, enfatize Cristo!”. Ele se voltou e saiu.

Como é triste gastarmos nossa energia consertando problemas, aumentando a auto-estima, recuperando-nos da vergonha, dominando a ira e encontrando maneiras de sermos livrados da escravidão espiritual. Nenhuma dessas coisas é errada, em si, mas elas precisam ser a extensão de uma fascinação por Cristo. Uma fascinação por Cristo muda a maneira como fazemos tudo o mais.

Já não precisamos procurar fórmulas quando estivermos confusos, ou “distrações sobrenaturais”, quando entediados. Já não precisamos exigir garantias para aliviar o horror da incerteza, ou nos manter ocupados de modo que nunca precisemos ficar sozinhos com a nossa própria pessoa. Já não precisamos pedir da vida algo que ela não pode nos dar.

Desilusões com a igreja, desânimo com nossas vidas e decepções com os outros são, todos, produtos da enfermidade

central da cultura ocidental: exigimos a satisfação de uma vida que esteja funcionando bem. O sofrimento é algo a ser aliviado. Problemas são coisas a serem consertados. Emoções desagradáveis devem ser substituídas pelas agradáveis.

As pessoas que nos persuadem, que sabem como aliviar o sofrimento, consertar problemas e mudar emoções indesejáveis se tornam nossos líderes, peritos que conseguem nossa atenção porque eles nos dizem que nossos sonhos de uma vida melhor podem ser realizados (Jr 29.8). Nestes últimos dias cheios de amantes do ego, que tratam o ódio ao ego como o maior dos pecados, temos reunido um grande número de mestres ao nosso redor, mestres que nos dizem o que os nossos ouvidos, que coçam, querem ouvir (2Tm 4.3).

Nossa cultura está se movendo na direção errada. Estamos numa fuga determinada, frenética, de Deus. Pascal, certa vez, escreveu:

“Quando tudo está se movendo ao mesmo tempo, nada parece estar se movendo, como à bordo de um navio. Quando todos estão se movendo rumo à depravação, ninguém parece estar se movendo mas, se alguém parar, desmascara os outros que estão disparados, por agirem como um ponto de referência”¹⁴.

Permanecer parado, como resistência a um momento cultural errado é o início de um bom movimento. Expor o movimento de “fuga de Deus”, permanecendo imóvel o suficiente para ouvi-Lo contar a Sua história, é o chamado de um presbítero, um mentor, um pai espiritual, um homem que se move rumo a Deus e aos outros.

Talvez, uma segunda Reforma construa sobre o fundamento da primeira, levando-nos a conhecer a Pessoa que é a nossa justificação. Quem sabe, ela venha através de uma mudança – da dependência de peritos que conhecem princípios para uma vida eficaz, à sábia ponderação de presbíteros que conhecem a Cristo. Tenho esperança de que Deus faça uma obra nova em nossas igrejas. Uma obra silenciosa mas profunda, que leve os homens a conhecerem a Deus, bem o suficiente, para serem pais dos que

seguem os seus passos e, irmãos, dos que caminham ao seu lado, pela estrada que leva à verdadeira maturidade.

O chamado à autêntica masculinidade jamais será popular. É um chamado à solidão, à doação sem apreciação, ao sofrimento como meio necessário para se obter sabedoria. É um chamado a aceitar – sem queixa ou temor – que as partes mais importantes da vida são confusas, um chamado a desligar a luz artificial suprida pelos peritos e adentrar à escuridão da luz de Deus¹⁵. É um chamado a um cansaço tão profundo que a exortação a que se continue no bem-fazer parece cruel.

Os homens que respondem a esse chamado, que almejam se transformar em pais e irmãos, devem estar dispostos a pagar um preço tão tremendo que somente um vislumbre claro de Cristo os fará continuar. Primeiro, o preço inclui uma disposição de enfrentar batalhas a vida toda: batalhas contra a lascívia, onde a vitória deve ser definida como uma resistência – nem sempre redução – de impulsos poderosos; batalhas contra fricção nos relacionamentos que às vezes não podem ser compreendidos e, ocasionalmente, terminarão na tristeza da ruptura; batalhas contra um desânimo tão pesado que ameaçará deter todo bom movimento.

Segundo, o chamado à masculinidade requer uma disposição de agarrar-se ao que Deus diz, durante os longos períodos em que não há qualquer evidência que demonstrem visivelmente a sua verdade.

E terceiro, o preço de seguir o chamado envolve uma disposição de ser reduzido a um nível de humildade no qual não somos capazes de nenhum movimento para com os outros, um nível no qual a única coisa que podemos fazer é permitir que os outros orem por nós.

O caminho que leva à masculinidade é difícil – mas vale cada passo. Ele oferece significado que não é encontrado em nenhum outro lugar. Há temporadas de contentamento e momentos de júbilo que nos levam acima do que o homem decaído jamais imaginou chegar. Por vezes, que não podemos prever nem controlar, o Espírito de Deus afasta a cortina e enche nossos olhos com uma visão de Cristo que nos permite dizer com Paulo: *“...pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos*

estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles” (2Co 4.17).

Os conceitos apresentados neste livro podem parecer abstratos. Para os homens que exigem um código, eles necessariamente produzirão frustração. Mas, para os muitos homens que anseiam por uma experiência mais rica da sua masculinidade, esperamos que estes conceitos guiem esse anelo rumo à sua realização.

Num esforço de colocar um pouco mais de carne sobre o esqueleto, encerramos nosso livro continuando as histórias pessoais que cada autor iniciou na abertura do mesmo. Compartilhamos brevemente algo da continuação das nossas jornadas rumo ao tipo de masculinidade que descrevemos nestas páginas. Que, ao ler estes capítulos finais, o seu desejo de conhecer a Cristo se aprofunde até ultrapassar todas as outras paixões. E que vocês possam mover-se ao longo do caminho de se tornarem pais e irmãos, homens espirituais, que se desenvolvam em uma geração de mentores.

A história continua

AL ANDREWS

Estudei piano por sete anos antes de começar a ter aulas com o Sr. Buelow. Meus outros professores haviam sido competentes ao me ensinarem o básico e, conquanto ele também enfatizasse isso, estava interessado em algo mais. Certo dia, ao término de uma lição, ele me pediu que eu decorasse sete ou oito peças curtas de um pequeno álbum de música. Quando voltei, algumas semanas depois, tendo decorado as peças, toquei-as para ele.

Depois que terminei, ele comentou que tecnicamente eu estava correto no que toquei. Eu havia tocado as peças conforme elas tinham sido escritas. Entretanto, segundo ele, alguma coisa estava faltando: – Você não tocou a música com sentimento – disse – Toque as peças da maneira como você acha que o compositor queria que elas fossem tocadas.

Para um garoto de treze anos, tais afirmativas poderiam ser facilmente descartadas como “esquisitice de adulto”, ou excêntrica de um professor de música, mas a firmeza em sua voz me convenceu a fazer mais uma tentativa.

Não muito depois que comecei a segunda tentativa, ele me deteve: – Não é assim. Tente de novo! – Nova tentativa. Outra ordem de parar, desta vez, com mais ênfase: – Toque a peça com o coração. Toque com paixão!

Frustrado, mas, mais determinado, fiquei ali por um momento, olhando o teclado como que implorando às teclas que me ensinassem a tocar. Pensei por um momento, coloquei os dedos sobre as teclas, inclinei-me sobre o piano, e toquei.

Enquanto eu viver, jamais me esquecerei daquele momento. Uma música diferente saiu do piano. Uma paixão diferente foi liberada de dentro de mim. – É isso aí! – ele gritou – Isso mesmo! Você conseguiu!

Finalmente eu o compreendi. Agora, eu sabia o que estava querendo dizer. Então, continuei tocando. Continuei tocando exuberantemente e, desta vez – deleitado com a alegria de meu professor –, com muito mais paixão e liberdade.

Foi um dia maravilhoso. Um dia em que algo profundo dentro de mim foi liberado e, o resultado, foi música – uma música rica e apaixonada da alma. Algumas semanas depois eu parei de estudar...

O dia em que desisti tem-me atormentado por anos. Ao ver outros tocarem piano, tenho desejado que pudesse ser eu. Arrependi-me da decisão. Mas na época, desistir era o único caminho possível.

A que levava esse caminho? Por que – após experimentar algo tão intenso quanto maravilhoso – eu pararia? Por que eu deveria cuidar que um momento passional não se repetisse? Por que bater em retirada, quando um mentor bom e talentoso me forçou além das esferas que eu conhecia para atingir maiores alturas? Ao pensar sobre possíveis respostas a essas perguntas, tenho descoberto que três delas são básicas, sobre como eu tenho vivido a minha vida.

A primeira é óbvia: eu estava com medo. Será que eu temia o fracasso? Em parte, sim. Mas, provavelmente, eu estava mais era com medo de perder o controle. Mesmo com aquela pouca idade, eu havia trabalhado com afincos para tornar a minha vida tão ordeira e previsível quando possível. Eu não me metia em discussões, nem me atirava a coisa alguma com muita paixão. Eu queria viver sem muitos altos e baixos, sempre sabendo o que esperar. Embora eu, talvez, não obtivesse muitos sucessos, também não experimentaria muitos fracassos.

Tocar a música que não estava na partitura poderia me levar a uma esfera inexplorada, a um lugar mais perigoso e arriscado. Eu queria viver a minha vida como se ela fosse uma partitura do álbum de músicas: as notas estão ali, as instruções estão ali, o começo e o fim são conhecidos. Quando eu me movi do previsível e entrei em algo mais caótico, havia maior probabilidade de minha incompetência ser exposta. Era mais provável que eu fizesse papel feio; haveria uma possibilidade maior de fracasso. Como a maioria dos homens, não gosto dessa revelação. É melhor seguir as notas, tocar segundo as regras, e passar incólume. Evitar o risco. Ficar longe do caos.

A segunda razão pela qual desisti é um pouco mais sutil. Se eu me saísse bem, mais seria exigido de mim. Eu tinha visões de peças mais difíceis, mais recitais, mais trabalho, mais expectativas. Era um peso e uma pressão que eu não desejava e de que certamente não precisava. Se eu permanecesse medíocre, não teria de me preocupar com aquilo. Eu não me destacaria.

A terceira razão pela qual desisti não é óbvia, mas é muito real. Eu odiava a minha paixão. Eu sabia que ela introduziria coisas desagradáveis em minha vida. O que é verdadeiro sobre o pianista também é verdadeiro sobre o discípulo, o amante, o atleta, o artista, o escritor. Se ele se sair bem, vai sofrer. Esse sofrimento será experimentado tanto em perseguição quanto em solidão. Se o homem se destacar por sua paixão, embora alguns gostem dele, muitos o odiarão. Ciúmes e inveja são liberados na presença da excelência. Mas o mais importante, as paixões profundas do homem tocam algo do Céu, uma amostra de como será um dia. Com essa amostra vem a solidão de ser um peregrino que ainda não chegou em casa mas que anseia por ela. Ao ansiar, ele sente uma fome insaciável que não será satisfeita nesta vida.

Dói viver com fome. É doloroso ter saudades de casa. Se eu viver sem paixão, fazendo um trabalho que dá apenas para o gasto, então não me magoarei e não sofrerei.

Eu sabia tudo isso quando parei de estudar piano? Claro que não. Na época, minha desculpa foi a de que eu queria tocar corneta na banda do colégio. Foi apenas em retrospecto que vi

minha desistência, não como um movimento na direção de outro instrumento mas, antes, uma fuga de outra coisa. Seja o que for que eu tenha sentido naquela tarde, aquilo era perigoso demais. O desconforto que ele trouxe obscureceu o regozijo. Era demais e, meu temor, fez com que eu me sentisse oco.

Por grande parte da minha vida, tenho sentido aquele lugar vazio dentro de mim. Algo estava faltando em mim. Era como se eu tivesse sido feito em alguma linha de montagem cósmica e alguém tivesse se esquecido de colocar uma peça crítica. Tenho procurado diligentemente achá-la. Eu a procurei em seminários e ouvindo cuidadosamente, à procura da palavra ou frase que me deixaria completo.

Estudei livro após livro, esperando que alguma gema de sabedoria saltasse da página. Tenho usado amigos apaixonados, talentosos, na tentativa de conseguir deles algo que eu achava que não tinha, esperando absorver, dentro de mim mesmo, o que quer que fosse que eles pudessem me dar. Mas, minha busca tem sido em vão. A peça que falta ainda permanece um mistério.

Quando falo com outros homens sobre a minha busca, a maioria reconhece a minha procura como sendo também a sua. “Eu sei do que você está falando”, dizem eles, com um toque de alívio na voz. “Eu achava que era o único!” Embora suas histórias sejam diferentes, cada uma delas fala com eloquência sobre algo que está faltando dentro de si. A busca da peça que falta é variada mas, o que eles encontram para preencher o seu próprio vazio, funciona apenas por pouco tempo. E eventualmente falha.

Minha história reflete uma realidade que está presente em cada homem. Há algo dentro de todos nós que anseia vir à tona. É uma coisa tão apaixonada quanto criativa. Não precisa ser aprendida. Não precisa ser criada: já o foi. Está inserida nos homens, desde o nascimento, esperando o momento de ser liberada e quando isso acontece é apavorante. Eu sei disso agora, mas, por muitos anos, não o soube.

De vez em quando, eu sabia que havia algo dentro de mim que raramente era visto, algo que tirava a cabeça para fora quan-

do eu tinha fortes sentimentos sobre alguma coisa, quando eu defendia algo em que acreditava, quando realizava uma tarefa difícil, quando eu enfrentava uma situação difícil e vencia. Mas por ser tão rara, essa explosão ocasional era mais frustrante do que animadora. Ela apenas comprovava meu senso de futilidade. Somente quando eu tinha cerca de trinta e cinco anos foi que experimentei algo mais.

No Verão de 1989, desci de um avião em Nashville, Tennessee, para me encontrar com Nita Baugh. Essa era a segunda vez em que eu concordara em sair com alguém que não conhecia. A primeira vez, na faculdade, fora um desastre. Embora eu tivesse jurado que “Nunca mais!”, a insistência de um amigo casamenteiro, em quem eu confiava, me convenceu a fazer outra tentativa.

Desde o momento em que nos encontramos no aeroporto, ambos sabíamos que havia algo diferente. Não era amor à primeira vista, mas ambos reconhecemos uma conexão instantânea.

Durante o fim-de-semana que se seguiu, velejamos num lago varrido pelo vento, desfrutamos longas conversas enquanto tomávamos café, jantamos num romântico restaurante italiano e nos absorvemos na companhia um do outro.

Senti-me cativado por aquela mulher. Por mais que tentasse, não conseguia achar nada errado com ela, algo que me desse uma desculpa para sair correndo. Certa noite, durante aquela primeira visita (que durou diversos dias), acordei subitamente no meio da noite. Meu coração estava disparado e eu suava em bicas.

Com o pânico veio um conhecido sentimento de terror. “Estou cometendo um erro”, pensei. “E se ela não for a pessoa certa? Preciso cair fora daqui!” Eu tivera esse tipo de pensamento antes e, eventualmente, sentira esse pânico em todos os outros relacionamentos que tivera com uma mulher.

Em cada uma das vezes tais sentimentos fizeram eu me afastar. Eu tinha presumido que eles eram uma indicação de que havia algo errado com os relacionamentos. Eram sinais de alerta que precisavam ser obedecidos. Mas, os sentimentos nunca haviam surgido apenas dois dias depois do início do relaciona-

mento. Era cedo demais! Se eu tivesse tido acesso a um carro naquela noite, poderia ter tentado fugir para o aeroporto. Sem ter nenhum, resolvi orar.

Pedi a Deus que removesse a minha ansiedade. Ele não o fez. Pedi que me desse um sinal. Ele permaneceu calado. O pânico continuou noite adentro. Foi um tempo angustiante e assustador.

Após algum tempo e lutas e de espera, algo muito novo saiu de dentro de mim. “Estes sentimentos não fazem sentido!”, berrei. “Estou com trinta e quatro anos e enjoado de fugir das mulheres. Estou sozinho porque meu pânico sempre ganha. Eu gosto dela e, desta vez, não vou fugir!”. Eu travava uma batalha e sabia disso. Sabia, também, que a luta que eu estava tendo era maior do que esse relacionamento. Envolvia algo mais. Envolvia minha obstinação, meu medo de me mover, minha falta de disposição de correr riscos, minha tendência de fugir da paixão.

Meu pânico, embora significativo e forte, não tinha um fundamento real. Os temores eram uma desculpa conveniente que eu usava a fim de permanecer imóvel. Eu me sentia atraído por Nita, e havia gostado do fim-de-semana. Eu estava fascinado com ela e queria estar em contato com ela. Não queria bater em retirada impelido por um temor inexplicável, que era mais útil do que verdadeiro.

Aquela noite, fiz uma oração diferente. Eu confessei minha própria covardia e o dano que eu tinha causado aos outros por ser assim. Orei para saber como lutar contra meu desejo de fugir e para aprender a amar. Acabei adormecendo, após estas orações e quando acordei, na manhã seguinte, estava decidido a iniciar um novo compromisso. Seis meses depois Nita e eu estávamos noivos e em um ano nos casamos. O pânico nunca voltou. Isso me surpreendeu.

Nesta história, não estou oferecendo uma diretriz para os homens temerosos seguirem. Não estou dizendo que há uma certa oração que liquidará todo medo. Muitos têm orado orações semelhantes e falado palavras fortes de intenção, apenas para se descobrirem mais ansiosos do que nunca.

Não sei com certeza por que minha ansiedade me deixou. Mas sei que fiz uma escolha diferente, uma mudança marcante das direções anteriores. A escolha foi a de mover-me, a despeito do medo, adentrando a escuridão caótica, emocionante e arriscada dos relacionamentos. Isso envolveu a crença de que realmente havia algo mais em mim a ser liberado.

Os resultados nem sempre têm sido gloriosos. Há horas em que ainda me refugio no velho modo de vida, quando deixo de me mover e em vez disso retorno a padrões fracos e previsíveis. Mas houve uma mudança.

Duas imagens têm guiado a minha vida: a do jogador-mirim que tinha medo de rebater a bola e a do pianista que desistiu quando sentiu paixão. São imagens que refletem tanto a utilidade do medo quanto a tranquilidade da escolha de nada arriscar.

Tenho vivido com os resultados que essa escolha produz: sentimentos de incompetência, solidão e insegurança. Se não tivesse havido nenhuma mudança eu teria vivido minha vida como um derrotado. Mas houve uma mudança e um desejo por algo mais.

Afinal, o que fez a diferença? O que me levou a começar a me mover? Não foi uma resposta a um desafio inspiracional, tampouco reação a uma astuta percepção sobre a masculinidade. Na verdade, foi a conscientização de que eu era um homem que estivera em um lugar distante.

Sou um filho pródigo. Entretanto, minha jornada não me levou a um país estrangeiro para gastar toda minha herança numa vida tresloucada com bebidas fortes e mulheres sedutoras. Vivi muito mais aceitavelmente. Minhas viagens me levaram a uma terra de segurança, onde servi aos deuses da previsibilidade e da falta de paixão. Por algum tempo, usufruí aquela vida mas, então, as dores da fome começaram a irromper através da aparente secularidade da vida que eu escolhera.

Como o filho pródigo da Bíblia, a coisa que me trouxe para o lar foi a fome: a fome de ser um homem pleno. Eu queria refletir a imagem do Pai, ser profundamente investido, profundamente apaixonado e ardentemente imprevisível. Minha volta envolveu a confissão de que eu havia escolhido outro

caminho, que eu sentia muito o dano que causara e que eu ansiava por estar em casa com meu Pai. Tornar-me homem requer que eu volte ao lar vez após vez.

Alguns meses atrás, quando completei quarenta anos, minha esposa me surpreendeu presenteando-me com um piano. E ela me deu uma partitura da música que eu estava tocando anos atrás, quando parei. Quando o piano chegou, sentei-me no banco e fitei as teclas novas, brancas, brilhantes. Nita e Hunter, nosso filho de sete meses, sentaram-se ao meu lado quando comecei a tocar. Desta vez, eu senti a música, gozei-a e soube que não fugiria mais. Em lágrimas, Nita também gozou a música, sabendo tudo o que ela representava. Hunter, perplexo com aqueles sons novos e estranhos, sorriu para nós o seu sorriso alegre e banguela.

Amo a minha família. Amo as pessoas e amo a Cristo. Portanto, não desejo correr. Prefiro mover-me com coragem a fim de contar – através da minha vida – a história da redenção. Sei que ainda tropeço e sei que irei, novamente, por algum tempo, para terras longínquas. Mas, agora sei que a música apaixonada e o banquete suntuoso da casa de meu Pai, me chamarão de volta para casa todas as vezes, até que eu esteja lá para ficar.

DON HUDSON

"Se as pessoas trouxerem tanta coragem a este mundo que o mundo tenha de matá-las para quebrá-las, então é claro que ele as matará. O mundo quebra a todos e, depois disso, muitos ficam fortes nos lugares quebrados."

Ernest Hemingway, Adeus às Armas

Ele era o garotinho que eu nunca quis. Talvez eu deva explicar. Não que eu deteste crianças. Nem as considero uma intromissão. Pelo contrário, a maior parte da minha vida, sonhei com filhos. O problema era que por mais que eu quisesse me casar e ter filhos, nunca achei que fosse possível para mim. Como eu poderia ser pai se não cresci com meu pai?

Ao crescer, sempre me vi como inadequado e defeituoso – como um objeto quebrado. E agora, ter um filho, seria um lembrete minuto-a-minuto de minhas deficiências. Como seria possível eu dar algo a uma criança, se em primeiro lugar, eu nada tinha para dar?

Nosso filho nos foi dado, a despeito das dúvidas que eu tinha a meu próprio respeito. Ele nasceu depois de quatro anos e meio de casados e recebeu o nome de Donald Michael Martin Hudson. Nós o chamamos assim para que ele tivesse os nomes do pai e dos dois avós. Se você recordar a minha história, lembrará que troquei de nome com seis anos de idade. Nomes são importantes para mim. Eu troquei de nome porque queria uma identidade durante uma época vazia e incoerente da minha vida. E agora dei ao meu filho o nome de seus pais para que ele saiba que está ligado a homens bons – para que saiba que não está sozinho. Quero que ele se lembre dos homens que o amam.

Há momentos sagrados que nos transformam para sempre; momentos que nos levam a uma jornada que jamais imaginamos. O nascimento de meu filho foi um desses momentos para mim. Fiquei caidinho por ele. Fiquei deslumbrado com aquela criaturazinha enrugada, que mais parecia uma lagartixa. A represa no meu coração explodiu no dia do seu nascimento, e fui inundado de amor por meu filho.

Contudo, a mesma inundação trouxe mais do que amor. Ela também trouxe uma nova preocupação; uma que eu jamais tivera: “E se eu perder este garotinho?”. Súbito, duas fortes emoções me sacudiam: amor avassalador e medo paralisador. Eu queria correr para meu filho e, contudo, queria fugir dele.

Naquele exato momento compreendi que cometera um sério erro. Meu amor por aquele garotinho havia me capturado. Eu sempre mantivera uma distância segura de todos. Assim, se alguém me rejeitasse, eu não sofreria, porque não era achegado a ninguém. Contudo, aquele dia, na sala de parto, permaneci indefeso enquanto um minúsculo bebê roubava meu coração. Ele adentrou meu mundo como os ventos de uma furiosa borrasca e arrancou os frágeis fios do meu casulo emocional.

Um mês mais tarde, um de nossos piores pesadelos se concretizou. No fim-de-semana de Quatro de Julho, minha esposa e eu queríamos sair por algumas horas. Havíamos planejado ir a um concerto com alguns amigos. Mas, quando chegou a tarde de sexta-feira, Suzanne se sentiu indisposta a ir ao concerto: “Não me sinto bem em sair”, era tudo o que ela conseguia explicar. Eu tinha, a essa altura, aprendido a confiar na intuição dela. Resolvemos que eu iria ao concerto, visto ser quem mais gostava de bandas.

Tarde naquela noite, quando voltei para casa, eu sabia instintivamente que alguma coisa estava muito errada. Entrei em casa e quando me aproximei do nosso quarto, pude ouvir Michael berrando de dor. Minha esposa tinha uma expressão de terror no rosto.

– O que está ele tem? – perguntei. Tomei Michael nos braços e tentei confortá-lo. – Ele parece quente. Você mediu sua tem-

peratura? – Em seu pânico e frustração, ela se esquecera de medir a temperatura de Michael.

Sua temperatura estava alta, muito alta. Conhecíamos o suficiente sobre bebês para saber que tínhamos de levar Michael ao hospital imediatamente. Quando chegamos, a enfermeira uma vez mais mediu sua temperatura. Imediatamente o Pronto Socorro explodiu em ação. Uma enfermeira saiu correndo para chamar um pediatra. O médico chegou dentro de minutos e explicou que nosso filho corria sério perigo. Michael podia estar com meningite raquidiana. O médico pediu um monte de exames.

Eu fiquei desorientado com todo o terror e a confusão. Eu não tinha a menor idéia do que significava “meningite raquidiana”, mas minha mente disparou com pensamentos de dano cerebral ou morte. O médico nos pediu que ficássemos na sala de espera enquanto ele e sua equipe faziam os testes, mas eu recusei. Eu não podia suportar deixar Michael sozinho.

Eu estava ruindo lentamente por dentro. Já havia passado por muitas emergências médicas relacionadas a mim mesmo, mas nunca estivera tão apavorado assim. Também, desta vez, era diferente! Esta crise não dizia respeito a mim; dizia respeito a meu filho. Não havia muito tempo para pensar.

Um técnico de radiologia irrompeu pela porta e nos levou – eu e Michael – a uma sala para tirar um raio X dos seus pulmões. Os momentos seguintes estão marcados para sempre em minha memória. O técnico desapareceu e eu elevei meus pensamentos para Deus. Eu estava com muito medo – mas, ao mesmo tempo, furioso! Como Deus Se atrevia a brincar com meu filho?

Segurando Michael junto ao peito, eu caminhava pela sala e lutava com Deus. Contudo, poucos minutos depois, minha ira se aplacou e comecei a fazer uma oração estranha: “Pai, por favor, não o leve – leve a mim. Se isto é sério e vais levá-lo, por favor, leve-me no lugar dele. Permita que ele viva!”

Por mais absurda que fosse a minha oração, eu falava a sério. Não sugiro esta oração como modelo para enfrentar a adversidade, mas naquela hora, era algo que eu não podia forçar a desaparecer. Era uma oração que eu tinha de orar.

Felizmente, em vez de meningite raquidiana, nosso filho tinha uma infecção viral séria, que passou em três dias. Durante aquelas horas de crise, entretanto, um momento sagrado se abatera sobre mim: aprendi que eu estava disposto a dar a minha vida por meu filho. Cheguei perto de um vislumbre fugaz do que significa viver por outra pessoa. Mais tarde naquela semana, me surpreendi refletindo o seguinte: “Acho que estou começando a entender. Minha vida não é minha. Sou chamado a viver para os outros. E quero fazer isso. Talvez seja isso que ‘ser homem’ significa”.

Naquela noite, eu não teria hesitado nem um segundo em dar a minha vida a fim de poupar a do meu filho. Ondas de paternidade haviam-se erguido dentro de mim e exigiam que eu agisse em favor de Michael. Eu não podia controlar aquilo, tampouco podia refutar.

A possibilidade de perder meu filho me ensinou verdades surpreendentes sobre o significado de ‘ser homem’. Aprendi que eu já tenho o que é preciso para ser um homem – que há paixões bem no fundo do meu ser. Há emoções e crenças fortes fervilhando lá dentro. Ninguém me levou a fazer aquela oração por meu filho. De fato, a intensidade dos meus sentimentos me desnortearam naquela noite. Por mais apavorado que eu estivesse, algo dentro de mim parecia forte. Eu nunca me sentira tão atemorizado e sem controle – mas isso não importava. Algo muito maior do que o meu terror brotou dentro de mim.

Aprendi que ser homem não é uma fórmula a ser descoberta ou um segredo a ser revelado. Não há nenhuma peça faltando em minha alma que precise ser recolocada, da mesma forma que um membro arrancado é reimplantado no corpo. O verdadeiro problema não é o que nos falta. Antes, a verdadeira tragédia, tem sido a minha recusa de pôr em prática aquilo que é mais verdadeiro a meu respeito.

Aprendi que o homem foi projetado para viver para outra pessoa. Mas em toda a minha vida, meus sentimentos de inadequação me haviam convencido a viver para mim mesmo. Acho que eu teria enfrentado a emergência do meu filho de maneira diferente se ela tivesse ocorrido há alguns anos atrás.

Eu provavelmente o teria entregue ao médico e depois ido me esconder em algum canto escuro do hospital até a emergência passar. Por um breve momento – e sem tempo para praticar – tornei-me o homem que sempre quis ser.

Meus sentimentos de inadequação já não eram mais desculpa para eu fugir assustado, ou me omitir de estar presente para proteger meu filho e minha esposa.

Nos cinco últimos anos, tenho sido capaz de falar esperançosamente. Não falo nem vivo perfeitamente; de fato, ao escrever este capítulo estou dolorosamente consciente de minhas inseguranças e fracassos. Mas, algo mudou para mim. Encontrei a esperança que gostaria de partilhar com vocês. Esta esperança não é uma fórmula a ser seguida cuidadosamente, mas uma história misteriosa a ser adentrada.

Minha esperança brota de duas verdades:

Sou Inadequado

Por anos, fingi ser adequado. Mas só estava “fazendo de conta”. Havia, em meu passado, circunstâncias devastadoras que me diziam que eu era deficiente. Admitir essa deficiência, contudo, significava morte para mim. Embora em me sentisse inadequado em tudo, mantinha uma fachada competente. Era um garotinho em terno de homem.

Hesitei em me casar, em ter filhos, em desenvolver amizades significativas, porque não tinha a menor idéia do que era ser homem. Todas as minhas inadequações me convenceram de que eu não estava à altura do encargo. Minha definição de homem era alguém que nunca sente medo, alguém que se sente adequado sempre. Assim, eu trabalhava com afinco para compensar a minha fraqueza.

Colecionei diplomas de pós-graduação, formando-me com a maior nota da classe. Esforcei-me por ser um dos melhores professores no campus. Mas todas essas conquistas não resolveram. Eu ainda me sentia deficiente. Acreditava que o dia em que eu fosse homem seria o dia em que eu me sentiria adequado – o dia em que todas as minhas deficiências sumiriam. De

fato, a obsessão que me consumia na vida era a de conquistar minha inadequação. Então eu poderia ser o homem que sempre sonhei ser.

Mas essa é a definição de Deus do que significa ser homem? Lembre-se de Adão durante a tentação. Ele vivia num mundo perfeito. A serpente era algo inteiramente novo para ele. E não temos indicação de que Deus tivesse prevenido Adão sobre a serpente. Adão, provavelmente, não tinha a menor idéia de como deveria ter reagido. Em resumo, ele não era adequado para a tarefa. Contudo, Adão poderia ter estado presente, poderia ter sido poderoso, poderia ter-se lembrado do que Deus ordenara.

Quando o caos se intromete em meu mundo, quero saber a resposta certa. Tenho de saber a maneira certa de agir antes de fazê-lo. Quero ser adequado.

Talvez você conjecture: Por que Deus não falou na hora da tentação? De fato, há dois personagens silenciosos em Gênesis 3: Adão e Deus. Deus não fala em Gênesis 3. Ele não removeu a confusão da vida de Adão ou o caos do seu mundo. O simples fato é que Deus demonstrou um profundo respeito por Adão. Deus exigiu que ele fosse homem.

Deus, também, não remove a minha confusão. A minha vida toda, desejei – implorei – a Deus que removesse o caos do meu mundo para que eu pudesse me tornar homem. Eu queria que Ele apertasse um interruptor na minha alma para que eu pudesse mudar. Eu não me moveria adiante no meu mundo até que me sentisse adequado.

Contudo, minha hesitação não era coisa pouca aos olhos de Deus. Na verdade, ela era uma violação da intenção de Deus para mim. O caos da vida é a dádiva de Deus para os homens. Sem confusão e tragédia, jamais seríamos os homens que Deus nos projetou para ser. Através de tudo isso Ele requer que confiemos, não em nós mesmos, mas, n'Ele. E minha furiosa exigência de ser adequado era uma forma de confiar em mim mesmo, em vez de confiar em Deus. Por anos, meus sentimentos de inadequação me impediram de ser poderoso na vida dos outros, porque eu não podia confiar em Deus para me ajudar a mover-me através do caos do meu mundo.

John Steinbeck conta uma história reveladora em seu livro *Cannery Row*. Dois homens, no romance, estão discutindo sobre outro personagem chamado Henri, um pintor. Henri é um homem estranho e, boa parte do tempo, um sonhador. Mas há uma coisa que ele faz bem: construir barcos. Henri é um mestre artesão que passa a maior parte da vida construindo um barco num lote vazio. Por anos, ele junta materiais – madeira, tinta, latão, parafusos, pregos – para construir um barco magnífico. E Steinbeck diz sobre Henri: “Como construtor de barcos, ele era esplêndido. Henri era um artesão maravilhoso. O barco era esculpido, em vez de construído.”

Mas, há um problema. Henri nunca termina seus barcos. Ele os constrói linda e perfeitamente, mas se recusa a terminá-los. Toda vez que está perto de completar seu barco, ele muda de direção e começa a construir um barco novo e diferente.

Eis aqui a conversa que os dois personagens têm a respeito de Henri:

“Doc deu uma risadinha.

* – Ele ainda está construindo o barco?

– Claro – disse Hazel. – Ele mudou tudo. Novo tipo de barco. Acho que ele vai desmontá-lo e mudá-lo. Doc – ele é doido?

Doc derrubou ao chão o pesado saco de estrelas-do-mar e ficou ali, ofegando um pouco.

– Doido? – perguntou. – Oh, sim, acho que sim. Doido mais ou menos tanto quanto nós, apenas de uma forma diferente.

Uma coisa dessas nunca ocorrera a Hazel. Ele se via como uma lagoa cristalina de clareza e sua vida como um vidro inquieto de virtude mal compreendida. A última afirmativa de Doc o deixara um tanto ofendido.

– Mas aquele barco... – bradou. – ...ele está construindo aquele barco há sete anos, que eu saiba. Os blocos apodreceram e ele fez blocos de concreto. Toda vez que ele chega perto de terminar, muda tudo e começa de novo. Acho que ele é doido. Sete anos num barco! Doc estava sentado na areia, tirando as botas de borracha.

– Você não entende – disse ele suavemente – Henri ama os barcos, mas tem medo do oceano.”

Já construí muitos barcos na vida. Construí alguns deles com maestria. Como declarei antes, em minha história inicial, eu realizara alguns dos meus sonhos mais caros até os vinte e oito anos de idade. Mas, construí essas realizações em áreas que não eram primárias. Antes, estava construindo nas áreas que eram seguras para mim – ensinar, pregar, estudar. Quando se tratava das áreas mais importantes – casamento, filhos, amigos – eu vivia aterrorizado. Oh, eu dava a impressão de estar construindo: serrava desesperadamente as tábuas, aplainava o remate e montava as ferragens. E, provavelmente, eu parecia um homem ao fazer tudo isso. Mas eu me sentia como um menino. Tinha medo do oceano, por isso trabalhava para convencer a mim mesmo de que não tinha. Eu trabalhava duro para vencer minha inadequação como homem porque eu não navegaria no oceano enquanto não acreditasse que era adequado. Como todo homem, luto com a inadequação. O que devemos fazer com isso?

Minha Inadequação é a Minha Força

Homens piedosos são homens quebrados. Eles não têm nada a provar e nada a perder. Eles se arriscam. Exercem grande fé. São amantes apaixonados.

O caminho do mundo é o de ser forte em lugares fortes. Mas essa é uma liderança gentia. A liderança gentia envolve homens fortes dominando pessoas fracas. São homens poderosos usando outros para seu próprio benefício.

Mas Deus nos chama para sermos fortes em lugares quebrados. Quando nos definimos em termos de nosso quebrantamento e não de nossa força, seguimos o exemplo do único homem perfeito. Ele descreveu Seu chamado nesta vida desta forma: *“Eis que vamos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais dos sacerdotes e aos escribas, e eles o condenarão à morte. Eles o entregarão aos gentios. Eles zombarão dele, e cuspirão nele, e o açoitarão, e o matarão”* (Mt 20.18-19 – tradução do autor).

O Filho do Homem – o homem perfeito – veio para ser entregue nas mãos dos Seus inimigos, para ser traído por aqueles que amava. Ele veio para estabelecer Seu Reino através da Sua morte, não através de força aparente. Ele deliberadamente Se entregou àqueles que, sabia, iriam matá-Lo.

Entretanto, vivo de forma a assegurar que jamais serei traído. Quando minha esposa diz que estou errado, eu discuto com ela até ela não ter saída. Sou como um advogado, preparado para retaliar contra qualquer ataque. Não darei meu coração livremente para não ser traído. Compreendo a seriedade de viver num mundo brutal e que o homem que dá de si mesmo, no fim, sacrificará apenas a si mesmo. Neste lado do Céu, o caos sempre vencerá.

Mas, nosso chamado como homens não é diferente do de nosso Mestre. Crescer no meu mundo me ensinou que somente os homens fortes, insensíveis, duros, sobrevivem e se tornam bem-sucedidos. Cristo, pelo Seu ensino e por Sua própria vida, nos ensinou que somos mais fortes nos nossos lugares mais quebrados.

Eu via meus lugares quebrados – a perda precoce de meu pai, minhas inseguranças profundamente arraigadas e disposição sombria, minha propensão ao silêncio, meu medo de intimidade – como desculpas para viver uma vida sem amor.

Todavia, enquanto me recuso a ser quebrado, a ser traído, continuo a ser aquele garotinho de terno. E é somente o meu quebrantamento que me traz vida. Quebrantar-me com as minhas tragédias e com o meu pecado me permite ser o homem que há muito tempo eu fui chamado a ser, na mente de Deus.

Homens piedosos são homens quebrantados. Se compreendêssemos esta verdade, não haveria adultério, não haveria divórcios. Não abusaríamos de nossos filhos ou dos filhos dos outros. Não estaríamos nas prisões. Em vez disso, relembraríamos a nossos filhos a história de Deus. Se estivéssemos dispostos a morrer pelos outros, então, talvez, não houvesse mais crianças morrendo de fome na Somália ou órfãos em Ruanda. Não haveria mais violência. Este, seria um mundo bem melhor.

QUE HISTÓRIA VOCÊ VAI CONTAR?

Contaremos histórias no Céu. Que história você vai contar? Você dará, tristemente, os detalhes da vida de um homem obstinado que nunca se permitiu ser incapacitado pelas coisas trágicas ou pecaminosas em sua vida? Vai descrever um homem que tinha medo demais para confiar em Deus?

Eu espero contar um tipo de história diferente. Minha história não será sobre um Deus que removeu o caos da minha vida. Minha história será, essencialmente que, a despeito disso – e a despeito de todos os obstáculos, confusão e temores –, confiei em Deus. Direi que Ele nunca tirou minhas inseguranças, mas, por Sua graça, encontrei a coragem para confiar n'Ele mesmo assim. E olhe o que Ele por meu intermédio! Dá para acreditar? Ele usou as minhas fraquezas, todas elas, para trazer glória a Si mesmo!

O que capacitará cada um de nós a contar histórias como essa? O que nos capacitará a sermos homens piedosos? A pergunta realmente devia ser: Quem torna isso possível para nós?

O Segundo Adão intrometeu-se em nosso mundo, séculos atrás, e fez o que o primeiro Adão deixou de fazer: Ele adentrou o caos e feriu de morte a serpente de antigamente. O Segundo Adão, o Verbo encarnado, reverteu a obra do primeiro Adão.

E, agora, tenho a oportunidade de viver à imagem do Segundo Adão. Posso falar. Posso amar. Posso estar presente e minha presença pode tirar os outros de seu silêncio sufocante.

LARRY CRABB

*"Se nos quisessem devorar demônios não contados,
Não poderiam derrotar nem ver-nos assustados.
O príncipe do mal, com seu plano infernal,
Já condenado está; vencido cairá por uma só palavra."*

Martinho Lutero, Castelo Forte

Agora, com cinquenta anos de idade, vejo que a vida é muito mais confusa e imensuravelmente mais difícil do que quando eu tinha vinte, trinta, ou quarenta anos. (No que será que vou acreditar quando estiver com sessenta ou oitenta anos? Estou contando com mais fé até lá.)

Deixe-me dar uma idéia da impressão que tenho da minha vida agora – com sua escuridão, com meus medos, com movimentos muito mais difíceis e muito mais significativos do que nunca, em meu relacionamento com Cristo, com a tentativa de segui-Lo rumo à masculinidade.

As noites escuras são tão negras quanto uma caverna; são menos freqüentes e menos longas do que antes, mas, mais escuras do que nunca. Antes havia sempre uma luzinha acesa durante a noite. Agora, me encontro em uma escuridão tão espessa que posso senti-la – sem poder enxergar nada, com medo de me mover, tateando à procura do interruptor na parede, ou da lanterna na escrivaninha. Quando estou nessa escuridão, procurar uma luz que eu possa acender é o único movimento que arrisco.

Então eu o encontro: o interruptor elétrico que conheço, a meia altura da parede, a cinco centímetros da porta. Eu o ligo e...nada! Estamos sem eletricidade. Apalpo a escrivaninha e

corro a mão sobre ela até tocar a lanterna. As pilhas estão descarregadas.

E fico ali, na confusão de um mundo que não faz nenhum sentido visível; perplexo, sobre o que devo fazer em seguida. Perdi o interesse em explorar a escuridão. Toda vez que tento apalpar, raspo o joelho em alguma coisa cortante ou bato com a cabeça em algo duro. Sinto dor e tontura. A escuridão perdeu o seu fascínio. Já não dá a impressão da aventura que é ficar bisbilhotando no quartinho de despejo de uma casa antiga. Aquilo era divertido. Este aposento parece assombrado. Tenho a impressão de que os movimentos são perigosos. Aprendi a permanecer imóvel.

Mas só se pode ficar imóvel por certo tempo. Algum movimento parece indispensável. Minha mente começa a trabalhar: “Eu queria saber como cheguei aqui. As coisas costumavam ser mais simples e mais claras e muito, mas, muito mais, felizes. Talvez, se eu conseguir descobrir o caminho que me trouxe a esta sala horrível, eu possa seguir minhas próprias pegadas e cair fora daqui.”

Minha mente de conselheiro engrena com um tranco: “Vamos ver, quando eu tinha seis anos, minha mãe... No carro aquele dia, Papai... A imagem ainda é clara para mim da época em que...”

Logo me canso. Acompanhar esse tipo de pensamento parece menos um retrospecto e mais o adentrar sem querer num labirinto.

Então, ouço um amigo chamando meu nome: “Estou na sala vizinha. Há um pouco de luz aqui. Talvez você possa seguir a minha voz para sair da sua sala para a minha!” – respondo.

Sinto esperança. Conheço meu amigo. Ele é bondoso e inteligente. Pelo menos, ele pode ver aonde está indo e o que está fazendo. Talvez ele me possa levar à luz.

Ele fala de novo: “De onde estou, posso ver que a escuridão que o cerca tem duas fontes: o aposento em si (Como foi que você chegou aí?), e seu próprio coração (que temo seja muito mais escuro do que você pensa). Se pudermos entender a natureza da sua escuridão, a compreensão, em si, pode esclare-

cer as coisas. Olhemos primeiro o aposento. O lugar onde você se encontra é desesperadamente confuso. Você precisa aceitar esse fato. Na verdade, não há diretrizes definidas para orientá-lo a se mover a fim de que você obtenha o que quer. Enfrentar isso talvez ajude.

“E seu coração? Conjecturo se há forças dentro de você, as quais você nunca, antes, admitiu. Talvez seja preciso dar uma boa olhada em como você realmente é. Você pode ser muito exigente e mesquinho. Por vezes, muito arrogante. Ora, não desanime. Há também muita coisa boa em você. Sua vida tem abençoado a muitos e eu sou uma dessas pessoas. Talvez, se você vir tanto o bem quanto o mal dentro de si, você terá razão de se sentir entusiasmado e saberá o que é, em você, que deveria causar quebrantamento.

Talvez isso ilumine o caminho que você deve tomar.”

Quanto mais ele fala, menos interessado vou ficando. Se eu lhe contasse isso, temo que ele chamasse essa atitude de resistência. Eu chamo de tédio. Há algo com que ficar fascinado, mas não é isto aqui. Estou cansado de ouvir as coisas que fascinam a maioria dos conselheiros.

Então, com a resignação de um empregado voltando ao trabalho depois de um cafezinho, relembro a mim mesmo as minhas responsabilidades. Mesmo no escuro, consigo encontrar um jeito de pecar. Talvez, meu corpo não possa se mover, mas, minha mente, pode com certeza. As fantasias sexuais têm o seu apelo; imagens iradas se convidam a entrar no meu consciente.

Digo a mim mesmo: “Não, isto não é certo! Preciso controlar estes pensamentos. Eu os substituirei por orações pelos outros que estão na escuridão e por aqueles que vivem na luz artificial.”

Minha boa determinação parece pesada, como um fardo do qual eu já me tivesse livrado mas agora apanhasse de novo. Essa não pode ser a rota da alegria.

Cá estou eu, com cinquenta anos, um cristão por mais de quatro décadas, psicólogo, professor e autor – e estou parado num aposento escuro, paralisado. Está na hora de fazer uma avaliação, de uma forma que eu não poderia fazer fora deste

aposento horrível. Talvez eu esteja num lugar bom para aprender aquilo que só pode ser aprendido no escuro.

Fontes de luz que costumavam ser confiáveis não oferecem nenhuma ajuda. O movimento é impossível. Avaliar a escuridão – tanto na alma quando no mundo – promete revelar apenas mais confusão. Determinação moral é uma boa coisa, é claro, mas a bondade por escolha parece impossível de ser atingida.

Então, o que devo fazer? Estou com cinquenta anos, parado – como um manequim –, num aposento escuro, incerto do que o tempo trará, desejando de todo o coração fazer algo, desejando qualquer coisa que não seja esta esmagadora passividade.

Volto meus pensamentos para o traquinas sorridente que lhes mostrei nas páginas iniciais deste livro. E examino quem sou agora, à luz do que alego crer.

Quando criança, eu tinha dois grandes problemas: primeiro, morria de medo de meu chamado para viver como homem neste mundo incerto; segundo, eu não podia escapar disso. Meu sorriso escondia o meu medo. Minha “traquinagem” era uma expressão imatura do chamado a que eu não conseguia escapar – o chamado para mover-me da maneira que apenas eu podia mover. Tanto o sorriso, quanto a traquinagem mantinham as luzes acesas. Agora as luzes se apagaram. Será que isto é bom? Será que o sorriso se foi, o traquinas agora é alguém que se move? Estou-me transformando num poeta risonho que vivencia o caráter de Deus através de minha singularidade?

Minha esposa, por cerca de trinta anos, me diz que não sorrio tão bem agora, ou com tanta freqüência, quanto costumava sorrir. Dou-lhe a impressão de estar mais sério. E isso não é bom. Às vezes, abordo a vida como se fosse uma tarefa opressiva, um dever compulsivo que não permite o riso. Ela gostaria que eu a abordasse como se fosse uma louca aventura: cheia de altos e baixos que, como um filme antigo, se move rumo a um ato final de heroísmo que coloca tudo no lugar. Acho que a parte do riso não está indo muito bem. Tampouco, consigo encontrar o caminho que levaria de volta a um sorriso travesso de criança.

A parte da poesia tem, também, os seus problemas. Alguns vislumbres da força vitalizadora de Deus escapam sorrateiros

através da confusão da minha existência. Não são muitos mas, agora, talvez mais do que antes.

E contudo, no meio disto tudo, sinto-me encorajado – não por qualquer olhadela no espelho, mas por uma olhadela para cima que vê um lindo quadro, como uma criança vendo um gracioso cavalo nas nuvens brancas. Só que esse cavalo realmente está lá.

Ainda não vi Cristo, mas O estou procurando mais do que nunca. Às vezes, reconheço o Seu contorno. O que é mais importante: creio que agora Ele está ali para ser visto, que Ele deseja ser visto, e que eu O verei – talvez não O veja plenamente nesta vida, mas é possível que eu chegue bem perto disso.

Pressinto Sua paixão, sinto Seu movimento. Acho que sei um pouco do que Ele quer ver se desenvolver em minha esposa e filhos e em alguns amigos. E, realmente, acho que Ele pode me usar para ajudar a fazer isso acontecer, não da maneira que um treinador de basquete usaria sua estrela numa jogada crucial, mas, mais da maneira como Cristo alimentou uma grande multidão com um lanchezinho.

É difícil sorrir num aposento escuro. Não há ninguém nos vendo sorrir. O sorriso, percebo agora, era para uma audiência. Parece muito menos importante, agora, impressionar ou entreter alguém. O riso ainda não está ali, mas – como alguém que entende uma piada muito depois do desfecho – vou rir. Sei que isso está vindo; só que eu demoro um pouco.

E essa determinação malandra de não me conformar está, penso eu, amadurecendo numa liberdade de seguir o meu chamado – esse chamado único sobre a minha vida que significa: menos seminários, mais tempo para pensar, ler livros que me obriguem a pensar (em vez de meramente me informar), a me deter em conversas reservadas mais longas com algumas pessoas.

Durante essas noites escuras, ainda não posso vislumbrar coisa alguma, quando olho ao redor. A escuridão é intensa demais. Mas posso ouvir. E às vezes ouço a voz inconfundível de Deus. Ela não está no vento, nem no fogo, nem no terremoto. A escuridão me fez permanecer imóvel o suficiente para ouvir um sussurro suave.

E é uma voz doce e forte e boa. Quero fazer o que ela diz, embora signifique que preciso mover-me nesta escuridão apavorante. Vejo minha esposa, que já não é jovem, como mais bela do que nunca. Meus filhos parecem menos duas razões para eu me preocupar e mais duas oportunidades bem-vindas para investimento e regozijo contínuos.

O dinheiro ainda é muito importante, mas a perspectiva de verdadeiramente ministrar às pessoas está chegando perto. Este mundo está se tornando menos e menos confortável. E à medida que isso ocorre, uma luz dos Céus começa a penetrar a escuridão. Eu a vejo. Quero segui-la. Quero caminhar fielmente no caminho que ela ilumina. Quero ir para casa – como um **HOMEM!**

Notas

- ¹ N.E.: Esta é uma tradução livre da versão empregada pelo autor, no original em inglês (NVI), de Gn 3.6, que declara: "...and ate it. She also gave some to her husband, who was with her, and he ate it". Destacamos que a versão em português da NVI supprime exatamente a parte que Larry Crabb enfatiza e que apresentamos grifada.
- ² Oswald Chambers: *Abandoned to God* (À Mercê de Deus), uma biografia por David Mc Casland (Grand Rapids: Discovery House Publishers, 1993), 74-75.
- ³ Não creio que todos os problemas pessoais sejam resultado direto do pecado pessoal deliberado, que mais obediência pode curar. Veja: *Atravessar Problemas e Encontrar a Deus*, Editora Sepal, São Paulo, 1997, onde abordo mais profundamente essa questão.
- ⁴ N.E.: Cumpridores da Promessa – Movimento cristão evangélico masculino com enorme popularidade nos Estados Unidos, especialmente no final da década de 90, que desafia o resgate da liderança masculina, em sua plenitude, nos lares, na Igreja e na sociedade, de maneira amorosa e madura, baseado em ensinamentos bíblicos.
- ⁵ Versão bíblica: Corrigida – Almeida.
- ⁶ N.T.: Tradução do autor.
- ⁷ N.E.: O Pr. Samuel Ribeiro, titular da cadeira de hebraico da Faculdade Teológica Batista de São Paulo informa que, na verdade, a grafia correta em hebraico desta expressão (com ela) seria *Imab* e não *Imba*.

- ⁸ O Pr. Samuel Ribeiro também informa que, neste caso, o correto seria *ah* e não *ha*.
- ⁹ A passagem de Isaías, naturalmente, também se aplica às mulheres e na mesma proporção que se aplica aos homens. Toda abordagem da vida que não esteja centralizada na confiança acaba produzindo grande sofrimento.
- ¹⁰ N.E.: Expressão usada entre os homossexuais que significa assumir publicamente sua homoxessualidade.
- ¹¹ Vale a pena mencionar de passagem que Samuel de fato retornou com Saul, mas não para honrá-lo. Ele, antes, fez morrer o rei amalequita, Agague, a fim de executar a ordem de Deus que Saul havia desobedecido. Saul permaneceu no trono, mas as coisas foram de mal a pior até que ele finalmente tirou a própria vida. Aqueles que acendem seu próprio fogo recebem uma coisa da mão do Senhor: eventualmente se deitarão em tormentas (Is 50.11).
- ¹² Veja *Bold Love* (Amor Audacioso), do Dr. Dan Allender e Dr. Tremper Longman, para uma discussão completa sobre o que o amor exige das pessoas em relacionamento com alguém destrutivo (Colorado Springs: NavPress, 1992).
- ¹³ Há um grande perigo aqui. Os filhos freqüentemente acreditam que não podem se tornar melhores do que seus pais. Todo pai que “venceu” falhou de alguma maneira. Somente o Homem Perfeito venceu plenamente. Nosso chamado é o de nos assemelharmos a Ele, não aos nossos pais terrenos. E Deus dá poder para nos tornarmos como Cristo, mesmo de maneiras que nossos pais nunca conseguiram. Nunca permita que um pai limite sua visão de si mesmo.
- ¹⁴ Citado em *Christianity for Modern Pagans* (Cristianismo para Pagãos Modernos), por Peter Kreeft (São Francisco: Ignatius Press, 1993), 95.
- ¹⁵ “A escuridão da luz de Deus” é uma frase fascinante atribuída a Oswald Chambers, tirada talvez de Isaías 50.10-11.